

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
CURSO DE MESTRADO

ADRIELLY DA SILVA GOMES

**A ANCESTRALIDADE COMO VEREDA PARA COMBATER O RACISMO
ESTRUTURAL: UMA ANÁLISE LITERÁRIA E CULTURAL DA OBRA *PONCIÁ
VICÊNCIO*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO.**

RECIFE
2024

ADRIELLY DA SILVA GOMES

**A ANCESTRALIDADE COMO VEREDA PARA COMBATER O RACISMO
ESTRUTURAL: UMA ANÁLISE LITERÁRIA E CULTURAL DA OBRA *PONCIÁ
VICÊNCIO*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Ciências da Linguagem, na linha de pesquisa: Processos de Organização Linguística e Identidade Social, sob orientação da Profa. Dra. Maria de Fátima Vilar de Melo e coorientação do Prof. Dr. André Luís de Araújo.

**RECIFE
2024**

G633a Gomes, Adrielly da Silva.

A ancestralidade como vereda para combater o racismo estrutural : uma análise literária e cultural da obra Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo / Adrielly da Silva Gomes, 2024.

100 f.

Orientadora: Maria de Fátima Vilar de Melo.

Coorientador: André Luís de Araújo.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem. Mestrado em Ciências da Linguagem, 2024.

1. Análise do discurso literário. 2. Racismo.
3. Evaristo, Conceição, 1946-. 4. Enunciação, Teoria da.
5. Negros - Identidade racial. I. Título.

CDU 801

Luciana Vidal CRB4/1338

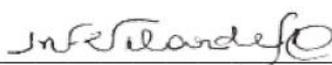
**A ANCESTRALIDADE COMO VEREDA PARA COMBATER O RACISMO
ESTRUTURAL: UMA ANÁLISE LITERÁRIA E CULTURAL DA OBRA PONCIÁ
VICÊNCIO, DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

ADRIELLY DA SILVA GOMES

Dissertação de Mestrado submetida à banca examinadora como requisito parcial para a
obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem.

Data: 05 de março de 2024.

Banca examinadora:



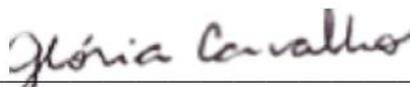
Prof.ª Dr.ª Maria de Fátima Vilar de Melo
Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) – Orientadora



Prof. Dr. André Luís de Araújo
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO) – Coorientador

Documento assinado digitalmente
gov.br MELISSA GONCALVES BOECHAT
Data: 22/05/2024 20:55:45-0300
verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof.ª Dr.ª Melissa Gonçalves Boëchat
Universidade Federal dos Vales Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) – Examinadora externa



Prof.ª Dr.ª Glória Maria Monteiro de Carvalho

Examinadora externa



Prof.ª Dr.ª Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo
Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) – Examinadora interna

RECIFE

2024

AGRADECIMENTOS

No mundo de vocês é o papel, no meu, a palavra.
(Mestre José Boiadeiro).

Gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos, começando com uma citação do meu padrinho Boiadeiro, que destaca a importância e a autenticidade da palavra em seu mundo ancestral como uma fonte vital de comunicação e confiança em seus descendentes e naqueles a quem ele busca apoiar. A palavra tem sido minha força propulsora para realizar meus maiores sonhos, e foi ao estudar a oralidade e sua relevância que pude compreender ainda mais a importância das palavras desse ancestral ao qual tenho acesso. É por meio de algumas palavras escritas, mas que serão enunciadas nos momentos oportunos, que expresso minha gratidão a cada pessoa que me motivou e ajudou a chegar até aqui.

Primeiramente, gostaria de agradecer à minha mãe, Odoyá, por fortalecer meu ori e torná-lo forte e vencedor. Também expresso minha gratidão aos meus amigos já falecidos, meus padrinhos, madrinhas, companheiros e companheiras da Jurema Sagrada, que continuam a me fortalecer mesmo além da vida terrena. À minha família material e espiritual, expresso profundo agradecimento à minha mãe, Ozanira; ao meu pai, Daniel; ao meu marido, Tiago; ao meu Pai de Santo, Danilo; minha Mãe de Santo, Lucimere; à minha madrinha da Jurema, Rosangela; e às minhas irmãs, Bruna e Vivian, por terem sido meu sustento para alcançar lugares inimagináveis. Nos momentos mais difíceis, vocês foram solo fértil com raízes seguras. Agradeço por cada vez que fui levantada por todas as energias positivas e credíveis que me cercavam.

Serei eternamente grata por esta família e por todas as nossas experiências compartilhadas. Agradeço do fundo do coração aos meus amigos Luan, Ieda, Eduardo, Pamella Hewelly, Eduarda e Maria Vitória, por estarem presentes nos momentos mais desafiadores e me ajudarem a seguir em frente. Obrigada por ouvirem meus desabafos, por sua empatia e por florescerem minha existência com solidariedade e amizade.

Não posso deixar de agradecer aos meus queridos amigos e orientadores, os professores Maria de Fátima Vilar de Melo e André Luís de Araújo, por me guiarem de maneira tão genuína pelo caminho da pesquisa e por me apoiarem e incentivarem a ir sempre além. Com vocês, aprendi o verdadeiro significado de ser um profissional humanizado, amigo e comprometido com a orientação e o conhecimento dos pesquisadores.

Serei eternamente grata a cada pessoa mencionada neste trabalho; esta dissertação também é dedicada a cada um de vocês.

RESUMO

Constantemente, o racismo estrutural é visto como o início e o fim da história da população negra na sociedade brasileira, e essa narrativa permeia o imaginário social como uma história única. Diante disso, este trabalho de dissertação se propôs a desenvolver uma compreensão de que a história das pessoas afro-brasileiras vai além dessa estrutura nefasta, que se manifesta em diversas facetas, incluindo o racismo estrutural. Buscou-se, por meio da análise da obra *Ponciá Vicêncio*, averiguar se a ancestralidade poderia ser um caminho fecundo para combater o racismo. Além disso, procurou-se observar na obra os elementos que remetem à ancestralidade e que estão presentes na vivência de muitas pessoas, dentro e fora das religiões de matriz africana. A obra *Ponciá Vicêncio* proporcionou uma ampla possibilidade para a realização de reflexões próprias e originais sobre questões relacionadas à enunciação e à performance nos estudos linguístico-literários, além de permitir uma nova reflexão sobre os estudos de Conceição Evaristo a respeito da escrevivência.

Palavras-chave: *Ponciá Vicêncio*. Conceição Evaristo. Lugar de Enunciação. Ancestralidade. Racismo Estrutural.

ABSTRACT

Constantly, structural racism is seen as the beginning and end of the history of the Black population in Brazilian society, and this narrative permeates the social imagination as a single story. In light of this, this dissertation aimed to develop an understanding that the history of Afro-Brazilians goes beyond this harmful structure, which manifests itself in various facets, including structural racism. Through the analysis of the work Ponciá Vicêncio, an attempt was made to ascertain whether ancestry could be a fruitful path to combat racism. Additionally, the work sought to observe in the book the elements that refer to ancestry and that are present in the experience of many people, within and outside African-derived religions. The work Ponciá Vicêncio provided ample opportunity for the realization of personal and original reflections on issues related to enunciation and performance in linguistic-literary studies, as well as allowing for a new reflection on Conceição Evaristo's studies on *escrevivência*.

Keywords: Ponciá Vicêncio. Conceição Evaristo. Place of Enunciation. Ancestry. Structural Racism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. A RESISTÊNCIA COMO LEGADO DE ENFRENTAMENTO E DENÚNCIA AO RACISMO.....	15
1.1 CONCEIÇÃO EVARISTO: CORPO-INDIVÍDUO-NEGRO QUE SE INSCREVE NAVIDA E NA LITERATURA.....	16
1.2 LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: RESISTÊNCIA E LEGADO.....	22
1.3 PONCIÁ VICÊNCIO: POTENTE DENÚNCIA AO RACISMO ESTRUTURA.....	29
1.4 DA ESCRIVIVÊNCIA À METAESCRIVIVÊNCIA.....	37
2. AS ANCESTRALIDADES COMO LUGAR DE ENUNCIACÃO.....	45
2.1 CONCEIÇÃO EVARISTO E A AUTORREPRESENTAÇÃO NA OBRA PONCIÁ VICÊNCIO.....	46
2.2 A MANIFESTAÇÃO DA ORALIDADE EM PONCIÁ VICÊNCIO: ENUNCIADOS COMO PULSÃO DE VIDA.....	51
2.3 ANCESTRALIDADES QUE ENLAÇAM O TEMPO: O PASSADO NO PRESENTE.....	61
2.4 A HERANÇA DE PONCIÁ: MARCA COLETIVA QUE ULTRAPASSA A FICÇÃO.....	65
3. A PERFORMANCE ENUNCIATIVA DA ANCESTRALIDADE.....	73
3.1 ESCRIVIVÊNCIA: UMA PERFORMANCE COLETIVA.....	73
3.2 MEUS PASSOS CONTAM LONGÍNQUAS HISTÓRIAS.....	81
3.3 A ESCRIVIVÊNCIA COMO EMANCIPAÇÃO PELA VIA DA ANCESTRALIDADE.....	87
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	94
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	97

INTRODUÇÃO

Esta dissertação foi desenvolvida a partir da seguinte pergunta-problema de pesquisa: pode a ancestralidade ser um caminho de combate ao racismo estrutural? Isso se faz necessário, sobretudo em uma sociedade que mata e encarcera pessoas negras cotidianamente. Buscou-se não apenas realizar um estudo denunciativo, mas, a partir da obra *Ponciá Vicêncio* de Conceição Evaristo, realizar uma análise pertinente que não reduzisse a vivência das pessoas negras apenas ao racismo estrutural. Neste trabalho, haverá momentos em que a problemática será citada, pois acredita-se na colocação de Abdias Nascimento (2019) de que não se deve negar os acontecimentos nefastos pautados no navio negreiro. Relembrar esse passado é importante, pois a escravidão foi um marco para estruturar o racismo na sociedade brasileira.

Aníbal Quijano (2005), por meio de seus estudos sobre o colonialismo, observou que um dos grandes marcadores da escravização foi colonizar por meio do poder e do saber. Isso significa dizer que uma das grandes ferramentas colonizadoras era o epistemicídio, que consistia em matar por meio do saber, apagar os saberes do povo colonizado. Por meio dessas ações, eram impostos os princípios e as culturas dos povos colonizadores, e os povos colonizados eram obrigados a seguir a cultura, a religião e aprender a língua de seus agressores. Esses estudos são importantes para este trabalho porque, embora o desejo desta pesquisa seja observar e pensar a ancestralidade como fundamental para a história das pessoas negras e não apenas o racismo como marcador histórico desses indivíduos, não se deseja, aqui, negar a sua existência. Negar a existência do racismo seria negar o que se deseja sugerir neste trabalho: o seu combate.

E, por isso, o objetivo geral deste trabalho de dissertação é realizar uma análise literária e cultural da obra *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo (2008), buscando observar a ancestralidade como um possível lugar de enunciação, com o intuito de inibir o racismo estrutural. Entender a ancestralidade como um possível lugar de enunciação é compreender que ela pode ser um lugar potente de fala e escuta, e a obra de Conceição Evaristo é um marcador essencial que possibilita tamanha sensibilidade. Assim, por meio do estudo do romance evaristiano, desejou-se denunciar o racismo estrutural presente na sociedade brasileira, mas também compreender que há elementos ancestrais legados que estão no seio e na vivência de tantos indivíduos, que poderiam ser um elemento de força para resistência e inibição do racismo estrutural.

É evidente que, assim como a sociedade brasileira mantém seu vínculo com o racismo em sua fundação, os terreiros e muitas pessoas negras têm historicamente mantido uma conexão

com suas raízes ancestrais, o que fortalece suas experiências. Esse poder, originário de uma vivência ancestral, permitiu que indivíduos negros encontrassem, conforme observado por Nascimento (2019), nos rituais de suas religiões ancestrais, um suporte para enfrentar as múltiplas formas de agressão e defender o que restava de sua identidade. Em face de um racismo institucionalizado que negava e continua negando aos negros direitos básicos, esses indivíduos, como aponta Oliveira (2012), por meio de suas práticas religiosas, se esforçaram durante anos para se reconectar e recriar sua subjetividade, guiados pelas vivências dos mais velhos e de seus ancestrais. Esses elementos, por sua vez, estão todos imbricados e emaranhados na obra de Conceição Evaristo, como uma forma de convidar o leitor, sobretudo o negro, para repensar sua forma de vida, sua história negada pelo processo histórico-social brasileiro, que se fundamentou em uma narrativa única, que retratava o negro apenas como um ser destinado à dor e à escravidão, negando, assim, qualquer grandeza em sua trajetória.

O que a obra de Evaristo nos convida a compreender é que há muito mais do que nos foi contado e mostrado e que nossos saberes, pautados a partir de uma percepção e perspectiva racista, nos limitam e nos negam saberes apagados pelo epistemicídio. Diante disso, a obra de Conceição Evaristo aborda o racismo estrutural, destacando, por meio da vida dos personagens, sua natureza sistêmica. A autora ressalta a desigualdade social e racial enfrentada por homens e mulheres negras, muitas vezes impelidos a deixar suas pequenas comunidades em busca de oportunidades financeiras na cidade, apenas para se encontrarem aprisionados e oprimidos num ciclo incessante de sofrimento, enquanto são relegados à margem da sociedade.

Além disso, são abordadas questões como a violência contra a mulher, o mito da democracia racial, a fome, a deterioração da saúde mental devido ao sofrimento cotidiano e o fardo das mulheres negras, que, mesmo após a abolição da escravidão, eram compelidas a sustentar suas vidas trabalhando nas cozinhas das mulheres brancas. A obra também evidencia o discurso de ascensão social adotado por indivíduos negros, que buscam espelhar os privilégios dos brancos, resultando na reprodução hegemônica do senso comum e na aniquilação progressiva de sua subjetividade, conforme discutido por Fanon (2008), em seu livro *Pele Negra, Máscaras Brancas*.

Portanto, esta dissertação tem o potencial de contribuir para a sociedade ao construir-se em uma forma de combate ao racismo por meio do fortalecimento ancestral, que, conforme Oliveira (2013) destaca, mesmo encontrando na razão sua aliada primordial, tem no afeto sua essência. Ademais, esse fortalecimento surge da união de um povo historicamente marginalizado, minorizado e silenciado. Nesse processo crucial de descoberta, ousaria sugerir que o caminho mais promissor reside em um futuro ancestral, pois é nessa trajetória que se

delineia a construção de um espaço enunciativo onde a subjetividade do indivíduo negro se manifesta a partir da ancestralidade, que promove, sobremaneira, a importância da fala e da escuta e, por isso, esses princípios estão fortemente fundamentados nos estudos de Bakhtin sobre enunciação e dialogia.

Os elementos da fala e da escuta desempenham um papel crucial na cultura africana, onde é imperativo não apenas expressar-se, mas também ouvir e compreender antes de tomar decisões. Esses elementos também são fundamentais nos estudos bakhtinianos, pois Bakhtin destaca que a compreensão precede a resposta. Nas religiões de matriz africana, o lugar de escuta é muito mais potente que o lugar de fala, pois a fala, na maioria das vezes, pertence aos ancestrais, que, por meio de seus ensinamentos, vão direcionando e aconselhando àqueles que os procuram em busca de apoio para seguir o seu caminho.

Desse modo, por meio dos estudos de Eduardo Oliveira (2021) sobre o tempo e a palavra, utilizados para expandir este trabalho, é possível compreender que os personagens da obra *Ponciá Vicêncio* estão sempre presentificando o passado, ou seja, tornando o passado presente durante sua existência; assim, fazem a roda da vida girar mais para trás do que para frente. Tudo isso ocorre por meio da palavra falada, oralizada, visto que os indivíduos do livro de Conceição Evaristo, sendo pessoas negras marginalizadas, não tinham acesso à leitura e à escrita, e seus costumes, assim como dos antepassados, eram passados de geração em geração, por meio da fala e da escuta; os mais jovens sempre compreendiam a importância do passado para a manutenção do presente e do futuro.

A obra de Conceição Evaristo é fundamental e está alinhada desde o início com os objetivos propostos por esta dissertação, pois direciona sua atenção à população marginalizada. Além disso, ela realiza críticas contundentes à desigualdade social e ao Estado brasileiro. De acordo com Compagnon (2010), a literatura pode tanto refletir as ideologias predominantes de uma determinada sociedade, seguindo, conseqüentemente, a hegemonia, quanto pode ser propositiva e subversiva. A partir dessa perspectiva teórica, a obra de Evaristo se destaca por sua natureza propositiva, recusando-se a seguir a corrente dominante e oferecendo uma análise crítica e mediadora em direção a uma possível emancipação subjetiva para a população negra sobre a qual ela escreve.

Considerando, portanto, que o corpo social, em sua natureza relacional, está sujeito a várias transformações, a ancestralidade emerge como um espaço poderoso para a construção de discursos em um campo de embate e diálogo, conforme Bakhtin (2016). A enunciação, vista a partir da perspectiva bakhtiniana, tem um começo, um meio e um fim; é nesse contexto e significado do enunciado que podemos explorar o papel da ancestralidade e como as vozes das

peessoas negras são situadas em uma sociedade sistêmica e estruturalmente racista. Dentro dessa corrente enunciativa abrangente, é possível considerar como a ancestralidade pode se manifestar como uma forma de performance (Zumthor, 2018), por meio da expressão vocal, corporal e da presença desses povos historicamente oprimidos na diáspora.

A questão é que a leitura, segundo o mesmo autor, também tem um papel crucial para a realização e a existência da performance, pois ele defende que esta ocorre apenas em níveis diferentes, a depender do empenho do corpo. Por isso, a escrevivência, de Conceição Evaristo, além de possibilitar que as vivências de pessoas negras cheguem aos leitores por meio de sua escrita, percebe-se que o que o seu escrito causa nos leitores de suas obras também pode permitir um acontecimento performático, de acordo com a sensibilidade e os sentimentos dos próprios leitores de sua obra.

Daí sucedeu o que chamamos neste trabalho de performance enunciativa da ancestralidade, quando a ancestralidade e sua performance, por meio da linguagem e da presença, exercem suas ações performativas de atuação no mundo em que estamos inseridos. Entretanto, pensar que a ancestralidade pode se fazer presente no mundo atual não significa que ela seja protagonista do presente de seus descendentes; são eles que protagonizam as suas vidas, porém, com os conselhos dos ancestrais. Estando, assim como a personagem Poncia Vicêncio, em uma relação contínua entre o mundo dos vivos e dos mortos, como menciona o autor Eduardo Oliveira (2021).

Abordar todos esses conceitos não é algo incomum e distante das obras de Evaristo pautadas pela escrevivência, que levam em consideração a existência e a vivência de pessoas negras, inclusive a dela, como mulher negra, para a elaboração de seus enredos. Foi a partir das questões levantadas pela autora que pensamos, ainda, na possibilidade de uma reflexão sobre a metaescrevivência, a qual será abordada no primeiro capítulo deste trabalho. Conceição Evaristo compreende a escrevivência como uma escrita que sempre tem seu fim no outro, por isso, jamais poderá ser considerada uma escrita de si pura e simplesmente. A metaescrevivência, por outro lado, embora considere esses mesmos princípios, está atrelada às produções acadêmicas, que levam em consideração os atravessamentos dos estudiosos, que estão utilizando como documento de análise uma escrevivência, sem deixar de lado o arcabouço teórico e o embasamento necessários à pesquisa acadêmica.

Este trabalho de dissertação visa também a abordar todos esses conceitos e reflexões mencionados, notadamente, para alinhar o entendimento de que o sujeito do romance evaristiano é coletivo. Isso implica dizer que reconhecer a existência e a vivência dos autores na literatura negra também abre espaço para que a vivência de diversas outras pessoas negras

seja mencionada. Na obra *Ponciá Vicêncio*, ainda que a protagonista seja apenas uma, ela pode ser retomada pela descrição e pela autorrepresentação, não apenas da autora, mas de diversas pessoas negras na sociedade que enfrentam as desigualdades sociais, raciais, a violência de gênero e precisam guerrear diariamente para vencer as lutas interseccionais presentes na sociedade brasileira e que afetam e determinam a vida de tantas mulheres.

Dizer que a protagonista da obra pode ser uma autorrepresentação da autora é considerar a sua existência como uma mulher negra que precisou trabalhar desde criança, contribuindo com a alimentação e a sobrevivência de seu lar. E, mais que tudo, precisou enfrentar o racismo, o sexismo e a pobreza para, hoje, se tornar a autora renomada, ícone da Literatura Negra no Brasil. Conceição Evaristo nunca se considerou um cânone; ela preferiu descrever a si mesma como canônica das margens, por ser uma mulher negra que fala sobre o corpo negro em uma sociedade estruturada pelo racismo. Entretanto, com todo o seu reconhecimento, hoje, a autora, além de receber prêmios por seu trabalho, continua usando sua voz e sua escrita para exigir o respeito e a humanidade para todos os indivíduos negros do Brasil.

A obra de Conceição Evaristo é, nesse sentido, fértil para a propensão de novas reflexões que podem fomentar a pesquisa científica e, por isso, por meio dela pode ser possível pensar caminhos de combate às opressões na sociedade. As narrativas evaristianas, em suas abordagens, fazem acordar os indivíduos para a compreensão e para o questionamento dos acontecimentos colocados como “normais” na sociedade, mas que, na verdade, são normalizados, como o sexismo, o racismo, a desigualdade social, dentre outras questões. Esses elementos tornam a obra da autora ampla e interseccional, pois consegue propor diversos temas e aspectos inusitados.

Assim, por meio de suas abordagens, é possível ocorrer uma espécie de emancipação, de acordo com o que enfatiza Rancière (2011), dado que a emancipação se dá quando o espectador, supomos aqui que o leitor da obra seja um espectador, passa a realizar questionamentos, pensar criticamente, a partir de sua observação ou de suas ações. Tais questões muito se assemelham às vivências dos personagens do romance evaristiano, pois, após compreenderem as suas existências contaminadas e solapadas pelo racismo, passaram a compreender a importância de sua comunidade e de seus ancestrais.

Desse modo, para as pessoas negras, mesmo com experiências diversas, mas unidas por lutas semelhantes, surge a oportunidade de construir um espaço de expressão por meio de uma consciência discursiva, histórica e cultural. A partir da ancestralidade, por exemplo, como pretendemos elucidar, há um potencial para alcançar uma vitória coletiva na estrutura social,

capacitando essa comunidade a derrubar as barreiras dos porões dos navios, que ainda permanecem erigidas, e a romper as amarras, propondo um futuro ancestral e coletivo.

Por conseguinte, as proposições delineadas neste texto, como mencionado anteriormente, conferem a esta pesquisa uma dimensão literária, linguística e cultural, destacando a possibilidade de tais áreas, em conjunto, estabelecerem mecanismos para transformar a produção acadêmica. Isso alcança aqueles que precisam moldar seu espaço de expressão enunciativa em uma sociedade que só imprime sofrimento, oferecendo-lhes a oportunidade de compreender que o racismo estrutural não é o começo nem o fim da história negra. O racismo é um meio prejudicial que precisa ser superado, com o apoio de um pensamento orientado para o passado, que direciona essas pessoas para seu presente-futuro, que se origina da ancestralidade e que requer uma expressão, principalmente subjetiva, além de uma reconexão epistemológica legada pelos ancestrais.

Portanto, para desenvolver, de maneira efetiva essas reflexões de extrema importância para os estudos linguístico-literários e para a sociedade, esta dissertação foi dividida em três capítulos: os dois primeiros foram subdivididos em quatro seções cada, e o terceiro em apenas três. Assim, ao acessar o trabalho, as questões sobre a vida e a resistência de Conceição Evaristo, as proposições sobre a metaescrivência, o racismo estrutural, a ancestralidade como lugar de enunciação, a performance enunciativa da ancestralidade são abordadas em consonância com um todo cheio de sentido para a autora e para seu público leitor.

Espera-se, por isso, que este trabalho possa servir de estudo para a academia e uma potente força de discussão dentro e fora dela, a fim de que proponha um caminho fértil para se pensar na ancestralidade como uma vereda de inibição ao racismo, que advém de estruturas e raízes que se fazem profundamente arraigadas na sociedade brasileira. Nessa perspectiva, existe aqui, ainda, uma profunda contribuição social, pois este deve ser o papel da ciência: causar impactos e modificações positivas na sociedade, para o crescimento e desenvolvimento dos indivíduos.

CAPÍTULO 1

A RESISTÊNCIA COMO LEGADO DE ENFRENTAMENTO E DENÚNCIA AO RACISMO

[...] A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela [...].

Conceição Evaristo

Este capítulo tem o objetivo de discorrer acerca do termo literatura afro-brasileira, perpassando, também, pelo processo de formação do termo em relação ao desenvolvimento do que se convencionou chamar literatura negra. Procura-se, nesse viés, ressaltar, *a priori*, o processo de resistência e legado na formação desses conceitos, bem como falar sobre a importância de uma literatura negra em um país que foi formado a partir do *modus operandi* do racismo aos negros. Referimo-nos ao conceito de literatura negra porque se faz necessário compreender, no sentido plural, a importância sócio-histórica de uma literatura escrita por mãos negras. Será suscitado, por conseguinte, o posicionamento da autora Conceição Evaristo acerca dos dois termos desenvolvidos por um processo de resistência e legado. Com disso, objetiva-se discorrer brevemente sobre a vivência da escritora, sobre a obra *Ponciá Vicêncio* e a sua forte relação com a denúncia do processo de racismo na sociedade brasileira, no intento de abrir um caminho possível, como o já trilhado pela autora, para a construção do conceito de *escrevivência*.

Nessa esteira, a obra de Conceição Evaristo é um importante marco de inscrição e de denúncia das violências estruturais, de maneira interseccional, envolvendo o processo de estruturação do racismo, mas também a violência de gênero, o pouco acesso educacional atribuído pelo Estado às pessoas negras, dentre outros aspectos de subalternidade e opressão. Por isso, neste momento, pretende-se também tematizar a obra, a fim de evidenciar as formas de racismo abordadas no livro, para que se possa fazer uma denúncia importante, visto que, assim como ressalta Abdias Nascimento (2019), não podemos esquecer do passado e nem do navio negreiro. O fato de o processo de tráfico transatlântico ser lembrado não significa que a história das pessoas negras deva ser reduzida a ele, mas, ao lembrar da escravização e da

subjugação, será possível enxergar as marcas deixadas e compreender pelo que se deve lutar e o que precisa ser combatido. Por toda essa questão, neste capítulo, serão pontuadas as resistências e o legado para a inscrição e formulação de uma literatura afro-brasileira, mas não serão poupadas as linhas e verbos para denunciar o racismo estrutural, contra o qual a obra de Conceição Evaristo esbraveja ao tomar a escrita como uma forma de elucidar as vivências de pessoas negras.

1.1 CONCEIÇÃO EVARISTO: CORPO-INDIVÍDUO-NEGRO QUE SE INSCREVE NA VIDA E NA LITERATURA

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em Minas Gerais, em 29 de novembro de 1946. Viveu, desde cedo, sua experiência com a escrita e com a leitura, enfrentou as agruras estruturantes e estruturadas pela sociedade brasileira para marginalizar cada corpo-pessoa-negra. Sua mãe, Joana Josefina Evaristo, cuidou de Conceição Evaristo e de suas três irmãs com o salário de lavadeira, sozinha, sem o pai das crianças. Evaristo pouco sabe sobre seu genitor, acredita, por isso, que sua mãe possa ter caminhado sozinha até o cartório para registrá-la, embora não tenha certeza do fato; ao observar a ausência paterna na sua vida, passou a acreditar nesse possível acontecimento. Por outro lado, a escritora relata que tem amplo conhecimento sobre seu padrasto, Aníbal Vitorino, que permaneceu ao lado de sua mãe durante muitos anos. Aníbal era pedreiro e teve cinco filhos com Joana Josefina, o que resultou em um total de oito irmãos para Conceição Evaristo.

A autora, logo quando criança, aos 7 anos, precisou ir morar com seus tios, os quais não tiveram filhos, para que as despesas na casa de sua mãe pudessem ser menos difíceis. Evaristo, portanto, acabou tendo duas mães: Joana Josefina e sua tia Maria Filomena da Silva, que também trabalhava como lavadeira. A intelectual relata que, aos 8 anos, começou a trabalhar realizando afazeres domésticos; a sua infância foi marcada, então, pelo trabalho. Além de passar pela casa dos poderosos, realizando trabalhos domésticos, a menina Conceição Evaristo também auxiliava a suas duas mães no trabalho de lavar, torcer e estender que as roupas exigiam. Chegou a realizar trocas com alguns professores, isto é, sua força de trabalho doméstica em troca de alguns livros didáticos para ela e para os seus irmãos. Ainda buscava formas de sobreviver no seu perambular pela comunidade, levando seus irmãos e as outras

crianças dos vizinhos para a escola, dando assistência nos deveres de casa, e isso lhe rendia algum dinheiro para sua sobrevivência.

A autora relatou para o *Literafro*, site de literatura pertencente à Universidade Federal de Minas Gerais, que, em 1958, quando foi publicado o livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, da escritora Carolina Maria de Jesus, ela e sua mãe se sentiam parte dos personagens do livro, visto que viver do resto dos ricos também foi uma experiência vivida por elas. Assim, enquanto Carolina Maria de Jesus conhecia o gosto do lixo no Rio de Janeiro, ela também entendia toda a experiência, entretanto, em Belo Horizonte. Ela sabia qual era o sabor e o dissabor de se contentar com as sobras de tudo que os poderosos conseguiam com a subalternização de alguns e, ainda criança, entendia a dor da marginalização.

Historicamente, os lugares reservados para as mulheres negras era relegado à prestação de serviço para as pessoas brancas, trabalhando como empregada doméstica e vivendo nas senzalas modernas, os chamados *quartinhos de empregadas*. Para Conceição Evaristo, como já mencionado, não foi fácil se tornar a escritora que é hoje. Ela precisou, também na fase adulta, dividir os estudos com o trabalho, pois estudava enquanto trabalhava como empregada doméstica para sobreviver. Foi, então, que, em 1970, terminou o Magistério, aos 25 anos; no entanto, apenas em 1973, conseguiu emprego como professora, quando prestou concurso público, no Rio de Janeiro.

Conceição Evaristo enfrentou na pele o que uma sociedade estruturalmente racista e machista tem a oferecer para uma mulher negra. Ao site *Geledés*, criado pela também intelectual Sueli Carneiro, Evaristo explicou que, na escola em que ela estudava, havia uma forte segregação, a instituição era dividida em dois andares. No de cima, ficavam as crianças, as quais eram consideradas mais aplicadas, avançadas, em sua maioria, crianças brancas. Já, no andar de baixo, ficavam as crianças consideradas menos avançadas, que recebiam, portanto, um tratamento discriminatório. Ainda que as vivências de desigualdade atravessassem, desde criança, a mulher que hoje conhecemos como Conceição Evaristo, ainda que a sociedade brasileira em sua estrutura buscasse diariamente mostrar para pessoas negras que só havia uma oferta a ser feita e empurrada *goela abaixo* pela vida, a da marginalização, a escritora não aceitou.

Ainda em sua escola segregada, Evaristo buscou ser aplicada, ultrapassou os limites impostos para ela e chegou até o andar de cima da instituição, para receber o nível educacional que lhe estava sendo negado. Para a alegria de alguns educadores e a contrariedade de outros,

a menina Conceição Evaristo nunca se deixou silenciar diante das injustiças; sempre questionadora, curiosa, participava de tudo, dos concursos de leitura e redação, dos coros infantis, pois desejava e queria estar em evidência. Além da teimosia da autora quando criança, sua mãe também não se deixava ser silenciada; embora existisse um tratamento diferente, leia-se negativo, quando se tratava das mães pobres, a genitora e protetora da menina frequentava as reuniões escolares e falava tudo o que precisava ser falado e contestado para proteger sua filha.

A relação de Conceição Evaristo com a literatura está ligada, intrinsecamente, com sua resistência e sobrevivência em uma sociedade que escamoteia a possibilidade de existência digna de pessoas negras. A autora afirma, na obra *Escrevivência: a escrita de nós*, organizada por Constância Lima Duarte e Isabella Rosado Nunes, em 2020, que a sua relação com a escrita se dá desde muito cedo, dado que essa era sua maneira de solapar a dura realidade e viver uma experiência diferente da que estava acostumada. Evaristo afirma que quando suas professoras pediam para que os alunos escrevessem suas redações acerca das férias, das viagens e das aventuras, embora nada disso estivesse inserido na sua realidade precária, como uma criança que foi criada de maneira humilde, ela inventava e esta era sua forma de burlar a realidade que a vida lhe impunha.

Ainda no curso primário, as professoras pediam redações – naquela época, em Minas Gerais, dizíamos composições. Tínhamos de escrever composições com os seguintes títulos: “Um passeio na fazenda do meu tio”, “Minha festa de aniversário”, “Meu presente de Natal”. As solicitações para essas escritas fugiam a minha realidade, mas eu inventava. Ficcionizava a partir do desejo, inventava para escapar daquilo que me era interditado. (Evaristo, 2020. p. 33)

Evaristo (2020), em sua resistência por meio da literatura, afirma que se em sua adolescência ela não tivesse tido contato com a leitura e com a escrita, teria, certamente, adoecido. Isso significa que a leitura e a escrita fizeram parte da vida da autora de modo a possibilitar um novo caminho, que não fosse o adoecimento psicológico causado pela vivência sofrida, limitada e fortalecida pelo racismo e pela desigualdade social, racial, de gênero e tantas outras formas de opressão. Ainda no primário, Evaristo era uma criança leitora e chegou, ao fim daquele período escolar, a ganhar um concurso de redação. Vale lembrar que Conceição Evaristo (2020) ressalta o termo *adoecer*, no sentido de ter, diante das dificuldades enfrentadas, buscado outras maneiras de suportar a realidade. E foi por meio da escrita e da leitura que a autora, também, conseguiu suportar a dor do adoecimento físico de sua irmã.

Evaristo_z diz, ao site *Geledés* que, apesar de seu amor pela leitura ter sido alimentado e levado à frente por ela, como uma criança sem poder aquisitivo, a autora não cresceu rodeada de livros. Sua íntima relação com a literatura se deu a partir de uma literatura oral, da história contada, da presença da palavra em movimento, dentro de sua casa, por seus familiares, sendo, muitas vezes, contada de várias formas, ou seja, eram acontecimentos que, ao serem relatados, eram aumentados por uns e diminuídos por outros. A escritora pontua, ainda, que seu tio, ao contar uma história, tanto dramatizava que, se fosse sobre alguém que tivesse morrido, ele se jogava no chão para interpretar o acontecimento. Foi nesse contexto de ouvir, contar para ficcionalizar a vida cotidiana, que a autora também aprendeu a contar suas histórias.

Foi apenas no primário que Evaristo teve contato com tantos livros, ao chegar à escola e se deparar com uma grande biblioteca e encontrar a forte presença de professores que estimulavam a leitura. Ela relata ainda, que recebeu um grande presente, quando sua tia passou a trabalhar numa biblioteca da Universidade Federal de Minas Gerais, onde a escritora, em sua meninice, passou a ter acesso para viver no mundo das palavras impressas e alimentar o amor pelo literário que havia dentro dela; em suas palavras: ganhou uma biblioteca apenas para ela.

Além disso, ao *site*, Conceição Evaristo explica que foi em brincadeiras com sua mãe e sua tia que foi alimentado o seu interesse pelo material impresso, os livros, pois o que não está ao alcance material pode se tornar um objeto de desejo, segundo ela. Por isso, lembra que o incentivo de sua mãe, por meio de revistas, fez com que se interessasse pelo papel. A autora ressalta, também, que, quando criança, sua mãe pegava várias revistas e fazia o que ela chamou de “jogo de palavras”. Ao mostrar uma imagem de uma mulher, se a feição parecesse triste, a mãe de Conceição Evaristo estimulava sua imaginação, questionando à autora sobre o possível sentimento que aquela pessoa, fotografada e publicada nos papéis à sua frente, poderia estar sentindo; assim, as especulações e contações aconteciam.

Apesar de tantas vivências marcadas pela escrita, Evaristo (2018) afirma que o seu maior esforço para passar sua experiência para o papel foi ainda na década de 1960, quando laçou o texto *Samba Favela*, que tratava sobre a vivência na favela. O texto foi publicado no jornal *O Diário* e em uma revista de um Seminário em Viamão, no Rio Grande do Sul. Aquele texto foi a semente plantada para que Conceição Evaristo pudesse escrever o seu famoso livro *Becos da Memória*. A autora assinala que, naquele momento, pôde perceber que a escrita era, sim, uma zona possível de vivência para ela e foi aquele texto o primeiro resquício de escrevivência, termo que será melhor tratado posteriormente. Naquele momento, Evaristo inscreveu no texto sua experiência como mulher, negra e periférica; foi, ainda, naquele

momento, que, entre quem vive e escreve, enxergou sua escrita como um lugar de possibilidades.

A vida para Conceição Evaristo nunca foi fácil. Em sua entrevista para o *site Escrevendo o futuro*, a autora ressalta que precisou dividir o tempo de estudo com o tempo de trabalho. Assim, precisou trabalhar como empregada doméstica enquanto estudava para ter suas formações acadêmicas. Além disso, quando criança, teve o dissabor de enfrentar o que chamou de *apartheid escolar*, quando as crianças brancas eram ensinadas na parte de cima da escola e as crianças negras ficavam em salas embaixo, com menos infraestrutura, como vimos. Nesse sentido, é possível observar, por meio do relato da própria escritora, que sua escrita, que remete também a suas vivências, não fala apenas sobre ela, mas ainda sobre outras pessoas; existe, portanto, um eu coletivo que abarca aqueles que são atravessados pelas injustiças sociais e estruturais.

Apesar de Conceição Evaristo evidenciar certa fuga da realidade nas ficcionalizações desde criança, foi apenas com pouco mais de 40 anos, na década de 1990, que a autora passou a publicar seus textos em uma série de ontologias organizadas pelo coletivo *Quilombhoje*, intitulada *Cadernos negros*. O Movimento Negro colocou Evaristo em evidência, com sua escrita que faz engasgar, contesta, faz chorar, faz sorrir e faz pensar em maneiras de driblar e combater a opressão racial e tantas outras. Entretanto, o primeiro prêmio, muito reconhecido pela autora como sendo seu primeiro na Literatura, ela recebeu em um concurso de redação da escola, ainda no primário, devido a um texto intitulado *Por que me orgulho de ser brasileiro?*

Em sua entrevista para o *site Escrevendo o futuro*, Evaristo ressalta que existe uma busca por traços orais em sua escrita, requerendo, assim, palavras de origem banto para a sua produção. Evaristo (2020) assinala que o seu querer é da dinâmica da linguagem do cotidiano, pois, para ela, são essas palavras do dia a dia que movimentam a vida. Não são importantes, para a escritora, as palavras que dormem no dicionário, a não ser que sejam acordadas por ela para começarem a movimentação da linguagem ativa. Ainda que nessa movimentação Evaristo dance com as palavras, nessa relação subjetiva, defende que: “palavra alguma dá conta da vida. Entre o acontecimento e dizer sobre ele, o escrever sobre ele, fica sempre um vazio” (Evaristo, 2020, p. 37).

Além disso, Evaristo destaca que, em seus textos, pessoas brancas nunca são colocadas em evidência como personagens principais, estão sempre construídas de maneira simbólica, representando alguma forma de poder. Isso porque a autora busca denunciar o processo

histórico de exploração étnico-racial, visto que, na sociedade, pessoas brancas sempre estiveram num patamar de poderio, enquanto pessoas pretas eram colocadas num papel de subalternidade. Em *Ponciá Vicêncio*, por exemplo, é possível observar os brancos como personagens ausentes, eles não têm muitas falas, muita presença, mas estão ali sob a forma de poder. Acerca dessa obra, a autora faz ver que:

Os brancos significam a personificação do poder. São eles os donos de terra. Uma personagem branca aparece em poucas linhas no relato, a patroa de Biliza, a mãe que faz vistas grossas e permite ao filho entrar no quarto da empregada para iniciar sua experiência sexual. Um dia, Biliza percebeu que o rapaz pegou o dinheiro dela, suas economias guardadas com tanto sacrifício. Ao relatar o acontecido, a reação da patroa foi de humilhar Biliza, buscando atingir a moral da empregada, embora soubesse que o rapaz frequentava o quarto da moça. (Evaristo, 2020, p. 28)

Mesmo entendendo que o uso da palavra continha seus limites diante do viver e do sentir, numa sociedade estruturalmente racista, Evaristo continuou dançando com as palavras, em sua militância, no seu desejo de provocação, de denúncia, mas também de amor à cultura de matriz africana. Em 2015, segundo o site *Geledés*, com o livro *Olhos D'água*, a autora recebeu o Prêmio Jabuti de Literatura; já no ano de 2017, a autora recebeu o Prêmio Faz a Diferença, concedido pelo jornal *O Globo*, na categoria Prosa. Ainda naquele ano, a autora também recebeu o prêmio, concedido pela *Revista Cláudia*, intitulado Prêmio Cláudia, na categoria Cultura. Evaristo também recebeu o Prêmio de Literatura do Governo de Minas Gerais pelo conjunto de sua obra e, no ano de 2019, foi escolhida como personalidade literária do ano e recebeu mais um prêmio Jabuti.

A obra *Ponciá Vicêncio*, primeiro romance da autora, foi lançada por conta própria no ano de 2003. Apenas em 2013, a obra foi publicada por uma editora maior; coincidentemente, o livro acaba de completar 20 anos. O ano de 2023 foi um ciclo de muita vitória para Conceição Evaristo, que acaba de receber o troféu Juca Pato de intelectual do ano. O troféu é um dos mais tradicionais prêmios do país, criado na década de 1960, pelo intelectual Marcos Rey. É importante pontuar que, justamente em 2023, Conceição Evaristo inaugurou, no Rio de Janeiro, a Casa Escrevivência, ambiente cultural onde a autora dispõe de seus acervos, seja livros, menções honrosas, teses de sanções, revistas de pesquisadores, dentre outros documentos, que podem servir para aqueles que desejam realizar estudos críticos de sua obra. A Casa Escrevivência é um ambiente rico, ainda, para quem deseja se aprofundar nos trabalhos da autora e ter acesso a muitas obras, visto que ela defende que livro na estante não significa absolutamente nada, além de um acervo que servirá apenas para as baratas e cupins corroerem.

A Casa é, também, um lugar onde as letras saem da estante para uma movimentação contínua do saber.

Conceição Evaristo foi resistência e teimosia desde sua infância, como se vê, características que sempre estiveram presentes nos seus ancestrais, que jamais aceitaram quietos e passivos a destruição da sua humanidade e de sua cultura. A autora é um exemplo de que se precisa de inquietude perante toda tentativa da sociedade racista de escamotear a integridade das pessoas pretas deste país. Evaristo revolucionou a literatura brasileira, sobretudo, lançando sua literatura negra, feminina, não se deixando silenciar como mulher negra de comunidade. Por tudo isso é exemplo de que escrever enquanto se vive é um grito potente que merece e precisa ser ouvido. Ela não está em evidência porque lhe deram voz, mas porque lutou para que sua voz e a de tantas pessoas negras fossem ouvidas. A revolução de Conceição Evaristo está, notadamente, na sua defesa da importância de haver uma literatura negra, questão de extrema importância que será ampliada na próxima seção.

1.2 LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: RESISTÊNCIA E LEGADO

Faz-se necessário abordar o processo de formulação do conceito de literatura negra ou afro-brasileira e todo o impasse acerca dos termos, principalmente, porque, historicamente, tudo o que pudesse advir do povo negro era negado ou ignorado. Estamos falando de pessoas que foram consideradas objeto de estudo, mas jamais como pessoas que estudam, que leem, que escrevem. Na obra de Zilá Bernd (1988), *Introdução à literatura negra*, é evidenciado que, durante muito tempo, foi negado que, em África, havia história, já que todos os olhos estavam voltados para o que, para os colonizadores, deveria ser o centro do mundo, a Europa.

Embora o termo literatura negra, ao ser utilizado como termo para evidenciar as literaturas feitas por mãos negras, pudesse parecer, a princípio, uma tentativa de estereotipar ou classificar o escrito e quem o escreveu, Bernd (1988) explica que, em uma sociedade que negava a escritura advinda de pessoas negras, o *rótulo* veio de alguns próprios autores. Por isso, o desejo dos autores e autoras negros deveria ser levado em consideração, ainda que o termo pudesse influenciar na recepção de sua obra, na sociedade racista em que estavam inseridos e inseridas. É importante olhar para esse fato de maneira crítica, pois não foi um estereótipo que estava a ser criado, mas uma classificação em um âmbito em que, até então, brancos de classe média alta eram aceitos com mais facilidade.

Esses autores estavam se impondo e buscando ressignificar o termo que, a priori, poderia parecer negativo, mas, na verdade, era uma forma de chamar a atenção e mostrar que pessoas negras também escrevem e podem se inscrever na literatura. Como afirma Bernd (1988, p. 20), a literatura negra está ligada ao processo de “(re) nomeação do mundo”; dessa maneira, esses autores e autoras buscam nomear aquilo que antes havia sido nomeado na sociedade pelas pessoas brancas. Se, por exemplo, temos na literatura um homem negro que, como personagem, foi estereotipado como violento ou selvagem, esses autores poderiam, portanto, buscar desmistificar e desmascarar essas narrativas a partir de suas literaturas. É preciso entender que a literatura negra não se resume apenas a uma escrita denunciativa, mas, segundo Bernd, esta é uma de suas mais fortes características.

Pode-se aqui tomar como exemplo a obra *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, quando, no decorrer do romance, a autora aborda personagens do gênero masculino que mostram viver suas masculinidades de maneiras distintas, longe do estereótipo racista de que o homem negro pode ser gratuitamente violento e servir apenas para o sexo. A autora evidencia que as masculinidades negras são diversas e que tanto o homem negro como a mulher negra são atravessados por processos dolorosos, mas que também podem chorar, sentir saudades, sentir dores e amar verdadeiramente.

A escritora leva o homem negro ao encontro de toda a humanidade que lhe é negada, cotidianamente, por meio de discursos e imaginários vigentes na sociedade brasileira. Assim, é possível averiguar que a literatura evaristiana contém a característica de nomeação sugerida por Bernd, buscando tirar o véu que foi posto durante séculos, com o intuito de relegar o povo negro a apenas um único lugar: o da violência e da marginalização.

Tal característica também pode ser percebida, no segundo capítulo desta dissertação, na seção sobre a autorrepresentação. Essa tentativa é intitulada por Bernd (1988) como (re)nomeação, fazendo-se necessário observar que:

[...] o fato de assumirem essa nomeação, consistentemente, pode ser interpretado como um sinal de que os negros estão querendo criar a si mesmos e que uma das etapas deste processo seria justamente de particularizar sua escritura, dando-lhe feição própria. Neste sentido, é preciso sublinhar que o conceito de literatura negra não se atrela nem à cor da pele do autor nem apenas à temática por ele utilizada, mas emerge da própria evidência textual cuja consistência é dada pelo surgimento de um *eu* enunciador que se quer negro. (Bernd, 1988, p. 22)

É preciso destacar, a partir da citação acima, que o negro, quem naquele momento estava reivindicando ser enunciador de seu próprio *eu*, antes não o era. Se mencionarmos a obra *Pele*

negra, máscaras brancas, de Frantz Fanon (2008), é possível compreender que o indivíduo africano apenas se tornou negro a partir do olhar do branco. Ou seja, foi o branco quem criou o negro a partir do processo de colonialismo, pois, como afirma o autor, o negro, perto de um semelhante, não precisa justificar a sua cor, visto que todos são iguais em relação ao europeu. Apenas diante do branco é que ele será tratado e visto de maneira diferente. Dessa forma, ao buscar nomear a si mesmo, o negro deseja, também, ressignificar o seu estar no mundo e toma para si a sua negritude diante de uma sociedade nomeada a partir do olhar do branco.

Tentar transformar e se colocar no mundo a partir de suas próprias perspectivas é uma decisão de extrema importância, sobretudo porque o povo preto, diante do processo de escravidão e sequestro, também passou pelo processo de epistemicídio, em que seus valores, saberes e culturas foram aniquilados para que fossem assimilados à cultura e aos saberes europeus. Fanon (2008) explica que, ao longo da história, era comum que o negro buscasse, dentro de uma sociedade em que suas características eram vistas como subalternas e negativas, comportar-se como o branco, para ser aceito em seu mundo, e esse comportamento também se dá devido ao processo de colonização. A colonização foi capaz, ainda, de, ao longo de seu processo, fazer um povo odiar a si próprio, seus valores, sua cultura, seus traços e valorizar a cultura do agressor. Esse comportamento, por parte do povo colonizado, é uma resposta ao opressor de que sua agressão foi bem sucedida e faz com que se mantenha o povo colonizado sobre seu domínio; assim sendo, os indivíduos têm não apenas seus corpos, mas suas mentes colonizadas e sua forma de ver o mundo, moldada pelo povo dominador.

Entender a profundidade e a gravidade das violências causadas pelo colonialismo é importante para enxergar a força com a qual os escritores e as escritoras negros agiram ao determinar uma literatura especificamente sua. Uma literatura que buscava retomar e remontar as perspectivas de enxergar a sociedade, bem como restaurar características e vivências culturais, as quais tentaram aniquilar durante o processo histórico. Esses escritores e escritoras buscaram, por meio da literatura, gritar não apenas com a voz, mas com as suas mentes, que se expandiram em um movimento de criticidade, resistência e desejo de luta, para conquistar os seus lugares na sociedade. Enquanto o âmbito social colonizado dizia não, eles mesmos escreviam o sim.

Nesse ínterim, Bernd (1988) explica que a literatura negra foi constituída como o que ela chama de *literatura menor*, pois esta passou a ser marginalizada, por não ser legitimada e valorada como as outras literaturas. As instâncias legitimadoras, segundo a autora, têm o poder de decidir que lugar uma determinada literatura pode ou não ocupar, ou seja, a decisão é

valorativa. A literatura negra, por sua vez, passa a ser minorizada numa sociedade estruturalmente racista, que não considera efetivamente a existência do negro. Diante disso, a literatura negra, ainda que subalternizada, não deixou de ser provocativa e até revolucionária em relação à literatura estabelecida e aceita pelas instituições acadêmicas. Bernd caracteriza a literatura negra da seguinte forma: presença da desterritorialização, predominância do político, e emergência da enunciação coletiva.

Tais características estão fortemente presentes no romance evaristiano *Ponciá Vicêncio*. A desterritorialização, por exemplo, está muito ligada ao processo de destruição das referências negras, pois o povo preto foi tirado de seu território de origem e teve seus referenciais culturais apagados forçadamente, tendo, inclusive, de negar seus ritos, sua língua, seus princípios. Por isso, há, na literatura negra, uma reivindicação desses valores dilacerados pelo processo de escravização e colonialismo. No romance *Ponciá Vicêncio*, é possível observar tais características, a partir do resgate de muitos elementos da cultura africana, como o canto na língua iorubá, a valorização da oralidade, a volta ao passado para resgatar práticas ancestrais. Isso ocorria mesmo com os personagens vivendo em um contexto de desigualdade social e racial.

É possível observar, na obra de Evaristo, também, o resgate da vivência em comunidade, que é um elemento muito vivo na cultura africana, assim como a escuta e o respeito aos mais velhos, que circundam boa parte da narrativa. Além disso, é necessário ressaltar a vivência da personagem principal, Ponciá, que, frequentemente, busca questionar qual é o seu lugar de origem, dado que dentro dela grita sempre a sensação de banzo; embora ela nunca tenha vivido no território de origem de seu avô Vicêncio, havia uma falta de algo que foi apagado dentro dela. Todas essas características são fortemente ligadas à desterritorialização, pois são elementos que foram aniquilados a partir do colonialismo europeu, em prol de seus próprios valores culturais, buscando, assim, centralizar o mundo deles e marginalizar os outros.

A predominância do político, por sua vez, envolve muitos escopos da obra. Assim, ao mesmo tempo em que Conceição Evaristo busca resgatar as características de uma vivência presente na cultura africana antiga, a autora também pretende se contrapor à sociedade em que os personagens estavam inseridos, fazendo uma forte crítica à sociedade brasileira. É possível observar, em *Ponciá Vicêncio*, uma dura crítica à favelização forçada vivida pelo povo negro, no pós-abolição da escravatura, à fome, ao racismo e à pobreza, que destroem sonhos e fragilizam psicologicamente esses indivíduos, podendo levá-los, muitas vezes, a viver em situação de rua.

Além disso, é possível observar, na obra, uma crítica à violência contra a mulher, mas sem deixar de lado o processo de desamor e desumanização enfrentados pelos homens negros. A autora também aborda a violência policial e a ilusão que muitas pessoas negras alimentam de que podem ascender socialmente e terem os mesmos direitos e praticar o mesmo autoritarismo que os brancos, ainda que isso pudesse resultar na violência contra os seus. A desigualdade social e racial, evidenciada pela autora, também circunscreve a negação de direitos básicos para as pessoas negras e pobres, como o de aprender a ler e a escrever, o acesso à escolaridade, que lhes fora negado desde o processo de escravização.

De igual modo, ao realizar essa crítica política, o romance evaristinao contém um grito coletivo, que enuncia a necessidade de justiça e de equidade racial e social. O grito de Ponciá Vicêncio, a protagonista do romance, não é apenas dela, pois cada personagem divide a sua enunciação com vários outros, constituindo enunciados que ultrapassam a ficção e chegam à realidade de cada pessoa negra que tem acesso à obra. Conseqüentemente, a escrevivência de Conceição Evaristo fala sobre as dores e as vivências de muitas pessoas pretas, visto que a experiência de desigualdade é compartilhada entre muitos, ainda que tenham nomes e endereços diferentes. A dor da violência interseccional atinge a cada uma dessas pessoas. No que se refere aos homens negros, as dores também são muitas. O racismo e o lugar deixado para cada um na sociedade racista e capitalista também são semelhantes. Ou os seus corpos são aniquilados pela violência física, ou o são pela violência simbólica, psicológica. A negação de direitos mina os corpos pretos, conformando a terceira característica que Bernd (1988) atribuiu à literatura negra e que está fortemente presente nessa descrição da literatura evaristiana: a enunciação coletiva.

Na obra *Literatura afro-brasileira*, organizada por Florentina Souza e Maria Nazaré Lima (2006), as autoras elucidam que o termo “literatura negra” não era um consenso entre os autores da época e também mencionam que alguns acreditavam que esse termo poderia gerar uma particularização ou aprisionamento da literatura escrita por eles. Por outro lado, há os que acreditavam na importância do termo para destacar uma generalização causada pelo termo amplo “literatura”, visto que, realizando tal destaque, se poderia deixar em evidência os “valores de segmento social que luta contra a exclusão imposta pela sociedade” (Souza; Lima, 2006, p. 13). A reflexão dessas autoras é importante, pois se trata de um país que foi fundado a partir da escravização de pessoas pretas e indígenas. Tal processo gerou visões e percepções negativas, cristalizadas na sociedade, sobre o que o negro e o indígena podem significar, e essas literaturas criadas por pessoas pretas podem, por sua vez, reivindicar uma nova percepção de

mundo e denunciar as vivências desiguais a que pessoas pretas estão submetidas, como foi mencionado.

Clóvis Moura (2019), na obra *Sociologia do negro brasileiro*, pontua que, muitas vezes, repete-se, na literatura, o pensamento estereotipado sobre o negro no corpo social. Para ele, há um aspecto alienante que circunda o aparelho do Estado escravista, que fortalece a percepção racista sobre o negro. Segundo o autor, essas percepções se repetem fortemente na literatura de ficção, as quais foram escritas na época do escravismo. No entanto, após sua extinção, ainda era possível observar alguns desdobramentos, que tornaram os imaginários sociais acerca do negro permanentes até agora. O imaginário dos indivíduos, ou seja, a forma como veem o mundo, em que acreditam, do que sentem medo e os porquês são modelados na sociedade e compartilhado pelas pessoas e pode solidificar uma visão de mundo e até moldar suas condutas, de acordo com Carlos Augusto Seberna (2003), no texto *Imaginário, ideologia e representação social*.

Assim, numa sociedade em que o negro sempre é visto como “o escravo”, o “padrão de feiura”, “o monstro sem humanidade”, alinhado com os discursos e as ideologias que fundamentam esses discursos, tudo isso pode ser capaz de fundamentar o modo e estruturar a forma como as pessoas pensam e enxergam esses indivíduos na sociedade, gerando, portanto, um imaginário social. Diante disso, tal literatura refletiu o padrão de beleza defendido e aceito na sociedade, o greco-romano. Dessa forma, os personagens negros não entravam como heróis, mas eram apenas estereotipados ou desenvolvidos como um pano de fundo. Clóvis Moura (2019) também salienta que:

O problema do negro na literatura brasileira deve comportar uma revisão sociológica que ainda não foi feita. Quando se inicia a literatura nacional romântica, na sua primeira fase, ela surge exatamente para negar a existência do negro, quer social, quer esteticamente. (Moura, 2019, p. 50)

De todo modo, como se sabe, enquanto o indígena era retratado, nas literaturas, extremamente distante de sua realidade, como a personagem cordial ao homem branco e basicamente um reflexo seu, o homem negro não era citado, a sua estética era negada, apagada. Segundo Moura (2019), a estética dessas obras da primeira fase romântica estava situada no princípio do *bom selvagem*, desenvolvido por Rousseau; o indígena, que teve suas terras roubadas e seu povo ameaçado, era descrito como solene e pacífico, o defensor do senhor, mas o homem negro não era nem europeizado nem citado, era como um peso, uma mancha que devesse ser esquecida. Para não ser esquecido, o negro, criado ideologicamente pela sociedade

escravista, jamais poderia ou deveria ser colocado ou visto como herói ou ser humano, mas apenas como o “exótico-bestial de nossa literatura” (Moura, 2019, p. 51).

Pode-se compreender, dessa forma, que, diante de uma cultura literária que apenas colocava o negro de maneira bestializada ou negava a sua existência, a inscrição desses indivíduos, a partir de suas próprias perspectivas, de modo a escolherem a escrita como pulsão de vida, é ato importante e revolucionário. Sem tal atitude, hoje, não conheceríamos Solano Trindade, Abdias do Nascimento, Sueli Carneiro ou Conceição Evaristo e, por isso, os termos, sejam eles literatura negra ou literatura afro-brasileira, não apagam o marco histórico e a coragem desses escritores. De toda maneira, marcar uma inscrição a partir do próprio corpo, mente e ser do negro numa sociedade que quer apagar e aniquilar esse povo é uma forma de dizer que não importa o incômodo, todos continuarão vivos e lutando pelos direitos previstos na lei, mas que não são respeitados.

Diante da colocação acima, Souza e Lima (2006) pontuam que, de fato, apesar da polêmica a respeito dos termos que podem ser utilizados para marcar a escrita feita por pessoas negras, a literatura negra, no Brasil, foi um termo usado para se referir à arte literária escrita por esses indivíduos. Além disso, o termo também era utilizado para se referir às ontologias que reuniam as produções literárias de pessoas pretas e, embora, ao longo do tempo, a discussão e a polêmica em torno dos termos tenham se estendido, Conceição Evaristo (2009), no texto *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*, questiona tal dificuldade para reconhecer uma literatura que se origine do povo preto e de suas subjetividades. A autora destaca:

Se, por um lado, tanto as elites letradas como o povo, dono de outras sabedorias, não revelem dificuldade alguma em reconhecer, e mesmo em distinguir, os referenciais negros em vários produtos culturais brasileiros, quando se trata do campo literário, cria-se um impasse que vai da dúvida à negação. Ninguém nega que o samba tem um forte componente negro, tanto na parte melódica como na dança, para se prender a um único exemplo. Qual seria, pois, o problema em reconhecer uma literatura, uma escrita afro-brasileira? (Evaristo, 2009, p. 19)

A autora questiona, sobretudo, se o problema está na sociedade, por acreditar que a escrita só pode ser realizada por um determinado grupo social, e onde está o problema de homens negros e mulheres negras realizarem uma literatura que inscreva sua visão de mundo e suas subjetividades. A autora busca, também, fazer o leitor se perguntar sobre a recepção dos textos na sociedade brasileira, que são escritos por esses autores e autoras, dado que esses textos, de maneira valorativa, não são bem aceitos pelas instituições acadêmicas.

Todas essas questões são importantes para poder ressaltar, também, a literatura negra ou afro-brasileira como mais uma forma de resistência evidenciada por pessoas negras, para não apenas burlar um sistema que não permitia escrita e leitura para pessoas negras, durante muito tempo, mas para encorajar, ainda, outras pessoas negras a lutarem e a resistirem. Temos um grande exemplo de romancista negra, Maria Firmina dos Reis, que, ainda no período escravocrata, falava sobre as questões abolicionistas e chegou a descrever um enredo que circundava a vivência entre o negro e o branco. Por isso, negar a existência de uma literatura negra ou afro-brasileira, a partir de um discurso que busca fazer acreditar que a literatura é universal, é, no mínimo, negacionismo, visto que, durante muito tempo, a nossa literatura era feita para alguns e não para todos. Se há uma necessidade de demarcar uma classificação na literatura para indicar quem está fazendo, é porque quem a fez, ou seja, a pessoa negra, não poderia pensar em fazê-la durante o processo de formação material e ideológico do Brasil.

Dessa maneira, torna-se necessário compreender que o termo literatura negra ou afro-brasileira não se restringe apenas à cor da pele de um indivíduo, mas a todo um processo social que está ligado à vivência das pessoas pretas no país. O que provoca uma necessidade de enfatizar a existência dessa classificação é o caráter de resistência que ela pode aludir a um determinado grupo que é minorizado na sociedade, desde o período colonial, não apenas fisicamente, mas subjetiva e ideologicamente. Afinal, há ideologias, discursos, estereótipos que formam a visão da sociedade sobre o povo preto, historicamente.

Walczuk (2019) enfatiza que houve um processo longo para o surgimento da literatura negra no Brasil, por isso, ela não surgiu do dia para a noite. Embora o autor esteja correto, não se pode negar que foi e continua sendo um processo de resistência e de luta por parte das pessoas negras, seja as que estiveram presentes durante o desdobramento de tudo isso e continuam ousando escrever suas literaturas, seja as que chegaram agora e conseguem pegar impulso a partir da luta dos que vieram antes.

1.3 *PONCIÁ VICÊNCIO*: POTENTE DENÚNCIA AO RACISMO ESTRUTURAL

Um dos grandes elementos abordado na obra *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, é a denúncia à sociedade racista em que estamos inseridos. É válido lembrar que a sociedade brasileira é marcada pela escravização dos povos africanos e pelo extermínio dos povos

indígenas. Esses acontecimentos nefastos marcam as estruturas do nosso corpo social, negando, ainda hoje, aos descendentes desses indivíduos direitos básicos previstos na Constituição. Assim, nesta seção, será possível observar algumas denúncias, presentes na obra de Conceição Evaristo, que desmascaram a ideia de que pessoas negras, nosso interesse específico aqui, vivem solenemente na sociedade, após a Abolição de 1888, e que escravidão é algo que ficou apenas no passado. A escritora evidencia que, embora a escravatura tenha sido abolida há pouco mais de um século, a sua existência abala, até os nossos dias, a sociedade, como uma radiação que a atinge em longa distância.

Silvio de Almeida (2019), na obra *Racismo Estrutural*, destaca que, para as teorias que defendem o racismo como sendo um fenômeno, seja ele institucional ou estrutural, o racismo como ideologia não molda apenas a consciência, mas o inconsciente. Isso significa que a forma como enxergamos a sociedade e nos relacionamos como indivíduos está diretamente ligada à forma como o racismo está inserido nas instituições e na estrutura da sociedade. Em relação a essa questão, Almeida (2019) explica que:

A vida cultural e política no interior da qual os indivíduos se reconhecem enquanto sujeitos autoconscientes e onde formam os seus afetos é constituída por padrões de clivagem racial inseridos no imaginário e em práticas sociais cotidianas. Desse modo, a vida “normal”, os afetos e as “verdades” são inexoravelmente, perpassados pelo racismo, que não depende de uma ação consciente para existir. (Almeida, 2019, p. 64)

Isso quer dizer que a forma como a sociedade está posta e como os estereótipos estão enraizados, tudo isso faz com que normalizemos algumas situações em que as pessoas negras estão e são inseridas. Assim, não ver pessoas negras em espaços de poder se torna tão comum quanto seria vê-las nesse espaço e, analogamente, estranharmos não ver uma pessoa negra médica é tão comum quanto o estranhamento causado ao vê-la nessa posição. Ver pessoas negras sempre esgueiradas pelas beiras da sociedade é tão comum, que podemos facilmente nos assustar ao vê-las no centro ou vivendo em um local que não seja a periferia. Esses acontecimentos ocorrem justamente porque o racismo molda as nossas relações e as nossas percepções, de maneira consciente, mas também inconsciente, como enfatiza Almeida (2019). Isso porque a ideologia que constitui o imaginário social, cujo processo de formação foi brevemente mencionado na seção anterior, é, antes de tudo, uma prática. Se esse imaginário faz com que ajamos de maneira negativa em relação a um grupo social, é porque, ao longo do tempo, fomos tentados a acreditar que ela é a verdade. Essa ideologia está, portanto, moldando a nossa prática em sociedade.

Na obra *Ponciá Vicêncio*, as marcas da escravidão que corroía a vida das personagens eram latentes. O pai da protagonista, quando criança, continuou vivendo com o avô da menina, na fazenda, mesmo após a escravização. Questionou, gritou, chorou, procurou todos os motivos pelos quais ele e seu pai não poderiam ir embora dali. Queria uma vida diferente. Entretanto, com ou sem a abolição, para o negro, na sociedade brasileira, não havia saída, nem paz. Era a fazenda, o senhor, a senzala. Eram becos sem saída com tijolos inquebráveis que, a cada geração, conseguiam moldar a existência de outras pessoas negras. A esse respeito, o seguinte trecho do livro aponta que o pai de Ponciá era:

Filho de ex-escravos crescera na fazenda levando a mesma vida dos pais. Era pajem do sinhô moço. Tinha obrigação de brincar com ele. Era o cavalo em que o mocinho galopava sonhando conhecer todas as terras do pai. Tinham a mesma idade. Um dia o coronelzinho exigiu que ele abrisse a boca, pois queria mijar dentro. O pajem abriu. A urina do outro caía escorrendo quente por sua goela e pelo canto de sua boca. Sinhô moço ria, ria. Ele chorava e não sabia o que mais lhe salgava a boca, se o gosto da urina ou se o sabor de suas lágrimas. Naquela noite teve mais ódio do pai. Se eram livres por que continuavam ali? Por que todos não se arribavam à procura de outros lugares e trabalhos? Um dia perguntou isto ao pai, com jeito, com muito jeito [...]. O homem não encarou o menino. Olhou o tempo como se buscase, no passado, no presente e no futuro, uma resposta precisa, mas que estava a lhe fugir sempre (Evaristo, 2018, p. 17).

O pai de Ponciá, em sua inocência de menino, com sua dor pelos maus-tratos do menino branco, odiou o pai sem entender que as suas dores e seus desejos não seriam acalentados fora da fazenda, porque a sociedade era tão cruel quanto a senzala para quem era negro. O romance evaristiano retrata essas dores do período pós-abolição, para tornar explícito o quanto as pessoas negras continuaram sendo tratadas como escravizadas e não estavam livres das desumanidades dos senhores. Abdias Nascimento (2019), na obra *O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista*, explica que tudo o que está relacionado à abolição da escravatura faz referência à Revolução Industrial inglesa, por isso, haveria lucro no processo de derrocada do escravismo. Nesse sentido, a Lei Áurea passou a existir para suprir um sistema que já estava em declínio, e, ainda assim, a “emancipação” das pessoas negras não se deu como deveria. A Lei Áurea, como afirma Nascimento (2019), apenas surgiu para livrar os senhores escravocratas de seus crimes hediondos, cometidos ao longo dos séculos de escravidão, enquanto as pessoas negras continuaram em suas fazendas, pois não tiveram acesso aos direitos básicos, que lhes deveriam ter sido concedidos. O processo de abolição da escravatura foi, portanto, uma fraude e um “simulacro de libertação” (Nascimento, 2019, p. 88).

Foi por buscar entender este processo, que Vô Vicêncio não pôde responder à pergunta feita pelo pai de Ponciá quando menino. O velho ficava entre o choro e o riso, naquela vida que ele jamais escolhera para os seus, até o seu psíquico entrar em colapso e ele não mais conseguir lidar com as dores que aprisionavam o seu ser num mundo que lhe privava de humanidade. Na história escrita por Conceição Evaristo, a narradora afirma que o avô de Ponciá vivia escondendo o braço cotoco, pois, em um de seus momentos de dores e fúrias pela vida escravizada, matou a mulher e tentou tirar a própria vida. Esse foi um dos grandes motivos de ódio que o pai-menino de Ponciá sentia pelo homem. Evaristo, ao escrever suas histórias, como já mencionado, busca sempre humanizar a personagem, fazendo com que se compreendam os diversos porquês de a personagem tomar determinadas decisões. O avô de Ponciá foi levado pela dor da existência, por viver uma vida escravizada, a dor de ver sua família e a si mesmo tendo suas vidas roubadas.

Um dia, Vô Vicêncio “teve uma crise de choro e riso tão profunda, tão feliz, tão amarga e desse jeito adentrou-se o outro mundo” (Evaristo, 2018, p. 15). Nesse trecho, a obra relata que o homem ficava entre o choro e o riso, numa dualidade que invadia aquele mais velho cheio de dores, por ter sua vida roubada pela escravidão. É possível perceber que o choro que o homem dava entre os risos parecia ecoar de dentro para fora, dizendo que, na situação em que ele estava inserido, o seu riso nunca poderia vir sem ser acompanhado de uma lágrima. Dito de outro modo, o riso não cessaria a dor da existência naquela sociedade parada no tempo da escravidão.

A dor de Vô Vicêncio e a dualidade por ele enfrentada muito se assemelham às dores vivenciadas pelas pessoas negras no corpo social. Assim, entre um riso e uma lágrima, veem a vida de um dos seus ser ceifada injustamente. No intervalo de uma gargalhada de uma pessoa negra, sempre há outra que grita em meio à dor da desigualdade racial estruturada no Brasil. A Abolição ocorreu em 1888, mas muitas pessoas negras continuam sendo encarceradas e têm suas vidas fadadas aos tiros na periferia e à violência policial dos nossos dias. Vô Vicêncio é, então, mais uma personagem de Conceição Evaristo que ultrapassa a ficção e pisa o chão da realidade para nos acordar da ilusão dos discursos que afirmam a inexistência do racismo.

Ponciá Vicêncio não conheceu seu Vô Vicêncio, mas vira seu pai e seu irmão trabalharem na terra dos brancos. O seu pai nasceu, cresceu e morreu trabalhando nas terras dos brancos, mesmo após a Abolição. Após a falsa libertação, que não deu ao negro as condições para que levasse uma vida digna; as terras onde Ponciá viveu com sua família foram cedidas por um Coronel, chamando Vicêncio, como um suposto presente da libertação, mas aquele

presente apenas poderia ser ofertado a partir de uma condição: “que continuassem todos a trabalhar na terra do Coronel Vicêncio” (Evaristo, 2018, p. 40). No início, tudo pareceu perfeito, o homem branco parecia um anjo que concedeu um desejo milagroso, pois ali aquelas pessoas que tiveram seus ancestrais roubados de sua terra natal poderiam plantar, construir suas moradas e terem sua família.

Contudo, à medida que o tempo foi passando, a realidade permaneceu a mesma: as pessoas não tinham oportunidades, o que restava era apenas trabalhar nas terras do senhor para manter a sobrevivência naquela prisão sem grades, regida por uma bola de ferro nos pés. Essa situação as levava para o passado tenebroso e escravocrata que parecia se estender até o presente. Segundo relatos da narradora, “sonhavam todos sob os efeitos de uma liberdade assinada por uma princesa, fada-madrinha, que do antigo chicote fez uma varinha de condão. Todos permaneciam ainda sob o jugo de um poder que, como Deus, se fazia eterno” (Evaristo, 2018, p. 41).

Diante dessa realidade, em que seu pai e seu irmão iriam para as terras do senhor, enquanto ela ficava em casa com a mãe, a menina Ponciá Vicêncio aprendeu a ler, a escrever. Conta o romance que “por aqueles tempos, pelo interior, andavam uns missionários. Um dia, a notícia correu. Eles iriam demorar por ali e montariam uma escola. Quem quisesse ir aprender a ler, poderia” (Evaristo, 2018, p. 24). De imediato, a menina recebeu a aprovação da mãe para aprender os saberes que se distanciavam daqueles necessários à vida na roça, guardava-se um desejo de que Ponciá pudesse ter uma vida diferente, ir para a cidade; todavia, para isso, ela precisava dos saberes necessários para a vida na cidade. Como ressalta a narradora, na roça:

[...] outro saber se fazia necessário. O importante na roça era conhecer as fases da lua, o tempo do plantio e de colheita, o tempo das águas e das secas. A garrafada para o mal da pele, do estômago, do intestino e para as excelências das mulheres. Saber a benzedura para o cobreiro, para o osso quebrado ou o rendido, para o vento virado das crianças. O saber que se precisa na roça era diferente em tudo do da cidade. Era melhor deixar a menina aprender a ler. Quem sabe, a estrada da menina seria outra. (Evaristo, 2018, p. 24-25)

Assim, para poder ter uma vida distinta da de seus pais e seus irmãos de vivência da aldeia, a garota precisaria deixar para trás os saberes dos seus ancestrais, deixaria de lado todos os saberes que a cidade rejeitaria. Acreditava-se que melhor seria ela aprender o que para o centro urbano era importante. Diante disso, vale ressaltar o que pontua Fanon (2008), em *Pele negra, máscaras brancas*, quando afirma que quanto mais o negro passa a assimilar os valores da metrópole, mais deixa para trás sua cultura. Desse modo, se para a cidade seria como se

Ponciá vivesse de maneira animalesca, em um lugar pouco civilizado e pouco avançado, quanto mais ela rejeitasse toda sua cultura, que advinha do povo negro, mais branca ela seria, mais próxima do branco ela estaria.

Ao crescer e se tornar mulher, quis, então, fazer diferente, sonhou alto e em pouco tempo resolveu ir para a cidade. Como uma retirante, a menina-mulher Ponciá Vicêncio quis modificar sua vida e a de sua família, acreditou na sua habilidade de unir as letras e formar palavras, pensou que seu futuro seria diferente. Entretanto, ao chegar à cidade, deparou-se com uma realidade diferente do que crera, seus sonhos, sua imaginação a enganaram, ela estava diante da solidão, da escuridão e, na sua primeira noite na cidade, vai lhe sobrar apenas a calçada para dormir junto a outras pessoas negras em situação de rua. Ali estava Ponciá, fora de sua aldeia, longe de sua casa e em um lugar onde os brancos pareciam caminhar pelo centro com calma, enquanto os negros estavam visivelmente às margens, conversando cara a cara com a miséria.

Sobrara para Ponciá Vicêncio apenas a margem e, posteriormente, um trabalho de empregada doméstica, na casa de uma senhora branca que contatara na frente da igreja. A questão é que Ponciá teve de perceber que saber escrever seu nome, saber formar as palavras para realizar o ato de leitura não era suficiente para ter uma vida digna na cidade sendo uma pessoa negra. Dessa maneira, apenas lhe restara o que, historicamente, estava reservado às mulheres negras inseridas na sociedade brasileira e escravocrata: a cozinha das senhoras. Ainda que Ponciá deixasse para trás o seu povo e os conhecimentos da aldeia para viver na cidade, ela não seria tratada como as pessoas brancas de alto poder aquisitivo, continuaria sendo uma mulher negra, vítima de uma sociedade que escravizou seus avós e ainda fez seu pai, outro homem negro, morrer trabalhando aprisionado ao trabalho braçal, na fazenda do homem branco.

Então, se antes Ponciá era uma mulher negra vivendo em sua aldeia, com outras pessoas igualmente negras, agora, ela teria de ser negra diante do outro, diante do branco, assim como ressalta Fanon (2008). Quando o negro está diante de outro negro, ele não precisa se justificar, não precisa justificar sua cor, sua condição, porém, quando ele sai de seu lar para o mundo branco, precisará justificar ao branco o porquê de não ser igual a ele. Como lembra Fanon (2008), para o branco, o negro não tem nenhuma referência ontológica, tudo o que fazia parte de sua cultura, de seu ser no mundo foi apagado e se espera que assimile a cultura que lhe fora imposta. Se antes Ponciá tinha os saberes dos mais velhos de sua aldeia, o conhecimento da natureza, das ervas curandeiras, de quando a água chega ou se vai, agora, ela precisaria apagar

tudo isso para assimilar os saberes e os costumes daquela cidade estranha onde os seus semelhantes eram jogados de maneira amontoada nas calçadas.

Rapidamente, Ponciá sentiu o peso de uma vida contando moedas, sentiu o aperto da distância dos seus, o peso da miserabilidade, a falta do barro e de sua terra. Logo deixara de sonhar, de desejar. A esperança de uma vida melhor, que ela trouxera consigo, já tinha se apagado; se a esperança é a última que morre, o racismo já se havia encarregado de acabar com ela, primeiramente, dentro do peito latente e sonhador de Ponciá. Vivendo em seu barraco, comendo em recipientes de lata, acompanhada de um homem tão insuportavelmente infeliz e vítima da sociedade quanto ela e sem ideias de como começar a ser feliz, tão cedo não se reconheceria, nem se sentiria dentro dela própria. A sociedade, fortemente esmagadora, deu conta de entregar a Ponciá a herança distante da dor psíquica, física e o sentimento de impotência diante da existência. A dor da vida em cacos, fraturada pelo racismo estrutural, tinha dado conta de denunciar em Ponciá o que muitos indivíduos negros sentiam.

Ponciá também foi esmagada muitas vezes pelo marido, homem que, ao chegar dilacerado pela amargura da vida, descarregava nela todo o amargor de uma existência marcada pelo trabalho braçal. Além disso, o pouco dinheiro no bolso dava apenas para marcar uma sobrevivência, mas não uma existência com dignidade. Ponciá se via agredida pelo marido que não entendia a sua condição diante da dor que lhe assolava, ora de fora para dentro, ora de dentro para fora. O homem de Ponciá não tinha nome, a autora não fez questão de nomeá-lo, mas fez questão de humanizá-lo, buscando alegar que tanto a mulher negra quanto o homem negro são fortemente desumanizados na sociedade estruturalmente racista, levados a agir de diferentes maneiras para lidar com a infelicidade de uma existência miserável. Esse elemento de humanização está presente quando o homem se arrepende do seu ato de agressão contra a sua companheira Ponciá Vicêncio, e quando ela, ao vê-lo sair de manhã cedo para a labuta ou em seus muitos momentos de poucas palavras, questiona-se se ele não é tão triste quanto ela.

Outra questão a ser pontuada no romance evaristiana é a chegada de Luandi Vicêncio na cidade. Ele estava à procura de sua irmã, Ponciá, mas não tinha onde se abrigar, não tinha documentos, nem dinheiro, apenas carregava a fome e a esperança dentro si. Recém-chegado foi abordado por um policial, afinal, ele era um “elemento suspeito”. O primeiro susto do homem se encontrava na imagem do soldado, que era negro. Luandi, em sua posição de homem negro, que estava passando por uma abordagem nada amigável, foi do estranhamento à alegria. Estranhamento porque a pessoa que estava em posição de poder era um homem negro igual a ele. Isso nunca lhe pareceu possível, visto que a vida inteira ele havia sido empregado de

peessoas brancas, neto de um ex-cravizado, e filho de um homem que, mesmo após a abolição da escravatura, teve de continuar a trabalhar na terra dos brancos. Naquele momento, chegou a pensar que a escravização estava no passado, que todos poderiam ter o mesmo direito, mas não se questionou por que um homem igual a ele o estava justamente abordando e de maneira tão violenta.

O sonho de Luandi passou a ser aquele mesmo, o de se tornar um soldado, bater em bandidos. No entanto, nem mesmo ele havia percebido que os ditos delinquentes eram, majoritariamente, pessoas como ele: negras e pobres. Segundo o romance, “Luandi estava feliz. Acabava de fazer uma descoberta. A cidade era mesmo melhor do que a roça. Ali estava a prova. O soldado negro!” (Evaristo, 2018, p. 58). Ele passou, então, a acreditar que, na cidade, o negro também poderia mandar, assim como os brancos. A escravidão, portanto, era algo que estava no passado. Viu o soldado negro, Nestor, ao lado dos brancos, e pensou que tudo estava certo; naquele momento, o mundo era outro. Luandi foi colocado para trabalhar na delegacia, e o soldado Nestor passou a ajudá-lo a ler, pois ele também queria ter sua voz de mando, bater, prender, como os brancos, ainda que sentisse algo constrangedor quando via os presos, boa parte deles negros, chegando até a delegacia, mesmo quando ouvia barbaridades punitivas dos soldados brancos, que acreditavam que os negros eram todos bandidos.

O Soldado Nestor gostava de Luandi, apreciava-o como se fosse seu irmão. Entretanto, sempre procurava agir com certo distanciamento quando os soldados brancos estavam. Os momentos de estudos apenas ocorriam quando eles não estavam. Tal característica advém de um processo colonial, como afirma Fanon (2008): “o negro tem duas dimensões. Um com o seu semelhante e outra com o branco. Um negro comporta-se diferentemente com o branco e com outro negro” (Fanon, 2008, p. 33). Essa atitude ocorre porque o negro foi obrigado a se afastar de seu mundo para suportar o peso da cultura dos brancos. A forma como Nestor precisara ser negro diante de Luandi era diferente da necessidade de ser negro diante de um homem branco. Ainda que o soldado tivesse o seu lugar na delegacia, ele apenas tinha voz de mando para outros negros na rua; em relação aos brancos, dentro da delegacia, Nestor não era respeitado como autoridade, era apenas mais um homem negro diante de um branco, reforçando o que significa a realidade de uma sociedade estruturalmente racista, que nega ao negro direitos de vivência e de humanidade.

É possível compreender, portanto, que o romance evaristiano é uma potente denúncia do racismo estrutural, mas é necessário ressaltar que o enriquecimento presente no texto vai além dos sofrimentos e enfrentamentos ao racismo. O conhecimento ancestral é fortemente

apontado na obra, o que pode fazer o leitor compreender que a vivência da população negra está para além dos acontecimentos nefastos do racismo. Destarte, os elementos acerca da ancestralidade serão mencionados cuidadosamente no próximo capítulo, levando em consideração a complexidade e a riqueza de conteúdo a serem abordados. A obra *Ponciá Vivência* é uma voz escreviente que denuncia o racismo e a cultura que o processo de tráfico e escravidão desejou apagar. Ela puxa o leitor para trás, para o passado, para fazê-lo tomar consciência do presente e, assim, faz do futuro uma consequência desses dois polos temporais.

1.4 DA ESCREVIVÊNCIA À METAESCREVIVÊNCIA

O termo *escrevivência* foi cunhado pela autora Conceição Evaristo durante o seu mestrado para se referir às escritas realizadas por pessoas negras. O termo não é apenas a união de duas palavras *escrever* e *viver*, mas está fundamentado em uma ação que, embora se inicie em única pessoa, não termina nela mesma, não se configura como uma escrita de si, mas abraça todo um coletivo. Evaristo (2020) trata da *escrevivência* como um fenômeno diaspórico e, sobre essa reflexão, ela ressalta que:

pensar a *escrevivência* como um fenômeno diaspórico e universal, primeiramente me incita a voltar a uma imagem que está no núcleo do termo. Na essência do termo, não como grafia ou como som, mas, como sentido gerador, como uma cadeia de sentidos na qual o termo se fundamenta e inicia a sua dinâmica. A figura fundante do termo é a Mãe Preta [...]. (Evaristo, 2020, p. 29)

Evaristo (2020) menciona a Mãe Preta que estava na senzala como a figura fundamental para o termo *escrevivência*, tomando como base o processo histórico no qual essas mulheres estavam inseridas. Tratar dessas mulheres pretas é voltar para o processo de escravização e lembrar que elas eram obrigadas a deixar suas famílias, seus filhos, que muitas vezes eram postos à venda, para que elas pudessem fazer adormecer, a partir de suas histórias, as crias dos senhores da Casa Grande. Assim como afirma a autora, a Mãe Preta era “mãe de leite, a que preparava os alimentos, a que conversava com os bebês e ensinava as primeiras palavras, tudo fazia parte da sua condição de escravizada” (Evaristo, 2020, p. 30). Essas mulheres tinham suas vidas cerceadas pelos desejos dos senhores, suas vozes silenciadas, porque tinham como função atribuída pelo processo de escravização servir aos senhores, às senhoras e aos seus filhos.

Foi na imagem da Mãe Preta que Conceição Evaristo encontrou o caminho para ampliar o sentido do termo *escrivivência*, que, inicialmente, estava ligado à escrita das mulheres negras, em sua condição de corpo enclausurado nos estereótipos criados pela sociedade. Assim, o intuito inicial do conceito estava pautado na desestruturação da imagem da mulher negra. E, acerca disso, Conceição Evaristo destaca que “se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje, a letra, a escrita nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade nos nossos e das nossas ancestrais” (Evaristo, 2020, p. 30).

A escritora compreende a potência que há na oralidade como força motriz para a sobrevivência dos costumes dos ancestrais e, por isso, sublinha que a potencialidade da voz, do poder de criação, mas também da criatividade foi muito bem utilizada pela casa-grande para seus feitos e deleites. Por essa razão, Evaristo (2020, p. 30) evidencia que, se antes as nossas ancestrais tinham sua vivência tolhida e suas vozes demarcadas pelos senhores, pelas senhoras e, até mesmo, em prol das crianças geradas por eles, a sua escrita, não. Pois, como afirma, “a nossa *escrivivência* não é para adormecer os da casa-grande, e, sim, acordá-los de seus sonos injustos” (Evaristo, 2020, p. 30).

Para Conceição Evaristo, a sua *escrivivência* lhe possibilita a experiência de celebração de sua ancestralidade, entendendo as nuances existentes em ser pessoa negra, de origem africana, identificando que há uma hifenização em sua nacionalidade e, dessa maneira, ela consegue compreender a necessidade de afirmar a sua origem africana. Assim sendo, a partir da *escrivivência*, a autora consegue se conectar, dando passos na direção do passado, ligando-se aos que vieram antes. Elucida, pois, a diáspora, a partir de sua escrita, e suas palavras dançam no papel, na prática da oralidade, enunciando sua brasilidade, que se difere de muitos outros indivíduos e grupos.

A *escrivivência*, ainda que parta de um lugar tão subjetivo da autora, consegue abarcar uma gama de indivíduos que estão à margem da sociedade ou observando criticamente tantas marginalizações de corpos-vidas-humanas que são pisoteadas para a invisibilidade proporcionada pelas opressões. Sobre isso, Evaristo 2020 afirma que:

[...] ao mesmo tempo, tenho tido a percepção que, mesmo partindo de uma experiência tão específica, a de uma afro-brasilidade, consigo compor um discurso literário que abarca um sentido de universalidade humana. Percebo, ainda, que as experiências específicas convocam as mais diferenciadas pessoas. Creio que é a humanidade das personagens, construo várias personagens humanas ali, onde outros discursos literários negam, julgam, culpabilizam ou penalizam. (Evaristo, 2020, p. 31)

A autora acredita, fortemente, que a humanidade atribuída às suas personagens possibilita que muitas pessoas possam se identificar com as suas obras; pontua que busca encontrar e descrever a humanidade daquele que, em sua história, possa estar com uma arma nas mãos, pois defende que a humanidade “é de pertença de cada sujeito” (Evaristo, 2020, p. 31). A estudiosa defende, ainda, que suas personagens carregam consigo, a despeito da pobreza, outros dramas existenciais que podem ser inerentes aos demais seres humanos, até mesmo a necessidade de encontro e de pertencimento. A partir dessas características, a ficção evaristiana se mistura com a vida, confundindo-se e se fundindo às experiências de muitas pessoas.

Ademais, sobre a obra *Ponciá Vicêncio*, Evaristo (2020) diz acreditar que ela comova as pessoas pelo fato de nela haver “uma personagem cuja vivência é marcada pela experiência de uma solidão profunda” (Evaristo, 2020, p. 31). Muitos seres humanos, para além da experiência da cor da pele, do gênero fora ou não do padrão heteronormativo, podem se identificar com essa solidão. Por isso, as personagens evocadas podem falar sobre uma multidão e não apenas sobre uma única parcela da sociedade.

As obras de Conceição Evaristo são lidas por homens, mulheres, pessoas LGBTQIAPN+, e a autora acredita que isso ocorra pelo fato de que a maioria das personagens criadas e construídas cuidadosamente por ela parte de um espaço de exclusão. E, segundo ela, as pessoas que são obrigadas a experimentar espaços de exclusão podem se identificar com essas personagens. E, mesmo que o autor possa deixar muito ou pouco de si em um texto, ela acredita que cada pessoa vai acolher um determinado enunciado de acordo com as experiências que lhe atravessam.

Evaristo (2020) reitera, ainda, que “a aprendizagem da escrita está na vida” (Evaristo, 2020, p. 34), visto que foi na dinâmica de viver que ela pôde observar seus primeiros traços. Por conseguinte, do seu mundo, que pouco tinha a oferecer, do ponto de vista material, precisou enxergar a vida de maneira mais profunda, por isso, nem sempre buscou fugir de sua realidade, mas lidar com ela. Defende, com isso, que aprender a enxergar o mundo não pela extensão, mas pela sua profundidade lhe possibilitou enxergar, também, a realidade vigente e a concretude dos acontecimentos, “com suas mortes, a realidade confrontando o sonho; sonhos moldados a ferro e fogo” (Evaristo, 2020, p. 34). Portanto, a escrita, para a autora, surge de sua experiência pessoal; ela investigava o entorno, escrevia sobre ele sem, ao menos, ter uma resposta. A escrevivência não nasce de um ato de contemplação, mas de um incômodo pontiagudo que se

fazia presente na vida da autora e que a fazia perguntar sobre a forma como as coisas estavam postas no mundo.

Quando questionada se a sua escrevivência estava próxima ou podia servir como analogia à frase “viver é dominar o mundo”, defendida por Clarice Lispector, Evaristo (2020) diz que domínio nunca foi uma palavra que moldou a sua existência, dado que ela “não tinha nenhum domínio sobre o mundo, muito menos sobre o mundo material” (Evaristo, 2020, p. 34). É difícil e quase impossível para uma pessoa negra, vítima das desigualdades sociais deste país, pensar na palavra domínio, quando o Estado, por meio, muitas vezes, da violência policial, controla até mesmo a sua existência, escolhe se deixa ou tira o seu futuro, como se fossem meras *coisas* sem significância para o mundo. Para uma sociedade estruturalmente racista, o que são pessoas negras senão meras estatísticas? Não há meio para se pensar em dominar o mundo, nem mesmo pela via da escrita, quando se trata de uma pessoa negra que, inclusive, para passar pelo mercado editorial, precisará lutar de certa maneira.

Por isso, Evaristo (2020) assegura que jamais pensaria na escrevivência como possibilidade de domínio sobre o mundo, mas como um sentimento que pulsa dentro dele durante muitos anos “por perceber um mundo esfacelado, desde antes, desde sempre” (Evaristo, 2020, p. 35). E, sobre isso, pondera que:

escrevivência é, antes de tudo, interrogação. É uma busca por se inserir no mundo com nossas histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera. Escrevivência não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida. Um mundo que busco apreender, para que eu possa, nele, me autoinscrever, mas, com a justa compreensão de que a letra não é só minha. (Evaristo, 2020, p. 35)

Por isso, a escrita para ela está longe de possibilitar o domínio de algo, mas é uma ação que promove a tentativa de compreensão de uma sociedade, um mundo, que não está totalmente desvendado. A partir desse desejo de decodificação desse mundo, Evaristo busca realizar sua escrevivência sem deixar de lado a forte presença do contar histórias, a oralidade que está em sua subjetividade. A autora gosta de ver dançar os termos cotidianos, que parecem ser jogados, dispostos sobre a folha de papel, já que somos levados sempre à escrita numa norma culta ou padrão. Ressaltar uma exigência existente de uma escrita padrão ou culta não significa dizer que a autora negligencia o dicionário, muito pelo contrário, ela o afirma, faz acordar as palavras que estão ali adormecidas entre tantas páginas. Alimenta, pois, sua escrevivência, também, ao

encontrar, no dicionário, palavras ditas arcaicas. A esses termos ela dá vida em seu processo de escrita.

A escrevivência não se trata, assim, de uma escrita que se finda em um eu individualizado e, por isso, não pode ser classificada como uma escrita de si. Evaristo (2020) esclarece que a escrevivência não consegue refletir o rosto de uma só pessoa, mas de toda uma coletividade. Afirma, por conseguinte, que é muito comum a literatura negra ser considerada num tom memorialista, mas dizer isso é afirmar que, talvez, a obra *Ponciá Vicêncio* seja a história de vida de Conceição Evaristo, o que não é, de fato. A escritora cria histórias a partir de suas vivências, mas ficcionaliza acontecimentos, para que seus textos ganhem corpo e forma, denunciando realidades vividas e compartilhadas por muitas pessoas. Nesse sentido, a escrevivência não termina em Evaristo. Começa nela, mas termina em muitos outros corpos, rostos e vidas.

[...] a escrevivência não é uma escrita narcísica, pois não é uma escrita de si, que se limita a uma história de um eu sozinho, que se perde na solidão de Narciso. A escrevivência é uma escrita que não se contempla nas águas de Narciso, pois o espelho de Narciso não reflete o nosso rosto. E nem ouvimos o eco de nossa fala, pois Narciso é surdo às nossas vozes. O nosso espelho é o de Oxum e de Iemanjá. Nos apropriamos dos abebés das narrativas míticas africanas para construirmos os nossos aparatos teóricos para uma compreensão mais profunda de nossos textos [...] quando lançamos nossos olhares para os espelhos que Oxum e Iemanjá nos oferecem é que lançamos os sentidos de nossas escritas. No abebé de Oxum nos descobrimos belas, e contemplamos a nossa própria potência. Encontramos o nosso rosto individual, a nossa subjetividade que as culturas colonizadoras tentaram mutilar, mas ainda conseguimos tocar o nosso próprio rosto. E quando recuperamos a nossa individualidade pelo abebé de Oxum, outro nos é oferecido, o de Iemanjá para que possamos ver as outras imagens para além do nosso rosto individual. Com certeza ganhamos que não somos pessoas sozinhas. Vimos rostos próximos e distantes que não são os nossos. O abebé de Iemanjá nos revela nossa potência coletiva, nos conscientiza que somos capazes de escrever a nossa história de muitas vozes. (Evaristo, 2020, p. 39)

A escrevivência de Evaristo está fortemente ancorada na sensibilidade que advém da ancestralidade, esta que nos lembra que os nossos não sobreviveram sozinhos, mas foram abraçados por muitos outros. A fuga era em conjunto, os quilombos não eram formados por uma só pessoa, mas por muitas, que realizavam a sua manutenção e fortaleciam suas bases. A escrevivência não é uma escrita de si, porque somos formados por muitos, muitas vozes, muitas existências; ela é uma voz que ecoa de um indivíduo para os outros e que fortalece uma legião. Por isso, a autora considera a possibilidade de distanciar a escrevivência da escrita de si e até

mesmo da autoficção, visto que nem toda escrevivência está escrita em primeira pessoa, como o faz a escrita de si.

Evaristo (2020) considera que autores como Cruz e Souza e até mesmo Lima Barreto podem se aproximar de uma escrita da escrevivência, pois acredita que ambos podem ter se utilizado de suas experiências como homens negros para escrever alguns de seus textos. No caso de Cruz e Souza, entende que o poema em prosa *Emparedado* poderia ser lido como uma escrevivência, assim como o texto *Recordações do escrívão Isaías Caminha*, de Lima Barreto. Segundo a estudiosa, ainda que esses autores possam ter compreendido as suas dores como sujeitos negros em uma sociedade racista, eles não apenas escreveram sobre os seus dramas pessoais, mais denunciaram a vivência e a existência de muitas outras pessoas negras da época.

Assim, autores e autoras negras como Conceição Evaristo utilizam-se de suas experiências para escrever os seus textos, que não necessariamente estão escritos em primeira pessoa, mas abarcam toda uma existência. Deseja-se, por este motivo, nesta dissertação, também, além de refletir como a ancestralidade pode combater o racismo estrutural, refletir sobre como o texto acadêmico que estuda a escrevivência pode ser referenciado e como pode ser possível que esses estudiosos façam as suas próprias escrevivências enquanto realizam os seus estudos. Ao longo desta pesquisa, pretende-se, ainda, observar uma autoinscrição e alguns momentos de uma escrita em primeira pessoa, pois serão consideradas algumas vivências pessoais no que tange à ancestralidade, com o fim de enriquecê-la.

Nessa perspectiva, avaliando com atenção como esta pesquisa tem sido construída, refletiu-se sobre a possibilidade do uso do termo *metaescrevivência* para se referir a essa produção tão específica que levamos a cabo. *Meta* é um termo que advém do grego e é utilizado para designar quando se realiza a análise ou a reflexão de algo falando sobre o que está sendo refletido ou analisado. Sendo assim, esta investigação utiliza como documento uma escrevivência, ou seja, a obra de Conceição Evaristo. Todavia, enquanto esse texto é analisado, procura-se realizar, em alguns momentos, uma escrevivência própria.

Isto posto, é importante perceber que, ao tratar de algumas vivências pessoais, como: a simplicidade do templo de religião de matriz africana; a (con)vivência com as ancestralidades; a aprendizagem e a importância que os orixás e os ancestrais desejam ensinar com a simplicidade material na vivência religiosa; bem como a herança da ancestralidade e perceber de que modo esses elementos estão em franca analogia com a romance evaristiano. Por isso, essas experiências pessoais, além de demonstrar forte relação com o texto, também possibilitam

que os indivíduos que lerem a *escrevivência* de Conceição Evaristo alcancem e enxerguem tais analogias na sua experiência literária.

A *mestaescrevivência*, nesse sentido, não está retida na elaboração de um romance, de uma poesia, de uma prosa, ela pode se estender a um texto acadêmico, seja uma tese, uma dissertação, um ensaio ou um artigo científico. O fenômeno da *metaescrevivência* pode ocorrer, também, nesses tipos textuais, desde que quem os escreva esteja usando como base de seu estudo uma *escrevivência*, realizando uma análise científica sem deixar de lado suas vivências pessoais, de forma que suas experiências estejam sendo inscritas em seu trabalho. A sua vivência, portanto, não deve estar ligada a uma escrita puramente de si, mas a uma vivência que, além de pessoal, possa atingir a outras pessoas; ser, portanto, experiência similar a de outros indivíduos, como ocorre na *escrevivência* de Conceição Evaristo. Assim, a *metaescrevivência* seria a criação de uma *escrevivência* enquanto se analisa e se escreve a partir de uma outra *escrevivência*.

Pode-se dizer que a *metaescrevivência* não ocorre apenas porque há momentos do texto escritos em primeira pessoa do singular, mas porque está revestida pelas vivências da pessoa negra que inscreve as suas experiências, enquanto usa como documento de análise uma *escrevivência*, sem deixar de lado o embasamento científico que pede um trabalho acadêmico. Além disso, assim como a *escrevivência*, a *metaescrevivência* também “não se esgota em experiência pessoal, mas se enreda, se cumplicita, se (con)funde com tantas outras vivências [...]” (Evaristo, 2020, p.17).

Evaristo, como uma mulher negra que lutou para estar no patamar em que se encontra hoje no quesito reconhecimento, não deixa de lado o transbordar das vivências cotidianas como mulher negra. E, como uma em um milhão, tendo vencido após tantos anos de luta e superado as estatísticas que enumeram as vidas ceifadas de pessoas negras, tem em suas palavras o eco de suas batalhas que sempre se coaduna com os ecos-irmãos de tantas pessoas negras na sociedade brasileira.

Como Conceição Evaristo, deseja-se que os ecos dançantes da minha vida, como primeira pessoa negra da minha família a ingressar em um programa de mestrado, também possam coadunar com as existências de tantas outras pessoas negras e periféricas que têm suas existências negligenciadas. Esta reflexão sobre a *metaescrevivência* representa, na verdade, um convite para que se abram novos horizontes no âmbito acadêmico. E, nessa perspectiva, esta pesquisa, portanto, pode ser considerada uma *metaescrevivência* em todos esses sentidos, e ao

longo do texto, sobretudo no próximo capítulo, será dado início à escrita pautada na metaescrivência, que aqui foi mencionada.

CAPÍTULO 2

AS ANCESTRALIDADES COMO LUGAR DE ENUNCIÇÃO

[...] A voz de minha filha
 recolhe todas as nossas vozes
 recolhe em si
 as vozes mudas caladas
 engasgadas nas gargantas.
 A voz de minha filha
 recolhe em si
 a fala e o ato.
 O ontem – o hoje – o agora [...].

Conceição Evaristo.

Ressaltaremos, neste capítulo, o estudo sobre as ancestralidades, que têm sua fortaleza edificada no processo cultural brasileiro, que ao longo do tempo edificou os cultos de matrizes africanas como fortalezas de reconexão com as ancestralidades. Deseja-se tomar como base a obra *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, e os estudos bakhtinianos sobre a enunciação para os estudos neste capítulo. Diante disso, faz-se necessário entender que os dois conceitos estarão em confluência ao longo do capítulo. Refiro-me às ancestralidades, no sentido plural do termo, justamente porque, segundo a autora Sobonfu Somé, nascida em Burkina Faso, na obra *O espírito da intimidade* (2023), nem sempre é possível nos comunicarmos e recebermos orientações de nossos ancestrais diretos.

No povo Dagara, do qual a autora faz parte, era muito comum as pessoas receberem orientações dos mais velhos e de espíritos da natureza que estavam em volta, ainda que não fossem ancestrais diretos. Esse aspecto cultural de escuta aos mais velhos é ressaltado no romance evaristiano e também é comum às religiões de matrizes africanas, em suas pluralidades, visto que existe contato com os ancestrais, com os orixás, com as pombagiras, com os caboclos, com os boiadeiros, com as falanges presentes nas religiões de matrizes africanas, que não necessariamente são ancestrais diretos dos indivíduos que participam dos rituais, mas que estão presentes para enunciar, serem ouvidos e compreendidos em troca dialógica.

Embora a obra *Ponciá Vicêncio* não levante questões sobre as religiões de matrizes africanas e represente fortemente a desigualdade racial e social, podem-se notar, também, práticas ancestrais vividas pelas personagens no enredo. Assim, é possível perceber um chamado que advém de acontecimentos do passado que atravessam as personagens e fazem

parte de seus questionamentos e vivências cotidianas. São essas vozes que se mantêm em relação nem sempre direta, mas que se abraçam, independentemente do espaço e do tempo, e que formam laços envolventes na escuta aos mais velhos, na reprodução de saberes antigos, e que dão sentido à vida das personagens do romance de Conceição Evaristo, sendo possível observar identidades amplas e que fogem de padrões e estereótipos fortalecidos socialmente.

Faz-se necessário mencionar, também, que neste capítulo será iniciada mais fortemente, a escrita pautada na metaescrivência. Isso significa dizer que, em alguns momentos do texto, haverá colocações em primeira pessoa para o compartilhamento de vivências. Estas, não apenas pautadas na experiência pessoal, mas que se cumpliciam nas andanças de muitos indivíduos na sociedade brasileira. É válido ressaltar que o embasamento teórico-científico não será excluído, pelo contrário, a metaescrivência só existe (diferente da escrevivência que está contida na escrita literária) porque há embasamento científico para analisar uma escrevivência.

2.1 CONCEIÇÃO EVARISTO E A AUTORREPRESENTAÇÃO NA OBRA *PONCIÁ VICÊNCIO*

No Brasil, como sociedade escravagista, foi implementada socialmente uma cultura e uma visão em relação à mulher negra de subalternidade, que a colocava diretamente à margem da sociedade. Diante desse processo histórico-social, foi-se estruturando um corpo social que enxergava a mulher negra como uma “coisa” passível de ser usada e desrespeitada perante a sociedade. Com isso, não se admira que mesmo nos âmbitos acadêmicos, frequentados em sua maioria por pessoas brancas e ricas, tenham sido fomentadas e fortalecidas tais visões racistas e violentas ao corpo da mulher negra, que, para essas pessoas, estava longe de ser um indivíduo.

De acordo com Sobonfu Somé (2003), a mulher africana, sobretudo em sua aldeia, era respeitada, sendo a base do povo. Ao se casar, porém, era o homem que recebia o nome da mulher e não o contrário, como pode ocorrer nas sociedades ocidentais e em todas aquelas que sofrem com suas radiações. É importante mencionar que os homens não eram forçados, na aldeia de Somé, a receberem os nomes de suas esposas, não era uma espécie de violência ou imposição, pelo contrário, em muitas aldeias africanas, a matrilinearidade era pautada pelo equilíbrio entre as pessoas de mesmo sexo. Na cultura do povo Dagara, apesar de haver atividades atribuídas conforme o sexo, o sexismo e o desrespeito não eram fomentados, pois a

feminilidade e a masculinidade precisavam estar em relação de equilíbrio, seja no homem, seja na mulher.

Tal modo de vida, entretanto, não se faz presente no Brasil, desde que as mulheres africanas foram sequestradas e traficadas para o país, onde foram obrigadas historicamente a servir de objeto sexual para os senhores e para a manutenção da economia escravagista da época. A única característica semelhante aos costumes africanos que se manteve no Brasil, no período colonial, e ainda para a manutenção da violência contra o corpo e humanidade da mulher negra, foi, segundo Abdias Nascimento (2019), a matrilinearidade, sobre o seguinte aspecto: ao filho da mulher negra escravizada, que fora o fruto da violência sexual sofrida por parte do homem branco, só restava a igual condição escravizada de sua mãe. Dessa maneira, os senhores poderiam continuar abusando de mulheres negras, além de mantê-las como prostitutas para a obtenção de lucro.

Posto isso, foi a partir dessas violências que a sociedade racista e patriarcal estruturou os estereótipos sobre as mulheres negras e, a partir deles, elas foram representadas de diversas formas, de modo a fortalecer a cultura escravagista, que nega direitos e humanidades às pessoas pretas como um todo. Às mulheres negras de pele clara sobrou o retrato da mulher-objeto-sexual, que seria utilizada e culpabilizada pelas violências contra o seu corpo e a sua dignidade; para ela, sobrou apenas a imagem da Rita Baiana¹. Às mulheres pretas retintas sobravam apenas os papéis de extrema subserviência, isto é, aquela que não deveria ser “digna” nem mesmo da hipersexualização, sendo apenas a mulher-objeto, que poderia ser abusada, sim, mas que deveria estar sempre no lugar que fora predestinado para ela: a cozinha, o serviço, a subserviência extrema. Em vista disso, de acordo com Nascimento (2019), a literatura registraria, portanto, dois papéis para a mulher negra: a de doméstica e a de *mulata*².

Segundo Conceição Evaristo (2005), a literatura surge como um importante espaço para produzir e reproduzir sentidos, e a literatura brasileira, para ela, seguiu seu curso, insistindo em reforçar estereótipos em relação à mulher negra. Diante disso, pode-se compreender que a forma como essa mulher era retratada em alguns textos literários a colocava em um lugar em que o outro falava sobre ela, da forma como a viam, com o olhar de uma sociedade manchada

¹ Personagem da obra *O cortiço*, de Aluísio de Azevedo, retratada como uma *mulata* provocante, que seria capaz de seduzir o homem branco português e destruir o seu casamento com a mulher branca portuguesa.

² Termo inapropriado para se referir, no dia a dia, às mulheres negras de pele clara, não simplesmente pelo que se diz de sua etimologia, mas pelo que o termo significa socialmente para essas mulheres, visto que uma palavra não deve ser vista apenas a partir do seu fator linguístico, mas, também, pelo extralinguístico, dado que linguagem e sociedade são indissociáveis.

pelo processo de escravização e racismo. Nesse ínterim, a humanidade dessas mulheres lhes era negada e seu corpo ainda era retratado como aquele que servia para procriar e para a utilização do senhor.

Uma das importantes retratações da mulher negra na literatura, questionada por Evaristo (2005), é a ausência da maternidade. É como se a mulher negra sempre tivesse de estar em um processo e espaço de animalidade, como se sobrassem apenas a vivência de Bertoleza³, a tarefa de ama de leite, mas nunca a chance de maternar e gestar um fruto seu. Entende-se que as duas personagens citadas estão contidas em uma obra do Realismo/Naturalismo e, portanto, apresenta críticas às questões sociais. Entretanto, os comentários de alguns intelectuais negros, como Abdias do Nascimento e até Conceição Evaristo, ocorrem pelo fato de parecer que o único lugar na sociedade conferido às mulheres negras eram aqueles. Quando, na verdade, há uma pluralidade de vivências a serem retratadas. Percebe-se uma crítica a esta questão na obra *Ponciá Vicêncio*, quando a protagonista, tendo estado grávida muitas vezes, não conseguia gestar sua criança, todas morriam em seu ventre, e quando saíam de seu ventre para o mundo, não suportavam o peso da existência e faleciam. Embora na cultura africana a maternidade seja uma maneira de potencializar a mulher, que era o centro e a base das aldeias, o mundo em que Ponciá Vicêncio estava fadada a viver sua existência negava para ela esse direito básico de dignidade, de maternidade e de escolha.

Nessa perspectiva, na linguagem e no enredo de sua literatura, Conceição Evaristo buscou inscrever, nos meandros de uma literatura marcada pela escrita falocêntrica e branca, de homens viventes de uma sociedade estruturalmente racista, uma autorrepresentação, procurando criar uma literatura em que o “*corpo-mulher-negra* deixa de ser corpo do outro” (Evaristo, 2005, p. 54). Nos romances evaristianos, vemos uma mulher negra, então, inscrevendo-se sobre as vivências de outras mulheres negras e, até mesmo, de homens negros, que também foram alvo de estereótipos desumanizadores durante o processo histórico-social brasileiro pautado pelo escravismo. Dessa forma, ao desejar falar e escrever sobre si, Conceição Evaristo e outras autoras negras buscam romper com uma espécie de linguagem literária que foi criada a partir do poder, para criar discursos literários próprios.

Para Evaristo (2005), no momento em que não apenas ela, mas outras escritoras negras começam a criar uma descrição pautada nas suas subjetividades e experiências, passam a não

³ Personagem do romance *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, mulher negra que estava sempre em papel de subserviência, a ela era reservado o papel de doméstica.

aceitarem mais ser objetos descritos, para, então, se situarem como o que a autora chama de “sujeito-mulher-negra” (Evaristo, 2005, p. 54). Assim, autoras negras como Conceição Evaristo passaram a escrever histórias que abrigam toda uma vivência de lutas de outras, e quando, numa sociedade racista, essas escritoras tomam esse lugar, passam, segundo a autora, a tomar o direito da escrita como se toma o direito à vida. Consequentemente, diante de um processo em que mulheres negras são invisibilizadas e ficcionalizadas de maneira estereotipada e animalizada, agora, deseja-se, romper com esse processo para fazer ouvir vozes que questionam e gritam fortemente que suas características e vivências precisam ser respeitadas.

Assim, Conceição Evaristo (2018), em *Ponciá Vicêncio*, manifesta uma *escrevivência*, na medida em que se endereça continuamente às vivências de pessoas pretas, sempre saindo de um processo de escrita individual para atingir e apresentar o coletivo. As personagens desta obra de Evaristo são, pois, afetadas e intocadas continuamente por uma ancestralidade em muitas de suas práticas, e sua ficção pode chegar às imaginações induzindo ações e performatividades. Isso equivale a dizer que a percepção de quem tem acesso à literatura de Evaristo é alargada, sobretudo às pessoas pretas da nossa sociedade que, diante de suas (sobre)vivências, ainda que não percebam, estão em contato com o ancestral: seja no respeito aos mais velhos, na presença em sua religião de matriz africana, na busca pelos saberes do passado e até no desejo de, em conjunto, lutar pela (sobre)vivência e ressignificar suas existências.

Nesse sentido, a *escrevivência*, de Conceição Evaristo, também é uma forma de inscrever na literatura as subjetividades e vivências de pessoas negras a partir de suas vivências, que se manifestam no ato da escrita. A autora afirma que a *escrevivência* nunca é apenas sobre quem escreve, mas sempre tem o seu fim no outro. Então, se Evaristo, como autora negra, realiza o seu ato de escrever-viver, que fala sobre si, ao mesmo tempo, estará tratando de outras mulheres que compartilham de experiências semelhantes. A *escrevivência*, nesse caso, também pode ser um ato de autorrepresentação, visto que se trata de uma mulher negra inserindo seus atravessamentos e discursos no seu fazer literário.

Ademais, é possível compreender que, assim como incomodou à Conceição Evaristo, escritora e negra, ver-se representada por homens brancos, sendo, portanto, objeto de estudo do outro, há também incômodos da personagem Ponciá Vicêncio em entender a si mesma para além do que estava visível para ela. É também possível observar esses elementos no momento em que o narrador ressalta que “Ponciá Vicêncio ficava na beira do rio, se olhando nas águas, como se estivesse diante de um espelho, chamando por si própria [...]” (Evaristo, 2018, p. 19).

A personagem tentava se reconhecer a partir de seu nome, o que lhe foi atribuído na diáspora. Entretanto, dentro de si, sentia que havia um passado ao qual pertencia, uma história e um nome verdadeiro e não um atribuído em um processo de dor, mas de raízes mais distantes.

Como se pode ver pela obra de Evaristo: “Ponciá Vicêncio era para ela um nome que não tinha dono” (Evaristo, 2018, p. 25). Isso evidencia que a mulher se sentia distante de sua identidade, não havia como entendê-la. Afinal, ela estava inserida em um processo de racismo estrutural em que as pessoas negras viviam, muitas vezes, como o *modus operandi* falocêntrico-branco impunha. Contudo, ela sabia que havia mais dentro de si, sabia que precisava voltar ao passado para entender de onde vinham as enunciações que gritavam dentro dela, que existiam por meio da história, dado que eram as vozes dos seus. Assim, ao gritar de fora para dentro em tantas batalhas, agora, em Ponciá, essas mesmas vozes gritavam de dentro para fora no peito-profundo da menina-mulher.

O tempo passava, a menina crescia e não se acostumava com o próprio nome. Continuava achando o nome vazio, distante. Quando aprendeu a ler e a escrever, foi pior ainda, ao descobrir o acento agudo de Ponciá. Às vezes, num exercício de autoflagelo, ficava a copiar o nome e a repeti-lo, na tentativa de se achar, de encontrar o seu eco. (Evaristo, 2018, p. 25)

O nome de Ponciá era vazio porque, com ela, a história dos seus também foi esvaziada, foi estereotipada, seu povo foi tirado de suas terras no continente africano e foram forçados a deixar para trás suas vivências, suas histórias, seus nomes. Pessoas pretas estavam inseridas, na sociedade onde Ponciá vivia, às margens tanto da existência quanto da memória. Fora-lhe apresentado que ela era Ponciá, que sua vida era apenas aquela, que ela era apenas aquela menina, mas ela sabia que precisaria mergulhar para entender sobre si e que entender sobre isso era também entender sobre os seus. As pessoas pretas, na sociedade onde Ponciá vivia, estavam reduzidas a um processo de violência e desigualdade. Restava apenas a riqueza da tradição de sua aldeia: os cantos, o respeito aos mais velhos, a metafísica da relação com os mortos, a fortaleza da vivência em comunidade que, ao ser deixada para trás, fez um buraco no peito da moça. Esses elementos abrem caminho para o que será tratado nas próximas seções deste capítulo.

É possível compreender, portanto, que a autorrepresentação é um forte caminho e mediação de luta e resistência para que pessoas pretas falem de si mesmas, distanciando-se de histórias únicas, contadas apenas a partir de uma perspectiva de violência e racismo. Ponciá não se identificava com seu nome, assim como tantas escritoras negras não se identificam com imposições de descrições estereotipadas dadas às mulheres negras a partir de um processo de

escrita e de formação de sentido e de símbolos, que seriam responsáveis por contribuir com a edificação de uma sociedade estruturalmente racista. Essa estrutura nega às pessoas pretas o direito à vida e à humanidade. Inscrever uma forma própria de discurso a partir da autorrepresentação foi e é um ato heroico de combate ao racismo estrutural no âmbito literário, assim como é, também, uma maneira de retomar, sobretudo, elementos passados pelos ancestrais, sejam os cânticos, a vivência e a aprendizagem por meio da oralidade, visto que muitas características desse passado encontram-se na enunciação.

2.2 A MANIFESTAÇÃO DA ORALIDADE EM *PONCIÁ VICÊNCIO*: ENUNCIADOS COMO PULSÃO DE VIDA

No texto *Estética da criação verbal*, de Bakhtin (2011), é mencionado que o termo enunciação, utilizado pelo estudioso russo e traduzido para a língua portuguesa, significa “ato de enunciar, de exprimir, transmitir pensamentos, sentimentos [...]” (Bakhtin, 2011, p. 261). Além disso, é importante ressaltar que o termo enunciação é utilizado para se referir tanto aos enunciados falados quanto aos escritos. O enunciado, por sua vez, tem sempre um destinatário, que possui índole diversa, um grau de compreensão também diferente, assim como o grau de proximidade. Isso quer dizer que esse destinatário pode estar próximo ou distante do ponto de vista histórico e pode, também, ter uma concepção de mundo diferente do autor do enunciado. Para além do destinatário, Bakhtin desenvolve, ainda, nessa obra, a presença do entendedor, aquele que compreende o enunciado e que faz parte de sua constituição. O ato de compreensão do enunciado é, assim, completamente responsivo, promovendo o que o autor vai chamar de dialogia.

O conceito de dialogia, por sua vez, recebe uma amplitude significativa com Bakhtin, na medida em que não está diretamente ligado e reduzido ao diálogo. No texto *O problema do texto na linguística, na filologia e nas ciências humanas*, o estudioso russo diz que “o enunciado em sua plenitude é formado como tal pelos elementos extralinguísticos, está ligado a outros enunciados” (Bakhtin, 2011, p. 313). Tais elementos extralinguísticos não são apenas os elementos dialógicos, mas conformam fatores extralinguísticos, que são justamente aqueles que estão para além da estrutura da língua, que envolvem todo o meio em que o enunciadador está envolvido e a sua interação. Dessa forma, é importante compreender que, no momento em que o material linguístico entra no campo do discurso e é transformado em enunciado, o dialogismo

pode ocorrer, visto que há alguém que enuncia algo para o outro; o sujeito e seu posicionamento na sociedade estão, portanto, situados.

Quando o posicionamento do sujeito está situado, é possível que esse enunciado seja confrontado, entendido, modificado, acolhido como uma forma de concordância, discordância ou ser até mesmo rejeitado. A partir dessas situações, ocorre uma relação de sentido com a palavra do outro, ou seja, essas relações são capazes de gerar significados, que serão consequentemente responsivos, e isso ocorrerá a partir do encontro com a palavra do outro. Isso faz compreender que as relações dialógicas estão intrinsecamente ligadas aos índices valorativos, e o enunciado não pode ser visto como uma unidade apenas da língua, mas da interação social, não apenas de um sujeito com o outro, mas do sujeito com o meio em que ele está inserido e organizado.

Por essa razão, enunciados de tempo e espaço diferentes, quando confrontados no plano do sentido, podem estabelecer relações dialógicas, ainda que seja “uma forma especial de dialogismo não intencional” (Bakhtin, 2011, p. 323). De algum modo, é isso que também podemos ver acontecer entre as personagens do romance evaristiano, visto que estão sempre estabelecendo relações de sentido entre os enunciados de tempos e espaços diferentes, sempre ampliando, confrontando ou até mesmo citando para criar, portanto, novos enunciados. Assim, há um processo dialógico acontecendo na relação entre anciãos e jovens, no texto de Conceição Evaristo, ao mesmo tempo em que as personagens estão revivendo modos culturais antigos de seus povos, repassando aprendizagens orais que advêm de um processo anterior, deixando-se sentir, mas também ouvindo e compreendendo enunciados do passado, das pessoas que já partiram deste mundo e deste tempo.

Quando se ouve falar sobre ancestralidades africanas, é importante pensar sobre como a linguagem, por meio da oralidade, permeou esses povos, não apenas na diáspora, mas ainda no continente pluriversal África. Abdias Nascimento (2019) ressalta que a única forma de literatura possível para os africanos em diáspora era a oralidade, visto que, diante do processo de escravização e subjugação, não se atribuía às pessoas pretas o acesso à escrita ou à leitura. Entretanto, se for possível observar mais longe, Amadou Hampaté Bâ (2010), no texto *A tradição viva*, diz que, na verdade, a oralidade é parte profunda da tradição da História Africana e de seu espírito. A palavra está fortemente imbricada na formação cultural de pessoas pretas, e tal vivência se faz presente tanto na existência de pessoas que vivem e se fortalecem nas tradições de matrizes africanas, quanto na obra *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo.

Assim, ao mencionarmos a oralidade como marca da herança africana, nos atemos, dessa forma, à fala, mas não à escrita, dado que, segundo Hampaté Bâ (2010), essa tradição é passada de maneira paciente de boca a ouvido, de mestre a discípulo ao longo dos anos. Isso significa que esses enunciados atravessam épocas, e destinatários diversos são formados por meio delas, em um processo não apenas de recebimento do discurso, mas de compreensão; muitas dessas marcas estão presentes na obra *Ponciá Vicêncio*. Compreende-se, com isso, que, além de exprimir pensamentos, exprimiam-se, portanto, ensinamentos e, a partir desses ensinamentos transmitidos de maneira oral, os indivíduos eram formados na cultura de seus povos. Os enunciados eram postos, e assim eram compreendidos, repetidos, reformulados, e os que os ouviam criavam seus próprios enunciados no movimento de repasse do conhecimento por meio da oralidade.

Isso posto, no início do texto de Evaristo: “[...] diziam que a menina que passasse por debaixo do arco-íris virava menino” (Evaristo, 2018, p. 13), é possível constatar o verbo “dizer” e perceber que se trata de uma estória que é contada oralmente para crianças da aldeia de Ponciá. Além disso, no romance evaristiano, conta-se que a menina sentia medo do arco-íris, que é mencionado pelo narrador como “cobra celeste” (Evaristo, 2018, p. 13). Podemos entender, assim, a força da tradição oral na vivência da garota, como um elemento forte que remete às ancestralidades, sendo possível enxergar, ainda, a força da enunciação, em analogia com o conceito bakhtiniano: “toda compreensão é prenhe de uma resposta” (Bakhtin, 2016, p. 25). O que significa que, ao ouvir e compreender os enunciados dos mais velhos, Ponciá respondia a partir de sua compreensão, incorporando o que ouviu à sua vivência, reproduzindo as vozes de outros interna e externamente. A responsividade de Ponciá se manifesta, dessa forma, em diferentes maneiras de agir mediante o que ouvia e, conseqüentemente, compreendia, na sua aldeia.

Segundo Bakhtin (2016), no texto *Gêneros do discurso*, “o falante vai terminar o seu enunciado para passar a palavra para outro ou dar lugar a sua compreensão ativamente responsiva” (Bakhtin, 2016, p. 29). Isso porque, como já mencionado anteriormente, todo enunciado tem um destinatário que, para Bakhtin (2011), pode ser tanto aquele que pode compreender e, então, passar a ser enunciador, quanto aquele que é apenas entendedor, que vai compreender as relações dialógicas dos enunciados. Esse entendedor tem um lugar importante como participante do diálogo, visto que a própria compreensão é parte importante e constitutiva, que gera relações dialógicas entre os enunciados.

Por esse motivo, é importante ressaltar o seguinte trecho acerca do irmão de Ponciá Vicêncio: “[...] cantava muito como o pai. O homem entoava cantigas bonitas e o filho acompanhava sempre. Às vezes, o pai cantava uns versos, e ele respondia cantando outros” (Evaristo, 2018, p. 47). A primeira importante questão a ser observada nesse ponto é a cantiga como prática de resistência. A obra de Evaristo evoca sempre momentos em que os homens trabalhadores cantam enquanto labutam a vida, prática histórica passada de geração em geração, utilizada para suportar o peso do trabalho braçal e para voltar ao passado proporcionando uma conexão com os ancestrais e com os mais velhos. Ainda é necessário observar que entre o garoto que ouve o pai, compreende e complementa o seu enunciado, existe para além daquela ação de um enunciadador que silencia para que o outro compreenda e inicie sua enunciação, algo maior. Há uma relação entre o que está sendo falado com o mundo em que eles estão inseridos, há uma relação de sentido, há uma interação social, há uma relação com a sociedade e com a história, visto que a prática de cantar enquanto labuta a vida é uma prática antiga aprendida com os mais velhos e passada para os que vieram depois.

Além disso, a musicalidade é muito comum nas religiões de matrizes africanas. Eduardo Oliveira (2012), na obra *Filosofia da ancestralidade*, afirma que, por meio de suas religiões, pessoas de matrizes africanas reintroduzem uma África no Brasil. O pai e o irmão de Ponciá não estavam em um contexto religioso, mas introduziam um pedaço de África na diáspora ao reproduzirem as práticas de seus ancestrais, vivendo de acordo com o que lhes fora ensinado pelos mais velhos. Estabelecendo uma relação semântica, o pai e o irmão de Ponciá revivem e dão novos sentidos aos enunciados, às canções e às práticas dos mais velhos que não estão mais em vida, e o mesmo é feito nos terreiros, nome que se dá aos templos onde ocorrem os cultos das religiões afro-brasileiras. O foco não está apenas no diálogo, mas em toda interação social, que produz toda uma relação de sentido, pois o significado é maior.

Outra importante questão a ser observada no trecho mencionado da obra sobre Luandi é a oralidade, a partir de Hampaté Bâ (2010), quando o autor diz que apesar de, na cultura ocidental, ser mais levado em consideração o que está escrito, mas não o que é falado, os povos colonizados, sejam indígenas ou africanos, foram forçados a incorporarem uma cultura que não era a sua e tiveram de assistir (não sem luta) à desvalorização e ao epistemicídio de seus saberes. Concomitante a isso, Leda Martins (2003), em sua obra *Performance da Oralitura*, enfatiza que os repertórios narrativos e poéticos, bem como a maneira de ver o mundo, apreender e figurar o real dos povos colonizados, sejam indígenas ou africanos, foram deixados à margem em prol da centralização dos valores e dos saberes ocidentais.

Diante disso, é possível compreender que a autorrepresentação realizada na obra evaristiana, do viver negro a partir da oralidade, é uma forma de ancorar uma percepção de que “essa herança ainda não se perdeu” (Bâ, 2010, p. 167); trata-se de uma forma de (sobre)vivência das personagens de seu romance. Assim, mesmo com a vida sofrida das gerações escravizadas, da vida aprisionada pelo processo de estruturação do racismo e pela desigualdade, o irmão e o pai de Ponciá estavam mantendo vivas as tradições, assim como muitos dos que viviam na aldeia. Dessa maneira, é importante ressaltar o seguinte trecho, ainda referente ao irmão da personagem principal:

Cantou alto uma cantiga que aprendera com o pai, quando ele trabalhava na terra dos brancos. Era uma canção que os negros mais velhos ensinavam aos mais novos. Eles diziam ser uma cantiga de voltar, que os negros lá na África entoavam sempre [...]. Luandi não entendia as palavras do canto; sabia, porém, que era uma língua que alguns negros falavam ainda, principalmente os mais velhos. (Evaristo, 2018, p. 71)

É necessário, ainda, fazer menção a Hampaté Bâ (2010), que explica que os últimos depositários do conhecimento da oralidade africana eram a tradição viva do continente africano. No que se refere aos mais velhos, que ensinavam a tradição para os mais novos, pode-se dizer que não só eles eram a tradição viva, mas também eram ancestralidades vivas naquele povo. A família de Ponciá estava na diáspora, mas é possível perceber que a vivência dos ancestrais estava viva no dia a dia. Sobre isso, é importante destacar que esses mais velhos, a partir da oralidade e da prática das tradições culturais de seu povo, deixaram em nossa sociedade muitas de suas tradições, sobretudo nos terreiros de candomblé, onde estamos o tempo inteiro diante da enunciação, da compreensão e da responsividade, três elementos mencionados anteriormente a partir de Bakhtin (2011). Esses elementos estão presentes tanto ao respondermos a uma toada (músicas cantadas para chamar os ancestrais), quanto na prática ensinada pelo Babalorixá (para pessoas de gênero masculino) ou pela Ialorixá (para pessoas do gênero feminino), que cultuam os Orixás por intermédio da língua iorubá.

De acordo com Eduardo Oliveira (2021), na obra *Cosmovisão africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente*, a palavra tem a força que anima e fornece vitalidade ao mundo, assim como visto no romance evaristiano. É a linguagem e o uso da palavra, na maioria das vezes falada, que direcionam as personagens. A palavra, para o autor, é “concebida como uma energia capaz de gerar coisas” (Oliveira, 2021, p. 53), isso porque ela é concebida como força vital; a palavra dita é importante, podendo fazer bem para quem fala e ouve, mas também, se não for pensada antes de ser proferida, pode fazer mal tanto a quem a ouviu quanto a quem a proferiu. Tal percepção é importante e, também, fortalece o

posicionamento de Mikhail Bakhtin (2016), quando o autor pontua que “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem” (Bakhtin, 2016, p. 11).

Vale lembrar que é pela linguagem que advém o sentido, e o sentimento de pertença é fortalecido a partir da tradição, que é repassada para as pessoas; são, portanto, como vozes do passado reelaborando o presente. Além disso, é importante salientar que, segundo Oliveira (2021), a palavra não pode ser reduzida apenas a uma fonte de conhecimento, pois, como uma força maior, é capaz de transformar e constituir diversas atividades no tempo. Dessa forma, é possível compreender que nós existimos pela linguagem. E, assim, como ressalta o autor argentino Juan José Saer, “a linguagem é parte do mundo, assim como o mundo é parte da linguagem” (Saer, 2022, p. 160). Posto isso, é preciso entender que mundo e linguagem coexistem, um é complemento do outro, o mundo não existiria em magnitude como é sem a linguagem, pois é por meio dela que as mais diversas atividades humanas são completas.

Além disso, a ausência do enunciado escrito em prol da utilização do enunciado falado se faz presente em diversos momentos do livro. As personagens do romance evaristiano, em sua maioria, não possuíam o acesso à leitura e à escrita. Entretanto, ainda assim, conseguiam viver, compreender um ao outro, a partir da tradição tecida e transmitida sobremaneira pela oralidade. É possível tomar como exemplo quando a mãe de Luandi e Ponciá, Maria Vicêncio, chega à cidade para encontrar seus filhos: “a mãe de Ponciá não sabia ler, mas sabia falar” (Evaristo, 2018, p. 94). Seu conhecimento total sobre sua vivência e de seus filhos era suficiente, e Maria não teve medo de utilizar a palavra para cumprir seu objetivo, isso bastava. Segundo Hampaté Bâ (2010), nas tradições africanas, a palavra nunca é utilizada de maneira imprudente, é justamente a sabedoria oral o que o estudioso defende como o “conhecimento total” (Bâ, 2010, p. 169). Apesar de, na obra, a necessidade da leitura e da escrita ser colocada como importante diante da sociedade em que as personagens viviam, na aldeia de Ponciá a oralidade ainda tomava conta fortemente do povo que ali vivia. E foi essa oralidade que levou a mãe de Ponciá a compreender o momento certo de ir até a cidade e encontrar os filhos, com a fé da tradição e da escuta aos mais velhos.

Vale destacar, ainda, o que Oliveira (2021) diz quando afirma que se a palavra é uma energia, se for proferida sem cuidado, pode interferir, inclusive, na existência, visto que ela, além de ser força vital, também contém uma importância histórica. Segundo o autor, essa característica está ligada à sua transmissão a outros sujeitos e ao conhecimento perpassado por meio dela. Concomitantemente, Bakhtin (2011) enfatiza que a palavra é interindividual, tudo o que o falante expressa não pertence apenas a ele, mas também ao ouvinte, que é, de igual modo,

entendedor do enunciado. Por consequência, o autor afirma que “na relação criadora da língua, não existe palavra sem voz, palavras de ninguém” (Bakhtin, 2011, p. 330), dado que em todas as palavras há possibilidades infinitas de vozes, sejam elas próximas ou distantes, que podem soar de forma simultânea. Em relação ao romance evaristiano e às culturas africanas, esse conceito se faz fortemente presente, pois as mesmas pessoas que recebem os ensinamentos por meio da oralidade, ouvem, compreendem e se tornam autores dos enunciados recebidos, repassando os ensinamentos neles contidos, posteriormente, a outros. Aliás, foram pessoas advindas de África que ensinaram aos irmãos como os mais velhos cantavam em iorubá, como visto anteriormente, e essas músicas eram cantadas e a sua importância resguardada.

Ainda segundo o estudioso Hampaté Bâ, a relação entre o homem e a palavra é mais forte nas sociedades orais, por essa razão, “a tradição oral conduz o homem à sua totalidade e, em virtude disso, pode-se dizer que contribuiu para formar um tipo de homem particular, para esculpir a alma africana” (Bâ, 2010, p. 169). É possível, pois, observar que os mais velhos educavam os mais novos a partir da oralidade, na aldeia de Ponciá Vicêncio. De modo semelhante, a vivência e a aprendizagem fazem parte do cotidiano de tantos indivíduos dentro de seus terreiros, quando aprendem com seus Babás e/ou Ialorixás, por meio da palavra, a esculpir o espírito africano, não apenas em cada um de nós em formação subjetiva, mas na diáspora.

Por conseguinte, é importante, mais uma vez, citar a rica vivência das pessoas que participam das religiões de matrizes africanas. Afinal, geralmente, quando desejamos nos comunicar com os nossos ancestrais, a palavra apenas pronunciada e cantada nos basta. Assim, a música referente àquele mestre, àquele pombagira, a um preto velho ou a um orixá torna-se essencial. Como se vê, pronunciada ou cantada, a palavra nos leva para o nosso objetivo. Quando o Babalorixá nos ensina o que fazer com uma oferenda, a palavra é suficiente; não levamos papel ou caneta, mas ouvimos com atenção, praticamos tais ações, muitas vezes, em uma troca dialógica, a partir do enunciado, da compreensão e da responsividade, para que aquela vivência se faça completa. Não se trata apenas da palavra pela palavra, mas da palavra escutada com atenção e do contexto extralinguístico em que todos estão inseridos. Para melhor fundamentar a vivência citada, Martins (2003) afirma que a palavra não é estática, ela não se petrifica, mas é movimento dinâmico e necessita de uma escuta atenciosa, visto que “nos remete a toda uma poiesis da memória performática dos cânticos sagrados e das falas cantadas no contexto dos rituais” (Martins, 2003, p. 67).

É possível compreender, então, a afirmação de Abdias Nascimento (2019), “os terreiros atuais são elos de continuidade africana” (Nascimento, 2019, p. 28). O que os mais velhos dentro dos terreiros fazem também está presente no romance evaristiano. Diante do processo de oralidade, estão conscientes de contribuir na formação dos indivíduos mais novos. A partir da oralidade, os mais jovens estão formando sua experiência discursiva a partir das vozes dos que vieram antes, tal como atesta Bakhtin: “a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados dos outros” (Bakhtin, 2016, p. 54). Compreende-se, dessa forma, que não nos formamos sozinhos, mas em um processo ativo de alteridade na relação com os que estão à nossa volta e, assim, é possível fortalecer uma cultura e até fortalecer identidades. Por conseguinte, quando o pai de Ponciá, ensinado pelos mais velhos, passa para o filho as cantigas, com elas, direciona um sentido de pertença, um sentimento, um significado; está, também, ao mesmo tempo, ajudando a formar a identidade daquele mais novo dentro do processo cultural no qual ambos estavam inseridos.

Bakhtin (2016) também ressalta que o enunciado “nunca é apenas um reflexo, uma expressão de algo já existente fora dele, dado e acabado” (Bakhtin, 2016, p. 95). Isso quer dizer que, embora o enunciado seja algo novo, ele também é criado a partir de algo que está dado, que tem a ver com o valor, com a vivência de um indivíduo, com a sua visão de mundo. Esses exemplos caracterizam um dado inteiro, tornam-se, portanto, criados. Por esse motivo, é importante observar que quando as pessoas da aldeia de Ponciá Vicêncio ensinavam por meio da oralidade, contavam suas histórias ou davam conselhos, manifestavam uma prática específica de vida, criavam esses enunciados a partir de seus sentimentos vivenciados, das suas experiências e seus valores. Essa relação de sentido, para Bakhtin (2016), é sempre dialógica e se dá por meio da linguagem e pela construção desses enunciados que passam, portanto, a formar os indivíduos no presente, a partir da vivência do passado.

Vale notar, ainda, que do mesmo modo como o pai de Ponciá, por meio da oralidade, ensinava cantigas para o filho, Maria Vicêncio ensinava à filha, protagonista da obra, a lidar com o barro. A cantoria existia, e a menina aprendia as práticas com a mãe. “A menina era sua filha mulher. Falavam, trabalhavam e cantavam juntas. Já bem pequena, ela entendia o barro e ia ao rio buscar a massa” (Evaristo, 2018, p. 63). A prática da aprendizagem passada dos mais velhos para os mais novos, que era presente na relação de Maria Vicêncio e Ponciá, seguia com a menina para onde quer que ela fosse, a ponto de sua mão coçar até sangrar de tanta falta que sentia do barro.

Ainda sobre a presença da oralidade e do ensinamento por meio dos mais velhos, é necessário observar o seguinte trecho da romance evaristiano, quando o irmão de Ponciá Vicêncio volta para a aldeia com uma roupa de soldado, emprestada de um colega da cidade, quem o ajudava a alimentar o sonho de se tornar um oficial:

[...] Nêngua Kainda olhou os trajes de Luandi e deu a rir, mas com os olhos. Ria dizendo que o moço estava num caminho que não era o dele. Que estava querendo ter voz de mando, mas de que valeria mandar tanto se sozinho? Se a voz de Luandi não fosse o eco encompridado de outras vozes-irmãs sofridas, a fala dele nem no deserto cairia. Poderia sim, ser peia, areia nos olhos dele, chicote que ele levantaria contra os corpos dos seus. (Evaristo, 2018, p. 77)

A figura de Nêngua Kainda, anciã da aldeia onde Ponciá e sua família viviam, é significativa na obra de Conceição Evaristo, porque aponta para o importante símbolo da forte presença cultural ancestral. Enquanto Luandi, irmão da protagonista, se apresenta vestido com ilusões que o distanciam de sua história, a mais velha, a partir de seu enunciado, chama-o de volta para a sua responsabilidade e para a sua realidade. A obra relata que, inicialmente, “Luandi não entendeu o riso, o deboche e as palavras de Nêngua Kainda” (Evaristo, 2018, p. 77). Entretanto, ao mencionar a importância do entendedor no processo de dialogia, Bakhtin (2016) explica que ele é o elemento que constitui a formação do enunciado e, segundo o autor, “isso decorre da natureza da palavra, que sempre quer ser ouvida, que sempre procura uma compreensão responsiva e não se detém na compreensão imediata” (Bakhtin, 2016, p. 105).

Como se nota, o enunciado sempre possibilita compreensões futuras, de maneira ilimitada, assim como relatado no enredo, pois Luandi conseguiu entender posteriormente a complexidade e a profundidade das palavras que a sua mais velha lhe proferiu. A anciã é a personificação de um passado vivo, e a enunciação que advém dela abriu portas para que Luandi pudesse compreender essas ancestralidades, que se mantêm vivas em seu passado, seu presente, ajudando-o a repensar o seu futuro. O passado estava bem à sua frente, enunciando para o seu presente o caminho para um futuro que pudesse se fazer distante da violência e da potencialização da marginalização dos seus irmãos.

A estudiosa Sobonfu Somé, em sua obra, chama a atenção, ainda, para os jovens que saíam da aldeia. Ela ressalta que eles, ao chegarem à cidade, “ficam completamente diferentes” (Somé, 2003, p. 20). Luandi, irmão de Ponciá, analogamente, se iludiu com a cidade e passou a acreditar que o melhor para si era ter poder sobre o outro, ainda que esse outro fosse um semelhante seu. Foi justamente no retorno à sua aldeia e ouvindo uma mais velha insistir com ele que seu caminho não era o da opressão, que Luandi pôde, posteriormente, compreender a

voz que lhe havia sido enunciada. Diante disso, é possível ressaltar que a formação de Luandi como indivíduo está presente nos enunciados que constroem o seu sentido e sua identidade como pessoa que comporta vozes e viveres do passado e que ecoam em seu presente. É olhando, ouvindo e compreendendo as vozes do passado que a personagem consegue traçar novos passos para o que vem depois, pois o futuro ainda não aconteceu, não é concreto, mas o passado, sim, está lá e é possível saber o que já ocorreu, a fim de não se repetir. Dessa maneira, a própria compreensão de Luandi acerca da voz da anciã e das vozes que o cercam, segundo Bakhtin (2011), já é dialógica.

Nêngua Kainda, por sua vez, viu tudo o que Luandi não viu, viveu o que ele não viveu. Trata-se de uma anciã num mundo em que a personagem mais jovem ainda é apenas uma criança engatinhando. Nêngua Kainda é o acontecimento concreto, o passado que o direciona para a concretização de seu futuro, que está por ser construído. Para isso, Luandi precisa tomar boas decisões no presente. Como afirma Oliveira (2021), nas sociedades modernas, o tempo é orientado para o futuro, mas, nas sociedades africanas, o tempo é orientado para o passado. De acordo com o autor:

Dá-se mais ênfase ao passado que ao futuro quando se trata da concepção de tempo na cosmovisão africana. A referência *mor* é o passado. É nele que residem as respostas para os mistérios do tempo presente. É no passado que está toda a sabedoria dos ancestrais. Somente no passado o africano encontra a sua identidade. (Oliveira, 2021, p. 55)

A identidade do africano é encontrada apenas no passado, porque é ouvindo o passado, que é concreto, que ele consegue viver o seu presente para, então, pensar em seu futuro. O mesmo ocorre nos templos de religiões de matrizes africanas, ouvimos um ancestral para compreender uma vivência do presente e melhor caminharmos para o nosso futuro. No romance evaristiano, não apenas Luandi, mas mesmo sua mãe e outros indivíduos da aldeia buscavam conhecimento com Nêngua Kainda, pois, sendo uma mais velha, poderia ensinar para os mais novos. A mãe de Luandi, em seu tempo de espera, foi procurar os filhos apenas quando a anciã permitiu e avisou que “o tempo já havia aberto os caminhos para que a mãe fosse encontrar os filhos” (Evaristo, 2018, p. 93).

Maria Vicêncio soube ouvir, compreender e esperar: “Soubera esperar pacientemente vários e vários anos. Sofrera muito, era verdade, aprendera, entretanto, que era impossível ir na dianteira do tempo” (Evaristo, 2018, p. 93). A pesar da dor, a mãe da protagonista esperou pela chegada do momento certo, respeitando a voz da ancestral viva, que portava a força e a sabedoria dos enunciados dos que vieram antes, a mulher que possuía a ciência dos ancestrais

que não estavam mais na terra. Assim, a força que muitas personagens do romance evaristiano tiravam para a sua sobrevivência estava no passado, ou seja, no passado-vivo, com Nêgua Kainda ou com os antepassados mortos. Esse passado estava sempre orientando o presente.

Assim como a protagonista, nós também somos ecos de todas e de todos os que vieram antes. No entanto, ao invés de buscarmos apenas falar, é necessário calar-nos para ouvi-los. Calar para ouvir, isto é, não silenciar a nossa voz, pois, como já visto, a partir da teoria de Bakhtin (2016), aquele que ouve é, também, um respondente. Sem ouvir e compreender, não poderemos responder e sermos, também, enunciadores das vozes dos nossos e das nossas ancestrais.

Da mesma maneira que Ponciá, quando eu acordo me sentindo esvaziada e sozinha, com respostas rasas, com o choro embolando a garganta, sem saber como agir no presente, preocupando-me com o futuro, sei que é o mal da sociedade ocidental e lembro-me de viver o agora buscando as respostas nos antepassados. Dirijo-me ao meu templo, converso com os ancestrais e, então, o que parecia vazio começa a ter sentido, fazendo coexistir o sentimento e a razão de ser, porque é à ancestralidade que me fala que posso responder.

Dessa forma, levando em consideração os estudos de Oliveira (2021, p. 55), a voz do passado é ouvida com atenção, mas com a “intenção de reorganizar o presente”. Por isso, viver o agora é importante. O futuro ainda não ocorreu, mas com os ouvidos voltados para as enunciações do passado, é possível traçar um caminho, partindo, então, dessas enunciações, assim como partiam as personagens da obra de Conceição Evaristo.

2.3 ANCESTRALIDADES QUE ENLAÇAM O TEMPO: O PASSADO NO PRESENTE

Segundo Oliveira (2021), nas antigas sociedades africanas, não eram contadas histórias sobre o fim do mundo. Não se pensava nessa possibilidade. O autor diz que, como o direcionamento era voltado para o passado, o futuro só poderia ser construído a partir dele, e o tempo que hoje vivemos é uma correlação entre o passado e o presente. Não é que o futuro não seja importante, mas a prática ocidental de viver e reviver ansiedades, pensando no depois e não no agora, não era comum aos ancestrais africanos.

Por conseguinte, é possível observar, nas personagens da obra de Conceição Evaristo, que, ainda que pensassem no futuro, era no passado que buscavam respostas. Mesmo que

Luandi Vicêncio pensasse no seu futuro como soldado, por exemplo, foi retornando ao passado que ele recebeu sua resposta. Embora Maria Vicêncio quisesse, em um futuro próximo, encontrar seus filhos, foi ouvindo a ancestral viva e recebendo acolhimento de sua relação com os mortos que ela pôde encontrar resposta. Por fim, ainda que Ponciá Vicêncio se encontrasse perdida em uma cidade que roubou todos os seus sonhos, era na sua relação com as lembranças do passado que ela buscava acolhimento para continuar viva.

Por essa razão, é necessário compreender que, embora o futuro seja, sim, importante, é preciso considerar o tempo em que vivemos: hoje, o presente, e o modo como está imbricado ao passado, segundo Ronilda Ribeiro (1996). Para a autora, “a esteira do tempo move-se para trás mais do que para frente” (Ribeiro, 1996, p. 23). Vale refletir, pois, a partir da afirmação da estudiosa, sobre Ponciá Vicêncio, após a longa vivência da personagem na cidade. O narrador pontua que “Ponciá gastava a vida em recordar a vida. Era também uma forma de viver” (Evaristo, 2018, p. 75). Vale notar que, como força para sua sobrevivência, a protagonista estava sempre em retorno ao passado, mantendo viva a memória dos que vieram antes dela e buscando entender a si própria, reconhecer-se como indivíduo. Isso fortalece muito o pensamento de Ribeiro (1996), que afirma que o nosso tempo atual é formado por passado e presente.

Assim como a relação com o passado nutre minha identidade como indivíduo social, Ponciá também sempre se voltava para o passado: “[...] ouviu os murmúrios, lamentos e risos... Era Vô Vicêncio. Apurou bem os ouvidos e respirou fundo. Não, ela não tinha perdido o contato com os mortos” (Evaristo, 2018, p. 62). Diante disso, é possível relacionar com o que Oliveira (2021, p. 58) menciona acerca do universo africano: “[...] assim como o visível não se separa do invisível na concepção de universo Iorubá, assim também o tempo dos mortos não se encontra separado do tempo dos vivos”. Consequentemente, do mesmo modo como a herança do avô de Ponciá regulou sua existência, a minha relação com os mortos também regula a forma como eu vivo, atestando o que diz Oliveira (2021) sobre os antepassados que vão “regular a vida de seus descendentes” (Oliveira, 2021, p. 58).

Ainda Ponciá: “[...] olhou para o tempo como se buscasse no passado, no presente e no futuro uma resposta precisa que estava a lhe fugir sempre” (Evaristo, 2018, p. 17). A partir daqui, é possível verificar que, apesar de não ter presente todas as respostas para as suas aflições, Ponciá Vicêncio estava sempre tentando retornar, escavando respostas para sua existência, seja no retorno para a sua aldeia, para sentir em si as memórias distantes, seja na sua

relação distante com o seu avô Vicêncio. Ponciá “reteve na memória os choros misturados aos risos, o bracinho cotoco e as palavras não inteligíveis do Vô Vicêncio” (Evaristo, 2018, p. 15).

Embora não tivesse conhecido seu avô, a protagonista o manteve vivo dentro de si e, ainda que Ponciá não proferisse, ela vivia momentos em que o passado parecia ditar o seu presente e a sua sina. Porém, a sua vida não estava estagnada enquanto vivia recordando-a ou quando ouvia os conselhos de Nêgua Kainda. É preciso ressaltar que o tempo para os africanos é dinâmico, e, ao relembrar o passado, a protagonista mantinha viva a sua cultura. Afinal, como afirma Oliveira (2021), é ouvindo os ancestrais que se deve “abrir os caminhos para os novos tempos” (Oliveira, 2021, p. 58). É importante que haja sempre essa relação de dialogia viva, uma relação que envolve os enunciados do passado, com os enunciados dos novos tempos, levando sempre em consideração o que existe para além dos elementos linguísticos, além das palavras, mas que está presente nas relações com a história.

Ademais, a forte relação de Ponciá Vicêncio com o seu avô, por exemplo, é muito importante, pois, como afirma Oliveira (2021), a relação privilegiada com o passado tem sua razão de ser: “ela permite uma relação especial com os ancestrais” (Oliveira, 2021, p. 57). Essa relação de privilégio com os que vieram antes é o que mantém de pé muitas pessoas pretas, que estão distantes de sua identidade; vivendo o hoje, com os pés no solo e recebendo a força dos ancestrais, é possível presentificar o passado para só então buscar um futuro; ouvindo a enunciação dos ancestrais, é possível se alimentar para viver.

Numa sociedade que sufoca pessoas pretas de formas variadas, é necessário que haja um fortalecimento e uma orientação, é preciso saber a necessidade de escuta e da compreensão para que os passos possam estar firmes, para que saibamos como lutar e como caminhar. Vale destacar que o poder do ancestral “ajuda a direcionar a vida e evita os abismos” (Somé, 2003, p. 26). Por isso, o tempo passado é um importante catalisador dos males de um mundo infectado pelas radiações das crenças ocidentais, que nos movem sempre para a frente, para a incerteza e para a ansiedade. Por outro lado, o tempo dos ancestrais é “privilegiado, pois é esse tempo que é dos antepassados” (Oliveira, 2021, p. 58). Dessa forma, era preciso que Ponciá pudesse compreender que dentro dela existia algo ainda mais poderoso, um eco, que continha as vozes de tantas pessoas. Andando para trás, portanto, caminha-se para frente.

É possível, pois, enxergar a mesma relação com os mortos, tanto na mãe quanto no irmão de Ponciá Vicêncio. Maria Vicêncio, por sua vez, “voltava para casa para espantar o vazio e sentir a presença dos mortos” (Evaristo, 2018, p. 93). Já Luandi, o irmão da protagonista,

ao voltar para a sua aldeia, na esperança de avistar a mãe, encontrou os objetos que pertenciam ao pai que havia falecido, e a sua família sentia a dor da ausência dos vivos, mas “dos mortos ele sabia, dos mortos ele entendia e sentia a presença-ausência deles em tudo” (Evaristo, 2018, p. 72). Conseqüentemente, vale sublinhar que não se pode perceber apenas a relação das personagens com o passado, mas com o mundo dos mortos, o sagrado que, segundo Oliveira (2021), correlaciona-se com o profano. O autor ressalta, também, que, entre o mundo dos antepassados e o mundo dos homens, há uma relação. Todavia, cada um possui uma noção de tempo diferente. Por outra parte, mesmo o tempo, no mundo dos que já partiram, relaciona-se com o mundo em que estamos vivendo.

Percebe-se, com isso, mais uma característica de como a ancestralidade se enuncia na vivência das personagens da obra, ainda se consideramos uma sociedade estruturalmente racista. Ouvir a ancestralidade e estar em ligação com os ensinamentos do passado fortalece as personagens. Essa mesma relação robustece, de igual modo, tantos indivíduos no mundo fora da ficção. Vale notar como a interação entre sagrado-profano, mundo dos ancestrais e mundo dos vivos, fortifica a existência de muitas pessoas dentro de suas casas de *axé*, ouvindo a ancestralidade, usando as folhas para curas e até buscando compreender a implicação existente entre essas temporalidades. Em minha experiência com as ancestralidades, busco sempre perguntar aos ancestrais, aos quais temos acesso, como é o mundo onde vivem. Nem tudo eles podem falar, mas explicam que não é muito diferente de onde vivemos.

É intrigante, porém, quando alguns ancestrais com os quais conversamos perguntam se em nosso mundo é dia, noite ou tarde, porque eles, também, não conseguem ter essa percepção. A certeza que todos têm é a da ligação entre os dois mundos, entre nós e eles, e como é importante a escuta e a vivência do agora. Como afirma a filósofa Sobonfu Somé: “o espírito de um ancestral tem a capacidade de ver não só o mundo invisível do espírito, mas, também, este mundo” (Somé, 2003, p. 26). A íntima relação que as personagens da obra de Conceição Evaristo possuem com os mortos é, assim, análoga às vivências citadas tanto pela filósofa quanto pelos povos de religiões de matrizes africanas, havendo uma correspondência uníssona entre o tempo dos vivos e o tempo do ancestral.

Os ancestrais, como afirma Oliveira (2021), não são os protagonistas de nosso tempo. Entretanto, o nosso protagonismo se dá ao ouvi-los, para abriremos novos caminhos para as compreensões e para os novos tempos. Por conseguinte, perceber a ancestralidade como um lugar de onde se enuncia é perceber a necessidade da escuta, como já mencionado anteriormente, e, para isso, é importante “acreditar na habilidade de ouvir” (Somé, 2003, p. 57).

A abertura para esses novos tempos se dá, portanto, por meio da tradição que, segundo Oliveira (2021): “é fundamento da atualização e da novidade” (Oliveira, 2021, p. 58). Assim sendo, os valores e as tradições são conservados e/ou atualizados. Isso pode ser correlacionado ao que diz Bakhtin (2011), quando afirma que:

Toda observação viva, competente e imparcial feita de qualquer posição e de qualquer ponto de vista sempre conserva o seu valor e o seu significado. A unilateralidade e as limitações do ponto de vista (da posição do observador) sempre podem ser corrigidas, completadas, levadas a cabo de outros pontos de vista. (Bakhtin, 2011, p. 330)

Ouvindo os ancestrais, então, pode ser possível distanciar-se dos discursos que movem a sociedade para o processo de estagnação da vivência do povo preto, o que sempre está pautado na violência e na subjugação. Olhando para o passado, ouvindo e compreendendo os desdobramentos da história, é possível ressignificar vivências, saberes, crenças sobre os nossos povos, tendo outros olhos para o mundo em que estamos inseridos.

Pode-se mencionar que há uma relação dialógica entre o tempo dos ancestrais e o tempo dos seus descendentes, por existir uma relação entre esses dois mundos, o que proporciona um processo de interação, que ocorre não apenas diretamente, mas a partir da história. Um dia, um mestre ancestral me falou que quando entro no salão onde ocorrem nossos rituais, no Terreiro de que faço parte, estou, ao mesmo tempo, passando por um portal, conhecendo um mundo novo, com regras diferentes e um tempo diferente. Nesse sentido, é possível ter acesso aos ensinamentos desse ser do passado, que está repassando para nós, no tempo de hoje, o que aprendeu em um tempo distante; do mesmo modo, nós, em um tempo futuro, ensinaremos a outras pessoas. A relação que temos com esses antepassados, que provocam uma dialogia entre os enunciados, é um elo que nunca se quebra e se mantém sempre firme, basta que entendamos que o lugar de enunciação, que advém da ancestralidade, precisa ser um lugar onde os ouvidos, também, estejam ativos e abertos para a compreensão.

2.4 A HERANÇA DE PONCIÁ: MARCA COLETIVA QUE ULTRAPASSA A FICÇÃO

A grande incógnita que direciona o leitor até o final da obra de Conceição Evaristo é a “herança” (Evaristo, 2018, p. 15). Sabia-se que Ponciá Vicêncio receberia a herança deixada pelo seu avô, mas a garota, que logo se tornou mulher, não sabia o que a aguardava. Considero que o termo “herança” é forte e adequado para falar da população afro-brasileira em muitos

aspectos: o pessoal, o coletivo e até mesmo o religioso. Frantz Fanon (2022), na obra *Os condenados da terra*, diz que “[...] cada geração deve descobrir a sua missão. Cumpri-la ou traí-la” (Fanon, 2022, p. 7). Esse trecho da obra ajuda-nos a compreender que cada um de nós, pessoas negras, na diáspora, assim como Ponciá, também carregamos uma herança. Essa herança precisa se fazer presente. Ponciá é a prova de que a herança dos nossos está conosco, persegue-nos, não como uma cobrança, mas como um chamado, uma responsabilidade que vive em nosso seio e nos puxa para trás, impulsionando-nos para frente.

Como é possível observar no seguinte trecho: “[...] ir ou ficar? Só ela mesma é quem sabia, mas para qualquer lugar que ela fosse, da herança deixada por Vô Vicêncio, ela não fugiria” (Evaristo, 2018, p. 51). O ancestral de Ponciá Vicêncio, o seu avô, caminhava com ela para todo e qualquer lugar a que ela pudesse ir, enunciando as heranças do passado deixadas para a moça, como uma sina para o seu presente e seu futuro. Era de lá que ela buscava as respostas para permanecer viva: “bebia os detalhes remendando cuidadosamente o tecido roto de um passado, como alguém que precisava recuperar a primeira veste, para nunca mais se sentir desamparadamente nua” (Evaristo, 2018, p. 52). Sem o seu passado, Ponciá não estava completa, apenas no passado a protagonista entenderia sua identidade, não como uma forma de anular o seu presente-futuro, mas como maneira de nutri-los e de alimentar a si própria.

Somos descendentes de povos guerreiros que foram subjugados à escravização e transformados em negros para a criação e estruturação de uma sociedade capitalista, em nome da modernidade, como explica Aníbal Quijano (2005). Nossos ancestrais tiveram seus saberes, suas culturas subjugadas e fortemente aniquiladas de diversas formas, entretanto, ainda assim, não baixaram a cabeça e não temeram a luta. Conosco nasce a herança para perseverar na luta, para entender de onde vem a nossa força, para reconstruir a nossa conexão com os nossos ancestrais, para compreender a nossa história, não a história da escravidão, mas o nosso passado concreto, que não começou na diáspora, a fim de levar todas as percepções, que também são epistemológicas, aos irmãos que ainda não conhecem o seu propósito.

Ainda no que se refere ao termo “herança”, do ponto de vista religioso, meus irmãos do Terreiro e eu aprendemos em nosso templo que, geralmente, as ancestralidades que caminham conosco são herdadas de família. A exemplo do Babalorixá do nosso Terreiro. Ele herdou todas as suas tarefas religiosas e inclusive o título de regente da casa, depois do falecimento de sua avó, que fundou o templo. Ela foi, por muitos anos, Ialorixá. Isso ocorre com muitos de nossos irmãos e nossas irmãs de religião. É comum que herdemos conexões ancestrais com aqueles que estavam perto de nossos ancestrais diretos já falecidos.

Desse modo, ancestrais distantes, que são protetores dos nossos, passam diretamente a nos proteger, guiar e aconselhar no trajeto chamado vida. Cabe a nós, descendentes, darmos ou não continuidade ao legado dos que vieram antes de nós e deixaram a grande herança e privilégio de termos acesso aos dois mundos e aos dois tempos: mundo dos ancestrais e dos vivos, passado e presente. A partir disso, caberá aos herdeiros repassar os ensinamentos para seus próximos filhos e irmãos, a partir da oralidade e da prática, com base na coletividade, na interação e no respeito aos ancestrais.

Na aldeia em que Ponciá Vicêncio vivia, as pessoas se fortaleciam contra um mundo em que a desigualdade racial e social gritava e liderava. Naquelas terras, as pessoas aprendiam os cânticos do passado, apaziguavam suas dores e se sentiam seguras, era ali onde os mais velhos tinham seu valor e sua sabedoria era respeitada. Nesse lugar, por meio das ancestralidades, a dialogia se fazia presente, a partir da relação entre os enunciados ligados uns aos outros, independente do tempo ou do espaço. Afinal, segundo Makhail Bakhtin (2011), os enunciados são completos, têm um início e um fim, para, então, passarem a ser enunciados responsivos de outros, de modo que fazem parte de uma cadeia, mantendo sua relação dialógica, o que pode se dar, também, pela concordância entre eles.

As ancestralidades, desse modo, são o início da história e do fortalecimento para o povo preto, constituem o meio dessa mesma narrativa. Entramos, portanto, em relação dialógica com os enunciados dessas ancestralidades para nos fortalecer e ressignificar o futuro. De acordo com Sobonfu Somé (2003), os espíritos ancestrais têm o poder de enxergar o passado, o presente e prever o futuro e, a partir dessa força, é possível recarregar energias para, em conjunto, se pensarem novas estratégias individuais e coletivas. Nessa perspectiva, quando se afirma que o enunciado tem um início e um fim, equivale a dizer, de acordo com Bakhtin (2011), que ainda que ele seja citado, não é o mesmo, pois, mesmo repetido, é outro a cada nova ocorrência. Isso equivale a dizer, ainda, que quando o enunciado é interrompido para possibilitar que o ouvinte se torne falante, ele não morre, muito pelo contrário, estabelece relações dialógicas com enunciados em tempos futuros.

O mesmo ocorre com as ancestralidades, tomando como base a teoria de Bakhtin (2011) já referida. Os seus enunciados não estão fixos apenas no tempo passado, eles ocupam o presente, de tal forma que mesmo os indivíduos que ouviram suas vozes em um determinado momento vão realizar novos enunciados que estarão em dialogia contínua. Assim como os enunciados podem sobreviver ao longo do tempo, as ancestralidades também se fortalecem e se fazem fortes, presentes e potentes, porque agem por meio da linguagem. Consequentemente,

enquanto houver linguagem, haverá ancestralidades-enunciadoras que prenunciam a vida, a resistência e o caminho. A elas precisamos ouvir, a fim de unir passado e presente para solidificar os nossos passos para o futuro, enquanto resguardamos a memória e a tradição ancestral. Agindo assim, estamos, também, preservando nossa cultura e nosso modo de viver, para os que vierem depois de nós, nossos irmãos e nossas irmãs, que herdarão nossas andanças e nossos feitos.

Nesse exercício, é preciso que compreendamos quem somos, para além do que nos foi imposto e do que nos foi dito. Compreender o que está além do que está posto, do que conseguimos ver, ajuda-nos a dar conta da herança que nos foi deixada e como podemos, a partir dela, criar métodos de resistência. Em mim, por exemplo, há muitas outras e outros; em você, há ainda mais; como é possível, então, unir nossas heranças, para ressignificar nossas vivências e enriquecer àqueles que ainda não compreenderam a herança que possuem? São métodos a serem pensados. Todavia, um passo já está encaminhado: a resposta se dá de trás para frente, não do agora para o futuro, mas do passado para o presente. A nossa herança não é apenas individual, mas manifesta acontecimentos coletivos. Mesmo Ponciá Vicêncio representava muitas, como é possível observar no seguinte trecho: “Por alguns momentos, outras faces, não só a de Vô Vicêncio, visitaram o rosto de Ponciá. A mãe reconheceu todas, mesmo aquelas que chegavam de um outro espaço. Lá estava a sua menina, única e múltipla” (Evaristo, 2018, p. 102).

Em Ponciá, estava contido o passado, enquanto ela se fazia ser-vivente do presente. Acerca da necessidade de reconhecermos as vozes que se enunciam dentro de nós, Abdias Nascimento (2019) afirma que quem não tem passado não tem presente e, dessa maneira, também não poderá ter futuro. Por isso, sem entender quais são as enunciações que nos alcançam de trás para frente, não poderemos pensar em uma ressignificação do presente-futuro. Essa modificação de significados não pode ser individual, pois, como já percebemos, somos muitos, assim como Ponciá Vicêncio. Luandi, irmão da protagonista, também percebeu a importância da irmã enfrentar a manifestação da herança em si. Achou “bom que ela se fizesse reveladora, se fizesse herdeira de uma história tão sofrida, porque, enquanto os sofrimentos estivessem vivos na memória de todos, quem sabe não procurariam [...] a criação de um outro destino” (Evaristo, 2018, p. 103). Nessa perspectiva, é importante mencionar Nascimento (2019) quando o autor afirma que não podemos esquecer o navio negreiro, pois esquecer o passado é o mesmo que nos esquecermos de lutar por justiça, acreditando que tudo está bem.

A colocação de Nascimento (2019) é relevante, porque, além de se lembrar dos quatro séculos nefastos, evidencia a necessidade de olharmos para o passado e irmos o mais longe que pudermos, para entender as múltiplas vivências dos povos negros e de suas ancestralidades, conectando-nos com o passado e entendendo de onde vem a nossa força e resistência. Vale lembrar que todas as vezes em que Ponciá tentou fugir, em algum momento, ela precisou retornar. Voltar para a aldeia, resgatar suas memórias, ouvir uma anciã, pois nada seria possível longe das ancestralidades e da sua herança cultural. De minha parte, minha herança está no Terreiro, na repetição das toadas, nas palavras dos ancestrais múltiplos, aos quais tenho acesso, na voz e nos gestos de Iemanjá, nas águas do mar, nas vozes do meu Babá, nas guias que envolvem meu pescoço. A herança de Ponciá também vinha de seus ancestrais, da sua aldeia, das suas lembranças, do mundo dos mortos, que se mantinham presentes, mesmo que parecessem ausentes.

Cabe, portanto, a nós, que somos herdeiros tanto quanto Ponciá, sabermos se nossa herança advém das matas, do fogo, das águas doces ou salgadas, do vento ou da palha e seguirmos, também, nosso curso, buscando ressignificar nosso presente-futuro-coletivo sabendo ouvir. É preciso entendermos que a nossa compreensão pode, por si mesma, ser responsiva, como afirma Bakhtin (2011), e que a nossa responsividade pode gerar enunciados para os próximos herdeiros que, dialogicamente, compreenderão nossas enunciações e passarão para os seus. Hoje, somos descendentes; amanhã, poderemos ser influência para muitos outros que virão depois de nós.

Como podemos concluir, o olhar do Ocidente, das pedras e do luxo não enxerga valor na vida que Sobonfu Somé e seu povo viviam. A autora destaca que, ao perguntar para a sua mãe se ela aceitava morar nos Estados Unidos, numa casa grande onde a estudiosa vivia com seu esposo, a mulher não aceitou, via como um grande absurdo a vida longe da comunidade. O mesmo ocorre com a aldeia em que Ponciá Vicêncio viveu com sua família. A ausência da leitura era suprida pela presença da oralidade; a falta da cerâmica ou do porcelanato pelo chão batido. Esses elementos, de longe, podem parecer nada valer, porém, a sucessão de histórias que aquela vivência apresenta, para além da materialidade, não pode ser vista por quem não tem a conexão com os ancestrais.

Algo semelhante aconteceu no Terreiro de que faço parte. Embora todos os cômodos possuam cerâmica, os ancestrais não permitiram que fossem colocadas no salão onde eles se manifestam; exigiram, por outro lado, que o chão batido permanecesse naquele local, pela força que há nele e pela energia que emana. Visto de fora, pode haver uma incompreensão: por que

todos os cômodos contêm cerâmica, mas não o grande salão? Pode-se pensar, rapidamente, na falta de dinheiro, mas nunca no que existe ali, para além dos recursos materiais. Uma forte questão a ser levantada é que, geralmente, o que está fora do escopo ocidental, o que não é semelhante a esse modo de vida, à forma como se enxerga o mundo, pode ser visto não apenas com estranheza, mas como remetendo à pobreza e ao sofrimento. Por conseguinte, seria impossível para a família de Sobonfu Somé (2003) preferir morar na sua aldeia a viver em uma casa vazia no centro da cidade. De modo análogo, pode ser comum não se enxergar diferença nas moradias da aldeia de Ponciá, porque, para o estrangeiro, o que está distante da sua vivência pode soar como peça exótica ou indiferente, julgando tudo como parecido.

Acerca das referências negativas, já mencionadas, com respeito às vivências das pessoas pretas, é importante citar o autor Frantz Fanon (2008), em sua obra *Pele Negra, Máscaras Brancas*, quando afirma que, diferentemente dos ocidentais, na cultura negro-africana, compreende-se que o espírito não se opõe ao corpo e que, para além disso, a dupla homem e terra está intimamente ligada. Portanto, homem e natureza estão em coexistência, o humano não está, pois, nessa relação, em uma posição de domínio. Na obra, o autor afirma uma insatisfação por serem atribuídos a ele, como homem negro, um peso e uma responsabilidade pela história de seus ancestrais. Ele deveria, portanto, ser responsável por ele, por todas as pessoas negras e por todos os que vieram antes dele e foram escravizados.

No ponto citado, discordo de Fanon, ainda que consiga compreender o seu desejo de ser visto como um homem que deseja viver a própria vida e não ser responsável pelo peso histórico que foi posto como um fardo em suas costas junto a tantos estereótipos. Carregar a lembrança e a memória dos ancestrais não é um fardo, pois descendemos de pessoas que resistiram para deixar suas culturas e suas marcas para os que viriam depois; pessoas que, mesmo no tempo da escravidão, lutaram para não serem reduzidas a uma condição de escravos. Zumbi dos Palmares não era um escravizado, mas um quilombola; Dandara não era apenas uma escravizada, mas uma capoeirista que lutou pelo seu povo; e tantos outros ancestrais que fizeram suas pequenas revoluções para se verem livres do fardo da desumanização forçada. Carregar a marca de um ancestral não deve jamais se resumir a estereótipos negativos. Entretanto, o ponto que Fanon (2008) menciona sobre a sua insatisfação está justamente no ponto crucial do negro, no Ocidente, ser enxergado apenas como filho ou descendente de ex-escravizado.

Por isso, acredito ser oportuno levantarem-se algumas questões que podem ser importantes para este capítulo e para a análise em questão, pelo fato de que a insatisfação do autor, por ser responsável pelo seu corpo, sua raça e seus ancestrais se dava por ter sua vivência

e a dos seus resumida, como já foi mencionado, apenas ao processo de escravização, como se observa no seguinte trecho: “Queria ser um homem, nada mais do que um homem. Alguns me associavam aos meus ancestrais escravizados, linchados” (Fanon, 2008, p. 106). A vida das pessoas pretas parece, pois, existir apenas a partir do colonialismo e da subjugação, tudo relacionado à sua vivência passa, então, como exótico, primitivo e negativo.

Tantos de nós vivemos com essa falta, por não compreendermos de onde viemos, onde estamos e para onde vamos, sem sabermos do passado, para melhor vivermos o presente e criar um futuro possível. Por isso, Fanon (2008) destacou que, ao descobrir a verdade sobre seus ancestrais, ficou ofegante; todos estavam enganados, e ele não era apenas descendente de escravizados. Este é outro ponto importante a ser considerado. Afinal, o autor ressalta que os estudiosos que ele pesquisou e buscou conhecer “falaram em coro de Ségou, Djenné, cidades de mais de cem mil habitantes. Falaram dos doutores negros (doutores em teologia que iam a Meca discutir o Alcorão)” (Fanon, 2008, p. 118).

Diante do exposto, é possível compreender que, para além da riqueza de tantos povos que implementam fragmentos de África, na diáspora, nenhum de nós é apenas descendente de escravizados. Nossos nomes esvaziados, bem como os nomes dos nossos ancestrais modificados não são suficientes para falar da origem das pessoas pretas. Se somos constituídos por vários enunciados do passado, ao ouvirmos as histórias dos pretos-velhos no Terreiro, do nosso Babá e de tantos outros ancestrais, precisamos também trazer presente a história real que foi aniquilada, para não dar lugar a uma única visão de mundo, que insiste em colocar nossos ancestrais em um passado apagado e seus descendentes à margem, sem se reconhecerem, sem se ouvir o próprio eco e sem se entender de onde podem vir suas forças de vida.

Fanon ainda ressalta, na obra, que “o branco estava enganado, ele [Fanon, como homem negro] não era um primitivo, nem tampouco um meio homem, ele pertencia a uma raça que há dois mil anos já trabalhava o ouro e a prata” (Fanon, 2008, p. 118). Portanto, entender a magnitude da vivência dos ancestrais é compreender, também, que as suas práticas não são primitivas, mas avançadas. Isso não significa querer romantizar os diversos acontecimentos do continente africano, que se sabe, foram cheios de reviravoltas e que nem sempre a irmandade imperava em todos os reinos. Entretanto, o que se deseja levantar aqui é a riqueza de vivências, para além da dor da escravização, do colonialismo e da edificação do racismo, evidenciando a herança que trazemos conosco, que não se inicia ou cessa no processo de escravidão, mas que está para além de todo esse processo de dor e sofrimento.

O autor salienta, ainda, que:

[...] eles [seus ancestrais] sabiam construir casas, administrar impérios, organizar cidades, cultivar os campos, fundir os minerais, tecer o algodão, forjar o ferro [...]. Sua religião era bela, feita de mistérios [...]. Seus costumes, agradáveis, baseados na solidariedade, na benevolência, no respeito aos mais velhos. (Fanon, 2008, p. 119)

Parte desses costumes, portanto, é possível de ser observada nas vivências das personagens da obra *Ponciá Vivência*: tudo isso se faz notar pela simplicidade da aldeia, que não esconde a grandeza do respeito aos mais velhos, da solidariedade com os irmãos; mesmo a calma e a habilidade, como se vê pela mãe da protagonista, Maria Vicência, no modo como trabalhava o seu barro; ou a forma como Nêngua Kainda aconselhou Luandi a entender que ele tinha os seus e que precisava defendê-los, não os açoitar. Tais costumes religiosos que herdamos estão nas religiões, na maneira como estão organizadas as formas de viver o religioso em cada Nação, em suas diferenças e semelhanças. É, pois, compreendendo o nosso caminho, a nossa herança, que, tal como Ponciá, podemos fazer a diferença e nos deixar guiar pelas vozes outras e pelas ancestralidades que podem nos ajudar no caminho, sempre que dermos o primeiro passo.

“Lá fora, no céu de íris, um enorme angorô multicolorido se diluía lentamente, enquanto Ponciá Vicência, elo e herança de uma memória reencontrada pelos seus, não haveria de se perder jamais, se guardaria nas águas do rio” (Evaristo, 2018, p. 104). Como se vê, o rio, a água doce, que nas religiões de matrizes africanas pertencem à Mamãe Oxum, pode, por vezes, transbordar, mas também pode se abrandar e seguir seu curso. Como o rio, Ponciá também percorreria, a partir de então, o seu itinerário e selaria seu destino, com todas as enunciações que havia dentro e fora de si, na sua aldeia, no lugar em que as ancestralidades se enunciam de diversas formas.

CAPÍTULO 3

A PERFORMANCE ENUNCIATIVA DA ANCESTRALIDADE

[...]Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade. [...].
Conceição Evaristo.

Neste capítulo, será discutido como a ancestralidade pode ser um lugar de emancipação. A partir disso, haverá um breve retorno à discussão sobre *escrevivência* e como ela pode ser uma forma de performance coletiva. Os estudos sobre a performance aqui abordados estarão ancorados fortemente na obra *Performance, recepção e leitura*, de Paul Zumthor (2018). O autor passa pelo processo de oralidade para tratar da performance, passa pelo conceito sendo aplicado à escrita e chega ao empenho do corpo, visto que Zumthor (2018) acredita que, para haver performance, o corpo precisa estar presente.

Nesse ínterim, é preciso compreender como a performance está presente no processo de escrevivência, não no processo da escrita em si, mas em sua recepção e leitura, e, após isso, o conceito será aplicado à forma como a ancestralidade se enuncia, de maneira performativa, na obra *Ponciá Vicêncio*. Recorreremos, também, às obras do autor Jacques Rancière (2020, 2012), *A partilha do sensível* e *O espectador emancipado*, respectivamente. Ambas as obras serão cruciais para compreender o conceito de emancipação e o lugar da ancestralidade. Tanto a enunciação (a qual foi tratada no segundo capítulo), quanto a emancipação são termos importantes para se referir à ancestralidade. Além disso, como sua vivência é também coletiva, a obra *A partilha do sensível* será de extrema importância para o entendimento dessa noção.

Outra questão importante que a obra *Ponciá Vicêncio* deixa à reflexão é o processo coletivo em que o povo preto está inserido e como a forma de se viver está, muitas vezes, ancorada no modo como os ancestrais viviam. Muitos elementos, como características, maneiras de agir, maneira de pensar e até de ser no mundo, de algumas personagens, estavam fortemente ligados aos seus ancestrais. Diante disso, recorreremos ao texto *O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas*, para desenvolver essa temática sob os cuidados de Diana Taylor (2013).

3.1 *ESCREVIVÊNCIA*: UMA PERFORMANCE COLETIVA

Tratar do conceito de performance em Paul Zumthor (2018) é tratar da importância da voz nesse processo. Apesar de a leitura ser, de acordo com o autor, importante no que se refere à performance, a voz e a forma como o indivíduo recebe e seu corpo reage são fortes elementos para tratar a temática performativa. Embora o autor mencione que o conceito de performance está muito ligado ao teatro, ele busca ampliar o seu conceito, levando a performance para um passeio científico em que pode estar situada em diversas situações e momentos. Acerca disso, Zumthor menciona que o leitor de literatura se questiona sobre as modalidades e os efeitos em um nível individual, quando se trata da poesia transmitida oralmente. Ainda que o autor se refira à poesia, é importante considerar uma analogia para analisarmos o papel da fala na narrativa de Conceição Evaristo. Ao criar e ficcionalizar sua literatura, por meio das histórias contadas por sua família e escritas por ela, a autora, mediante recursos da oralidade, dá um novo corpo, uma nova forma, um novo sentido a sua escrita literária.

Zumthor decidiu levantar questões sobre a performance quando, em sua infância, passou a interrogar os sentimentos que lhe causava uma música cantada por um ambulante que costumava ouvir. Mesmo que tenha tido acesso à letra e tentado cantar a seu modo, o autor percebeu que os sentimentos não se davam da mesma forma, a sensorialidade da qual seu corpo é dotado não era aguçada como quando ouvia o ambulante decifrando e cantando a mesma letra que o encantara. Foi, então, que percebeu que existia uma forma particular, embora não única, que despertava nele aqueles sentimentos. Ainda que pudesse decompor a canção, estudar sua melodia, sua letra e sua sintaxe, a forma não poderia ser identificada, pois o que tocava o menino em sua infância só existia na performance.

Ademais, o intelectual ressalta que ampliar o conceito de performance não significa tirá-lo da concepção que lhe é natural, seu uso mais geral, ligado à voz e ao gesto. Entretanto, quando se desloca o conceito de performance para o gesto, o autor pontua que a voz tende a se diluir. De todo modo, ele busca realizar certas comparações, extrair o que se pode da palavra e de suas significações para que o conceito seja ampliado. Apesar das questões levantadas, algumas são inevitáveis, como a necessidade da presença de um corpo. A presença do corpo está intimamente ligada ao conceito de performance, segundo Paul Zumthor (2018), e é essencial para a integralidade dessa compreensão.

Nesse sentido, é importante ressaltar que a voz é algo que cativa Conceição Evaristo e motivou a autora durante seu processo como escritora. Como já mencionado neste trabalho, Conceição Evaristo tinha contato com um tio que, ao relatar um acontecimento, se jogava no chão, imitava e, portanto, performava. A forma como a menina Evaristo via seu tio contando e performando também fez dela uma criança que ficcionava histórias para fugir de sua realidade

sofrida. A maneira como o tio da menina contava um acontecimento e o conteúdo daquilo que estava sendo contado ficou marcado profundamente na pequena Conceição Evaristo. Sobre isso, afirma, então, Zumthor: “a performance e o conhecimento daquilo que se transmite estão ligados naquilo que a natureza da performance afeta o que é conhecido. A performance, de qualquer jeito, modifica o conhecimento. Ela não é simplesmente um meio de comunicação: comunicando, ela o marca” (Zumthor, 2018, p. 31).

Consequentemente, o que o autor ressalta sobre a forma como se conta e se comunica torna-se importante para a compreensão da própria noção de escrevivência, para Conceição Evaristo: trata-se da procura por uma maneira diferente de contar. Ela busca, assim, uma maneira de tematizar, em sua literatura, sobre o racismo estrutural, sobre a ingenuidade daqueles que acreditam no processo de eugenia, na “mágica” da Lei Áurea, daqueles que creem que apenas escrever e ler pode levar à ascensão social da pessoa negra numa sociedade estruturalmente racista. É justamente a forma como Conceição Evaristo procura contar que marca uma gama de leitores que estão inseridos ou não no processo social elucidado por ela em suas histórias. A literatura e a poética que a autora busca conservar, criar e estruturar em seus textos tocam os leitores e atingem a percepção sensorial daquele que sente ou é atravessado por cada contexto suscitado por elas, seja em suas poesias ou prosas.

Zumthor (2018) assinala que “a palavra não é inocente”, isso quer dizer que ela também tem um determinado efeito. Se puder levar esta frase ao conceito de escrevivência, pode-se pensar em como a escrita evaristiana e as palavras utilizadas por ela são enfrentadas, escolhidas pela autora em prol de uma intenção. As palavras que Conceição Evaristo escolhe para escrever seus poemas, seus romances, sua literatura, de maneira geral, são, geralmente, utilizadas no dia a dia, são palavras que causam algo em alguém e estão na boca de um para serem transmutadas para o outro. A arte escreviente de Evaristo tenta fazer com que permaneçam vivos, ainda que em letras escritas, a sonoridade e a vivacidade das palavras corriqueiras, o canto dos ancestrais, a oralidade de um mais velho, a escuta de um jovem.

Ainda no que se refere à forma com que a performance acontece, Conceição Evaristo, além de mencionar o tio, também fala sobre como é comum, em sua família, muitas vezes, contarem um mesmo ocorrido de maneira diferente da original, sendo possível aumentar ou diminuir um impacto, acrescentar ou retirar um acontecimento. A maneira de contar também se assemelha com a definição de performance assinalada por Zumthor (2018), quando o autor ressalta que “a forma se percebe em performance, mas a cada performance ela se transmuta” (Zumthor, 2018, p. 32). Isso quer dizer que cada tia, tio ou familiar de Conceição Evaristo, que chegava a sua casa contando algum acontecimento da vizinhança, contava de uma forma e,

mesmo o que contasse primeiro, ao repetir a história, poderia dar uma nova característica a sua forma de agir e de falar.

Muito se pode ver dessa presença da oralidade e da performance nas religiões de matrizes africanas, como o canto, a dança, a maneira de chamar um mestre, um orixá. Cada ponto ou toada (como são conhecidos os cânticos de chamamento) são cantados de uma forma, dançados de uma maneira diferente, seja por um membro do templo religioso ou por uma entidade em terra. Cada orixá dança à sua maneira, chega a seu modo; a oralidade é forte e toca os elementos sensoriais de cada integrante do lugar, seja nos que estão prestes a receber uma entidade em seu *corpo-lar*, seja para os que estão cantando, com seus olhos fechados, batendo palmas, balançando os braços, interpretando e sentindo cada palavra que chega aos seus ouvidos, ao seu âmago – tudo provoca reações diversas. Tais elementos, Conceição Evaristo também busca cultivar em sua escrevivência, mesmo não tratando diretamente dos templos religiosos de matriz africana. A autora busca elementos orais e cânticos que suscitam os antigos para criar sua literatura, como fez, inclusive, na obra *Ponciá Vicêncio*.

Como já mencionado, para que todas as questões relacionadas à performance e até ela mesma ocorra, é necessário que se tenha a presença de um corpo, um indivíduo, que, segundo Zumthor (2018), deve ser “um sujeito em sua plenitude cofisiológica particular, sua maneira própria de existir no espaço e no tempo e que ouve, vê, respira, abre-se ao perfume e ao tato das coisas” (Zumthor, 2018, p. 34). Isso é importante porque, para o estudioso, o que vai dizer se o texto é ou não poético (literário) é o sentimento do corpo do indivíduo sobre ele, a ebulição de prazer que o texto profere ao corpo. Esse é um dos absolutos critérios para o autor. Desse modo, sobre a necessidade da presença do corpo, Zumthor (2018) ressalta que:

Recorrer à noção de performance implica, então, a necessidade de reintroduzir a consideração do corpo no estudo da obra. Ora, o corpo (que existe enquanto relação, a cada momento recriado, do eu ao seu ser físico) é da ordem do indizivelmente pessoal. A noção de performance (quando os elementos se cristalizam em torno da lembrança de uma presença) perde toda a pertinência desde que a façamos abarcar outra coisa que não o comprometimento empírico, agora e neste momento, da integridade de um ser particular em uma situação dada. (Zumthor, 2018, p. 37)

O trecho acima evidencia que, a depender da situação em que o indivíduo, o corpo, está inserido, aquilo que pode sentir, no caso do autor ao lembrar da música de sua infância, por exemplo, perfaz a lembrança de um sentimento coletivo. A forma como sua pulsação se encontrava ao ouvir a canção do ambulante tinha um ritmo particular. Se for possível realizar

uma analogia com a obra de Conceição Evaristo e sobre o que o texto faz o corpo sentir, pode-se ir mais fundo ao se referir à *escrevivência*.

A primeira questão a se pensar é sobre que corpo ela busca escrever. Sabe-se, portanto, que são corpos-mentes negras que nunca foram vistos como corpos com mentes pensantes, mas apenas como uma coisa ambulante que está em sociedade para servir. Assim, quando Conceição Evaristo busca denunciar e suscitar poeticamente, a partir de formas distintas, dependendo da obra, as dores, os enfrentamentos, as lutas históricas, a partir da *escrevivência*, pode-se pensar no que a autora causa naqueles que enfrentam essas dores.

Embora ao tratar da *escrevivência* não se esteja falando sobre a voz em si, mas sobre o texto, perceberemos, no decorrer desta seção, que o texto escrito também provoca performance, visto que a própria leitura também mexe e incita diretamente a subjetividade do leitor. Sobre isso, ressalta Zumthor (2018) que a leitura vai suscitar o prazer daquele que recebe o texto e, ainda que ele busque reintegrar a presença das percepções sensoriais, vai dizer que elas são ativadas no processo de leitura porque as percepções que o leitor tem do texto que recebe são extremamente pessoais. No caso da *escrevivência*, pode-se dizer que a performance ocorre, também, quando pessoas pretas, que já passaram ou estão passando por um processo de descoberta pessoal de sua negritude, se encontram nas personagens evaristianas. Mesmo que cada indivíduo viva algo pessoal, há o que une as pessoas negras na obra de Evaristo e fora dela.

Zumthor destaca que “comunicar (não importa o quê: com mais forte razão de um texto literário) não consiste somente em fazer passar uma informação; é tentar mudar aquele que se dirige; receber uma comunicação é necessariamente sofrer uma transformação” (Zumthor, 2018, p. 49). Ao criar a sua *escrevivência*, Evaristo transforma as vivências das pessoas negras em literatura e, portanto, em poética; as informações existentes acerca das ancestralidades negras, do racismo estrutural, do epistemicídio, da eugenia são transformadas em histórias com personagens com um enredo extremamente poético. Apesar de as obras de Evaristo poderem ser fonte de aprendizagem, elas não contam o fato, não dão apenas uma informação, mas transformam cada uma delas para, assim, transformar, também, os indivíduos que recebem tais histórias.

É importante ressaltar algo que Paul Zumthor diz: “a leitura se enriquece com a profundidade do olhar” (Zumthor, 2018, p. 68). Riqueza é a forma como se olha e lê o texto e está muito ligada à *escrevivência*, visto que, enquanto Conceição Evaristo escreve-vive, ela não pensa apenas na sua vivência, mas na daqueles que receberão e darão vida ao seu texto. Nessa perspectiva, falar de *escrevivência* remete profundamente à performance, seja devido à vida

que Evaristo busca dar às palavras do dia a dia quando as insere em seu texto, seja pela forma como a escrevivência toca cada leitor.

Segundo Zumthor (2018), “a maior parte das definições de performance põe ênfase na natureza do meio oral e gestual” (Zumthor, 2018, p. 43). Entretanto, o autor evidencia que, no contexto da leitura, também é possível haver performance. Isso ocorre porque Zumthor defende que quando o autor consegue realizar o não dito no texto lido, automaticamente, a sua própria palavra também é empenhada nas energias vitais que ali estão mantidas. Isso acontece porque, não apenas ao ouvir, mas ao ler um texto, o leitor também pode ter percepções sensoriais, sentimentos, emoções, ainda que diferentemente da performance registrada a partir da oralidade. A leitura carrega esse poder, porque toca na subjetividade daquele que a recebe.

O texto vibra, o leitor o estabiliza integrando-o àquilo que é ele próprio. Então é ele que vibra de corpo e alma. Não há algo que a linguagem tenha criado nem estrutura nem sistema completamente fechados; e as lacunas e os brancos que aí necessariamente subsistem constituem um espaço de liberdade: ilusório pelo fato de que só pode ser ocupado por um instante, por mim, por você, leitores nômades por vocação. (Zumthor, 2018, p. 50)

Mediante isso, compreende-se, de acordo com o autor, que “todo texto é poético quando aí ouvimos tudo aquilo que ele nos diz” (Zumthor, 2018, p. 50). A materialidade do texto busca, então, observar e sentir o peso de cada palavra, o que elas podem causar em nossas estruturas acústicas, os sentimentos que elas nos causam. Assim é a escrevivência de Conceição Evaristo, ainda que seja uma escrita que toca um coletivo, que atinge pessoalmente cada leitor, quando se encontra com cada aspecto semântico do texto. Vale lembrar o que Vô Vicêncio vivia, entre o choro e o riso, além das dores das personagens, as afirmações de contato com os ancestrais. Cada palavra do texto dá ao leitor uma possibilidade de interpretação pessoal e, a partir disso, como afirma Zumthor (2018), apropriando-se do texto e interpretando-o a seu modo, o leitor cria ali o seu lugar de apenas um dia. A obra vai, assim, sendo produzida pela voz ou pela escrita, ainda que a recepção desses dois modos ocorra de maneiras distintas. “Produzem-se, entre ela e seu público, tantos encontros diferentes quanto diferentes ouvintes e leitores” (Zumthor, 2018, p. 51).

Zumthor (2018) explica que, na situação puramente da oralidade, no que se refere às comunidades antigas, a formação acontecerá a partir da voz. Um indivíduo estará implicado, por meio de sua fala, que estará, sobretudo, ligada ao gesto. O autor também explicará que a recepção dessas informações oralizadas ocorrerá a partir da escuta e do olhar, ou seja, a audição e a visão estão em relação. Nesse sentido, “é, com efeito, próprio da situação oral que transmissão e recepção aí constituam um ato único de participação, copresença, gerando prazer”

(Zumthor, 2018, p. 61). É justamente esse ato único que o autor chamará de performance. Sobre a conservação dessas informações, o autor explica que se deve à memória e isso implica que ela será sempre imbricada no que Zumthor chamará de reiteração, pois, quanto mais uma pessoa, movida pela sua memória, falar sobre um determinado ocorrido, mais falará de maneira nova, diferente, repleta de elementos recriadores.

Por essa razão, faz-se necessário compreender que a importância da oralidade para que haja performance não significa ausência ou exclusão da leitura. A questão é a forma como se dá a transmissão, a recepção e a conservação, posto que são diferentes. Zumthor (2018) explica que, no contexto da cultura ocidental, a formação passa pela escritura. Dessa maneira, a transmissão ocorre pela codificação escrita, seja manualmente ou por intermédio de uma máquina; apenas depois da codificação, o manuscrito passa a ser recebido pela leitura. Para o autor, a leitura é uma visão de segundo grau.

O sentido visual do leitor serve-lhe para decodificar o que foi codificado pela escrita, operação diferente da visão comum (informadora). Há decerto visualidade nos dois casos; em ambos o nervo óptico funciona, mas a operação mental é muito diferente. A “conservação se deve ao livro”, à biblioteca, ao que Michel Foucault chamava de arquivo. (Zumthor, 2018, p. 61)

O autor enfatiza as diferenças essenciais entre os dois modelos de comunicação citados. A questão é que a oralidade está muito ligada ao campo da percepção e, por isso, todas as funções necessárias para que esse ato único ocorra, juntamente com a emoção e a inteligência, levam à presença comum do emissor da voz, porque a emoção, assim como a inteligência “se acham misturadas simultaneamente em jogo” (Zumthor, 2018, p. 62). Já no que se refere à escrita, elimina boa parte dos fatores citados anteriormente. Dado que o receptor tem suas resistências, Zumthor explica que “a leitura se aprende, nos entretemos com ela; ela exige esforço e constância” (Zumthor, 2018, p. 62). Por conseguinte, também é pouco rejeitada, muitas vezes, pelos mais jovens. E, diante de todas essas situações, o autor explica que alguns leitores de poesia inserem ao menos os sons em suas leituras.

Apesar das resistências citadas para a recepção por meio da leitura, pode-se compreender, com a escrevivência de Conceição Evaristo, que ela não se prende apenas às palavras que estão dentro dos dicionários formais, ao mesmo tempo que não as rejeita. A autora acorda as palavras do dicionário, mas busca os termos do dia a dia, marcados pelos sons da oralidade para inseri-los em seus textos. Isso é o que faz a escrevivência de Evaristo, impactante pelo seu conteúdo, mas leve pela sua leitura, que nos acorda para a realidade, a partir de sua escrita literária.

A esse respeito, Zumthor (2018) também explica que o “ato de ler integra-se ao desejo de restabelecer a unidade da performance” (Zumthor, 2018, p. 62). Tal fato decorre de haver um esforço que parte da espontaneidade, quando a leitura causa sensações, modificando, até mesmo, o nosso ritmo respiratório através do ato de imaginar. Todos esses elementos causados pelo ato de ler, defende o autor, não estão separados da procura pelo prazer. Assim, não se pode dizer que, no ato de ler, não exista performance. Afinal, ela pode ocorrer em diversos níveis.

Zumthor (2018) ressalta que, para haver performance, é necessário que se tenha presença, ou seja, a existência de um corpo. Quando há a presença de dois corpos, a do ouvinte e a do intérprete, essa tão importante presença ocorre de maneira plena, mas, no contexto da leitura, o autor pontua que ela ocorre “entre parênteses” (Zumthor, 2018, p. 63). Essa questão colocada é importante, pela percepção de que a presença do leitor ocorre a partir de uma solidão, como ressalta o intelectual. Contudo, há, segundo ele, uma presença invisível, uma manifestação de um outro muito forte, para que a adesão do leitor à voz que vem dessa presença seja dirigida por meio da escritura e possa comprometer as suas energias corporais. Portanto, de acordo com o autor, a diferença da presença entre a comunicação oral e a comunicação por meio do escrito está apenas na intensidade (Zumthor, 2018, p. 63).

Consequentemente, o autor salienta que a leitura solitária e que ocorre apenas por meio da visão marcará um grau mais fraco de performance, mas é preciso levar em consideração o que o leitor está sentindo ao realizar determinada leitura, e reforça que:

a escrita, no curso da luta que ela se empenhou, por alguns séculos, para garantir sua hegemonia na transmissão do saber e expressão do poder deu-se como alvo confesso a suspensão ou a negação de todo elemento performancial na comunicação. Antigamente, a lei era a palavra do rei, pronunciada na praça pública, palavra que podia ser contestada, que como tal convidava ao diálogo; o Estado moderno, abstrato, não pode se exprimir senão por meio de textos escritos, que ele emite sem qualquer presença e, quando da leitura dos mesmos, ele se mantém ausente, indiscutível. (Zumthor, 2018, p. 64)

Mesmo em face de todo o processo citado pelo autor, e principalmente no contexto histórico em que a literatura passou a ser envolvida e no qual está inserida a escrita, apesar de a intensidade da performance ser menor no texto lido de maneira solitária e com a ausência da voz de um corpo que tenha uma forte intensidade de presença, a escrita, segundo o intelectual, tende a dissimular a situação de enunciação dada pela performance, que ocorre de maneira oral, entre ouvinte-espectador. Por isso, na medida do prazer em que se dá a leitura, Zumthor (2018) tende a restituir essa condição de enunciação que acontece a partir do esforço da compreensão do que se lê. Desse modo, é preciso levar em consideração o que sente o leitor ao realizar determinada decodificação do escrito. No contexto da *escrevivência*, pode-se questionar o que

sente o corpo-mente-negra ao ler sobre si mesmo, ao indagar as injustiças sociais pautadas pela narrativa, bem como o que sente ao retornar ao passado lendo sobre seus ancestrais e suas práticas que passaram de geração em geração.

Pessoalmente, posso dizer que, ao ler a obra *Ponciá Vicêncio*, precisei me recompor algumas vezes para chegar ao fim do livro, pois era um misto de dor e alegria, lágrimas e risos ao enxergar tantas personagens da obra literária na vida dura que a realidade impõe para tantas pessoas negras, inclusive para mim. Como dizer que não houve performance nas lágrimas que caminhavam pelo rosto, na ansiedade dos momentos que produziam suspense, dos sorrisos ao observar as práticas da oralidade vividas pelas personagens da obra, da dor no peito de Ponciá Vicêncio por não reconhecer a si mesma e por ter seus sonhos esmagados pela sociedade cruel?

A intensidade performancial na leitura pode ser mais fraca, mas, como explica Zumthor (2018), não é inexistente. A escrevivência de Conceição Evaristo proporciona, assim como o mar de Iemanjá, uma vastidão de possibilidades performanciais para os receptores de cada obra. O que acontece de maneira solitária acaba se estendendo a um coletivo, visto que cada “leitura enriquece com a profundidade do olhar” (Zumthor, 2018, p. 68). Cada leitor da obra de Conceição Evaristo, com suas individualidades, compartilha de sentimentos, muitas vezes semelhantes, e acabam dividindo, entre si, ainda que não percebam, um evento performancial provocado pela escrevivência. É o caminho entre presente e passado promovido pela escrevivência, assim como a volta à vivência e à valorização da oralidade que torna a experiência escreviente única, mas coletiva, dado que advém de um particular, de um canto solitário, para uma grandiosidade coletiva.

3.2 MEUS PASSOS CONTAM LONGÍNQUAS HISTÓRIAS

Nesta seção, é de extrema importância tratar dos conceitos de arquivo e repertório, desenvolvidos pela estudiosa Diana Taylor (2013), para voltar à obra *Ponciá Vicêncio* e averiguar os comportamentos de algumas personagens que nasceram com eles, mas que contam histórias de longe. Ninguém é (um indivíduo em sociedade) sozinho, é possível carregar traços daqueles que vieram antes, que lutaram antes pelos que vivem hoje o presente. A pesquisa de Diana Taylor (2013) contribui para a compreensão das tradições da performance na América Latina, com foco nos comportamentos que são incorporados. A autora argumenta que “as performances funcionam como os atos de transferência vitais, transferindo o conhecimento, a memória e um sentido de identidade social” (Taylor, 2013, p. 27).

Dessa forma, Taylor (2013) afirma que os conhecimentos transmitidos de geração em geração podem ser capazes de gerar identidade social nos indivíduos. Assim, explica que a performance também pode ser uma lente metodológica para alguns pesquisadores. A estudiosa ressalta que questões cotidianas da sociedade também podem ser enxergadas como performance. Desse modo, obediência cívica, gênero, questões étnicas e de identidade social são, segundo ela, “ensaios performatizados da esfera pública” (Taylor, 2013, p. 27). Observar esses acontecimentos da esfera pública como performance consiste em compreendê-la como uma epistemologia, a qual defende que as práticas incorporadas conjuntamente com outras diferentes práticas culturais associadas constroem uma maneira de conhecer. Ademais, Taylor (2013) destaca que essas performances das práticas cotidianas vão mudar de uma comunidade para outra, isso porque o que pode ser importante e comum para uma pode não ser para outra. Isso também ocorre porque há especificidades, tanto culturais quanto históricas, que podem divergir na maneira de encenar e de receber certas práticas.

Com os estudos da performance e entendendo-a, ainda, como um meio de transmissão epistêmica, Taylor (2013) busca questionar os mecanismos ocidentais para a transmissão e recepção dos conhecimentos. Assim como Zumthor (2018), a autora também interroga o mecanismo da escritura como transmissão única do conhecimento, defendido pelo Ocidente, evidenciando como a escrita passou a substituir a “incorporação” (Taylor, 2013, p. 45), opondo-se a ela; a incorporação, nesse sentido, está ligada às formas de saberes, por exemplo, orais e que não precisavam, necessariamente, da escrita para a efetivação de transmissão. Nesse caso, pode-se compreender como, no Ocidente, durante o Período Colonial, a escrita se colocou acima da oralidade como meio de transmissão de conhecimentos, sobretudo diante do colonialismo, visto que “quando os frades chegaram ao Novo Mundo, nos séculos XV e XVI, eles afirmavam que o passado dos povos indígenas – e as ‘vidas que viveram’ – havia desaparecido porque eles não tinham escrita” (Taylor, 2013, p. 45).

É importante observar que muitos povos possuíam, de fato, sistemas de escrita. No entanto, muitos deles não recorriam a essa forma de comunicação com o intuito de suprimir a tradição oral. Em diversas civilizações, a escrita desempenhava um papel secundário, servindo como complemento à oralidade. Ao discutir o impacto do colonialismo, é relevante destacar que a questão residia na imposição da língua e da escrita pelos colonizadores, visando assimilação cultural dos povos colonizados. Além de tentarem privilegiar a escrita em detrimento da oralidade, um meio de comunicação tão poderoso e essencial em diversas culturas.

A grande violência nesse quesito é também o processo de epistemicídio e priorização de uma única forma de passar conhecimento e um único meio de fazer as memórias e as histórias permanecerem vivas. Taylor (2013) explica que, embora alguns povos utilizassem a escrita antes do processo de invasão colonial, ela não era um elemento exclusivo para a transmissão de saberes, pelo contrário, a escrita era um complemento que norteava a incorporação por meio da performance, da oralidade. Assim, pode-se compreender que a presença da escrita não precisa excluir a oralidade ou torná-la elemento de pouca importância, as duas formas podem coexistir. A autora explica que:

muitos outros tipos de conhecimento que não envolvem nenhum componente escrito também eram passados adiante por meio da cultura expressiva – danças, rituais, funerais, buebuebtlabtoll (‘‘palavra antiga’’, sabedoria transmitida através da fala) e exposições majestosas de poder e riqueza. Os escribas eram treinados em uma escola especializada, ou calmecac, que também ensinava dança, recitação, e outras formas de comunicação essenciais para a interação social. A educação tinha como foco basicamente essas técnicas do corpo para assegurar a doutrinação e a continuidade. (Taylor, 2013, p. 47)

O mesmo ocorre nos tempos atuais, nos terreiros de umbanda e candomblé no Brasil. As sabedorias são transmitidas por meio da fala, da oralidade; aprende-se a cantar os pontos (músicas) de chamamento dos ancestrais, porque se ouve o outro cantando, porque se repete o que fala o babalorixá e a ialorixá, assim como se aprende a cantar em iorubá para os orixás. A maneira como se aprende a fazer a farofa de Exu, o abadô (oferenda feita com milho, camarão, peixe e coco) para Iemanjá, um doce para Oxum, é também a maneira como se empenham a fala e o corpo, isto é, a partir de uma performance coletiva. Escrever a receita, os passos, os saberes que se aprendem dentro de um terreiro podem ser uma escolha pessoal, mas a escrita não é primordial nesse recinto.

O mesmo é também visível na obra *Ponciá Vicêncio*. Inicialmente, percebe-se um antagonismo entre a escrita e a oralidade, a cidade e a aldeia, os saberes da oralidade e os saberes formais transmitidos por meio do papel. Ponciá quis se afastar de sua aldeia para ter uma vida diferente, levar o irmão e a mãe para a cidade. Afinal, ela já sabia ler e escrever, queria uma vivência diversa. O seu irmão Luandi decidiu aprender a ler e a escrever para se tornar soldado, pensava que o letramento por meio do papel e da caneta fosse mais importante que os saberes da roça. Entretanto, apesar das dificuldades, das desigualdades claramente postas entre a cidade e a aldeia, a situação da população negra não mudava em nenhum dos dois espaços. Ler e escrever não era suficiente para fazer pessoas negras numa sociedade desigual ascenderem socialmente. Ainda que Luandi e Ponciá tentassem fugir da aldeia, terem uma vida diferente,

acreditar que a cidade era perfeita, que a leitura e a escrita eram a única saída e até mais importantes que as outras formas do saber oral de seu povo, a ancestralidade sempre enunciava uma voz de chamamento para que eles voltassem às origens, observassem a importância de sua cultura, do seu povo, dos seus irmãos.

O problema não era Luandi e Ponciá aprenderem a escrita e a leitura, mas a crença perpassada ao longo do Período Colonial de que a única maneira de viver na sociedade em igualdade com relação aos brancos era sabendo ler e escrever, e mais, deixando de lado os saberes de seu povo. A imagem de Ponciá Vicêncio e seu irmão reflete uma sociedade que colocou a escrita num grau de legitimação em relação a outros sistemas mnemônicos, como aponta Taylor (2013). A escrita, então, passou a assegurar que o poder pudesse ser imposto às populações negras e indígenas, como no caso do Brasil, e essas populações passaram séculos sem terem acesso legal à escrita e à leitura da língua portuguesa.

Como afirma a autora, “aqueles que dominavam a escrita – primeiro os frades, depois os letrados – ganharam poder excessivo. A escrita também permitiu aos centros imperiais europeus – Espanha e Portugal – controlar suas populações coloniais de longe” (Taylor, 2013, p. 47-48). Assim, as pessoas da aldeia de Ponciá, ainda que vivessem no pós-abolição, viviam as consequências dos séculos de escravização que limitavam, isolavam, e impediam o negro de ter acesso ao letramento. Por isso, para o povo, na aldeia de Ponciá Vicêncio, bem como para ela, seu irmão, seu falecido pai e outros irmãos, a escrita e a leitura eram algo grandioso, que poderia ser capaz de levá-los a patamares sociais elevados, independentemente da estrutura social. Portanto, sair da aldeia e viver como as pessoas da cidade, inicialmente, para os dois irmãos, era como alcançar uma grande vitória. Afinal, os saberes e a forma de vida do povo da aldeia não eram vistos como forma legítima de conhecimento, embora, como afirma Taylor (2013), fossem saberes comunitários importantes, até mesmo para a construção da identidade da comunidade, assim como para a manutenção da memória.

A autora explica que a problemática não está “entre a palavra escrita e falada, mas entre o arquivo de materiais supostamente duradouros (isto é, textos, documentos, edifícios, ossos) e o repertório, visto como efêmero, de práticas/conhecimentos incorporados (isto é, língua falada, dança, esportes, ritual)” (Taylor, 2013, p. 48). Isso porque as práticas imateriais dos indígenas e das comunidades africanas que transmitiam os saberes a partir da prática e da oralidade, havendo, assim, uma performance capaz de formar a memória das comunidades, eram vistos como saberes que foram perdidos, pois não havia escritura para registrá-los. Já os saberes dos colonizadores, que existiam por meio do papel e dos elementos materializados, eram vistos como duradouros, daí a diferença entre arquivo e repertório.

Taylor (2013) ressalta que é um mito dizer que o arquivo é completamente duradouro, embora o que a autora chama de “memória arquivada” exista sob a forma de mapas, ossos, cartas, textos literários, ou seja, matéria. Eles não são, pois, completamente resistentes a mudanças. Além disso, o fato de o arquivo conseguir, devido ao tempo, a sua durabilidade e ao espaço, separar o conhecimento do conhecedor leva à criação de comentários e crenças de que os arquivos não são passíveis de sofrer alterações ou até mesmo de desaparecer. Outro mito apontado pela estudiosa é de que a “memória arquivada” é resistente não apenas ao tempo, mas até a manipulação política, assim como não pode ser corrompida.

O repertório, por sua vez, “encena a memória incorporada – performances, gestos, oralidade, movimento, dança, canto –, em suma, todos aqueles atos geralmente vistos como conhecimento efêmero não produzível” (Taylor, 2013, p. 49). O arquivo está ligado ao material, o repertório não, este último exige, sobretudo, presença, pois os indivíduos só participam da transmissão do conhecimento se estiverem presentes. Pode-se tomar como exemplo a obra *Ponciá Vicêncio*, visto que relata que a menina aprendia com a mãe a lidar com o barro, faziam juntas os objetos para vender na terra dos brancos. Ponciá aprendeu porque estava junto à sua matriarca o tempo inteiro, aprendendo com o empenho da escuta e do corpo.

O mesmo exemplo pode ser dado a partir da perspectiva de vivência de Luandi Vicêncio. Assim, ainda que estivesse buscando aprender a ler e a viver de acordo com as pessoas da cidade, ao retornar para sua aldeia, buscou confirmação de um mais velho ao falar sobre o sonho de se tornar soldado. A atitude de Luandi é um exemplo de como sua identidade foi formada a partir da vivência em comunidade. Levando-se em consideração, por conseguinte, que as pessoas da aldeia de Ponciá mal tinham contato com a escrita, compreende-se que seu irmão, assim como os outros que ali viviam, aprendeu a partir da escuta e da observação.

O mesmo ocorre dentro dos terreiros das religiões de matrizes africanas. Se uma pessoa falta a muitos encontros, não conseguirá aprender a ciência dos orixás ou dos ancestrais, só poderá aprender com a presença, com a escuta e com a ação daquilo que foi ensinado a partir da prática corporal e da voz. As pessoas que aprendem, posteriormente, começam a conseguir desenvolver sozinhas as tarefas, mas as dúvidas precisam ser sanadas, também, a partir da fala. Se a pessoa se ausenta, não tem como aprender sobre os segredos dos orixás e dos ancestrais, que não podem ser cultuados apenas pela leitura de um livro. O livro ou um artigo científico comunicam uma parte, mas outros grandes elementos são aprendidos *in loco*. Dessa maneira, ainda tomando como exemplo as religiões de matrizes africanas, se uma pessoa que não é frequentadora de um terreiro decidir aprender sobre a religião e suas práticas a partir de um

artigo ou de um livro, ela aprenderá parcialmente, pois outras características e aprendizagens apenas são possíveis aprender com a presença do corpo e com a escuta.

Outro elemento a ser averiguado é a relação de Ponciá Vicêncio com o seu avô, ancestral que ela nem chegou a conhecer, mas ouvia sempre falar, ela sempre repetia trejeitos corporais traços que pertenciam somente a ele. Um dia, ainda criança, Ponciá começou a andar com seu pequeno braço para trás, da mesma maneira que seu avô fazia com seu braço “cotoco”, como mencionado na obra. A narradora do romance ressalta que os pais da menina se sentiram assustados ao vê-la reproduzindo algumas atitudes próprias do avô. Contudo, sabe-se que carregamos em nós traços e sabedorias que foram repassados a partir dos nossos. Precisamos reativar nossas memórias ancestrais para retornarmos aos nossos saberes e compreendermos que não nos construímos em sociedade sozinhos. Ainda que tentemos viver vidas diferentes, somos chamados pelos nossos ancestrais, carregamos traços que vieram deles.

Outro elemento a ser levado em consideração e que está presente na obra de Conceição Evaristo são os cânticos reproduzidos pelos moradores da aldeia, músicas ouvidas dos antigos e que chegaram até a geração de cada um daqueles indivíduos. Esse acervo constitui conhecimentos recebidos a partir da fala, da enunciação dos mais velhos, sendo repassados a partir da oralidade. Esses elementos que são chamados como repertório, embora não tenham sido, ao longo da história, reconhecidos como capazes de gerar conhecimento, funcionam para a manutenção da identidade, mas também para disseminar e manter vivos os saberes dos que vieram antes. Sobre isso, explica Taylor (2013):

O processo de seleção, memorização ou internalização e, finalmente, de transição acontece no interior de sistemas específicos de reapresentação (e, por sua vez, auxilia a constituir-los). Formas múltiplas de atos incorporados estão sempre presentes, embora em estado constante de agoridade. Eles se constituem transmitindo – transmitindo memórias, histórias e valores comuns de um grupo/geração para outro. Os atos incorporados e performatizados geram, gravam e transmitem conhecimento. (Taylor, 2013, p. 49)

Desse modo, embora Luandi e Ponciá buscassem seus direitos para adquirir a escrita e a leitura, os saberes de sua aldeia também eram tão valiosos quanto aquele repassado a partir do papel. Os saberes da aldeia eram enunciados pela ancestralidade e repassados de geração em geração, por meio da voz, como faziam os antigos *griots*, e, assim como viviam as antigas aldeias africanas, sobretudo na busca de conselhos e direcionamento, a partir dos irmãos mais velhos. Todas essas características vivenciadas por esses indivíduos no texto são elencadas por Leda Maria Martins (2003), em seu texto *Performances da Oralitura*, quando afirma que “a memória seletiva do conhecimento prévio é instituída e mantida nos âmbitos social e cultural”,

visto que se trata de conhecimentos e atos mnemônicos e existem e são perpassados para além das letras alfabéticas, como reforça a estudiosa.

De igual modo, a intelectual destaca que, em uma das línguas banto do Congo, a palavra *tanga* significa tanto escrever, quanto dançar. Compreende-se, a partir disso, que uma ação exige o empenho da escrita e a outra o empenho do corpo, que está relacionado à performance. Consequentemente, é possível retornar ao que antes já havia sido mencionado, ou seja, equivale a dizer que a presença da escrita não precisa designar a ausência da oralidade. As diversas formas de transmitir conhecimento devem ser aceitas, notadamente, quando se está falando de práticas ancestrais que persistem até hoje, seja nas religiões de matrizes africanas ou indígenas. Tais formas de transmissão dos saberes são importantes para a formação da identidade das comunidades de terreiro, assim como era importante para a comunidade de Ponciá Vicêncio.

3.3 A *ESCREVIVÊNCIA* COMO EMANCIPAÇÃO PELA VIA DA ANCESTRALIDADE

Nesta seção, deseja-se trazer à tona o conceito de emancipação, desenvolvido por Jacques Rancière na obra *O espectador emancipado*. Embora algumas reflexões do teórico tenham fortes relações com o teatro, a performance não fica de fora do que foi desenvolvido e há possibilidades infindas de correlacionar as questões da *escrevivência* e da ancestralidade abordadas até o momento, neste trabalho. Inicialmente, será importante compreender as reflexões e conceituações de Rancière para, posteriormente, passar às analogias fortemente ligadas à *escrevivência* e à ancestralidade.

Rancière (2012) defende que a política detém parte essencial do debate sobre o teatro, a performance e o espectador e, por isso, seria impossível falar de teatro e de espectador sem ressaltar as questões políticas que estão imbricadas nessas relações. A política e a estética são elementos de grande importância para o filósofo, assim como, para ele, a ficção e o narrar apresentam racionalidade. Por conseguinte, há o que é narrável e o que não é, e o porquê de não ser envolve questões políticas que são, por sua vez, os corpos considerados ordinários, a vivência do povo.

Há, também, motivos políticos que envolvem o posicionamento do espectador frente ao espetáculo teatral. Nesse jogo, há uma forte relação com a emancipação intelectual. Essas questões postas são importantes para situar o espectador no centro e no cerne das discussões sobre arte e política abordadas pelo estudioso. Assim sendo, Rancière ressalta que “seria preciso delinear o modelo global de racionalidade sobre cujo fundo nos acostumamos a julgar as

implicações políticas do espetáculo teatral” (Rancière, 2012, p. 8). O espetáculo ao qual o autor se refere envolve não apenas a ação dramática, mas todas as maneiras performáticas que implicam a reunião do público.

Rancière menciona que os acusadores e críticos do modelo tradicional de teatro não consideravam ser público de algo necessariamente bom; para eles, ser espectador é estar alheio ao que está além do espetáculo, pois se entende que “olhar é o contrário de agir” (Rancière, 2012, p. 8). Com efeito, o espectador não tem acesso à realidade que está encoberta pela aparência, mas se encontra distante e alheio ao processo de montagem, organização e, sobretudo, não age, torna-se imóvel diante do espetáculo, isto é, passivo diante da situação. Foi a partir dessa consideração que o autor delineou um pouco do que se pensou sobre o teatro ao longo dos anos.

Levantando as hipóteses e críticas que foram desenvolvidas ao longo dos anos, Rancière relata que, para os críticos da mimese teatral, por exemplo, haveria de ter uma nova forma de teatro, uma nova maneira em que o espectador pudesse estar inserido, em que pudesse exercer a ação, visto que “o teatro é um lugar onde uma ação é levada à consecução por corpos em movimento diante de corpos vivos por imobilizar” (Rancière, 2012, p. 9). Assim, haveria de ser construído um teatro novo, a partir de uma perspectiva de um teatro sem espectador. Isso não significava ter cadeiras vazias, mas que o espectador estaria, também, no cerne do drama, posto que drama significa ação. Nessa perspectiva, o espectador precisaria estar envolvido, pois passaria a aprender e não seria, a partir de então, apenas conduzido por imagens, de maneira passiva. A esse respeito, o estudioso pondera que:

[...] é preciso arrancar o espectador ao embrutecimento do parvo fascinado pela aparência e conquistado pela apatia que o faz identificar-se com as personagens da cena. A este será mostrado, portanto, um espetáculo estranho, inabitual, um enigma cujo sentido ele precise buscar. Assim, será obrigado a trocar a posição de espectador passivo pela de inquiridor ou experimentador científico que observa os fenômenos e procura suas causas. Ou então lhe será proposto um dilema exemplar, semelhante aos propostos às pessoas empenhadas nas decisões de ação. Desse modo, precisará aguçar seu próprio senso de avaliação das razões, da discussão e da escolha decisiva. (Rancière, 2012, p. 10)

Embora as questões que vamos apresentar aqui não sejam, necessariamente, as mesmas defendidas por Rancière, é possível realizar uma analogia com a *escrevivência* proposta por Conceição Evaristo, já que aquele que é receptor das obras não é obrigado a agir, mas pode se estabelecer uma identificação com as personagens. Afinal, quando se trata de *escrevivência*, entende-se, até aqui, que muitas pessoas negras enxergam suas vivências sendo ficcionalizadas nas histórias das personagens. Contudo, tanto quanto os estudiosos que defendiam um novo

teatro, Conceição Evaristo busca acordar o público da realidade daqueles que dormem seus sonos injustos, ou seja, antes as histórias contadas por mulheres negras faziam adormecer os senhores da casa grande, agora, o importante é fazê-los acordar.

Retomo esse conceito que faz parte da *escrevivência* para mencionar que Evaristo não apenas acorda aqueles que dormem injustamente, mas também os que passaram muito tempo sem se reconhecerem como pessoas negras neste país. Levar para pessoas negras vivências inerentes ao dia a dia de cada uma delas em suas *escrevivências* é uma maneira de mostrar a elas que existe um problema acontecendo. Além desses indivíduos sofrerem com o silenciamento, muitas vezes, não fazem ideia de sua história: que as vivências dos ancestrais não começaram com a escravidão; que há beleza na oralidade, nas canções; que há vida, também, fora da ficção. Portanto, a *escrevivência* de Conceição Evaristo pode ser vista como uma forma de convite à ação a cada um que recebe o chamamento para retornar ao passado, para desentrelaçar os nós do presente. O chamamento e a identificação ocorrem em cada um dos indivíduos, e sem que cada pessoa deixe de lado as suas subjetividades e individualidades, há um processo até de intersubjetividade entre eles, uma troca entre esses sujeitos.

Nos estudos de Rancière (2012), o autor destaca que quando se trata da relação do espectador com o teatro, esse “convite” de acordar o espectador não era apenas possível, mas necessário, os estudiosos que consideravam a necessidade de um novo teatro defendiam, de maneira geral, que “o espectador deve ser tirado da posição de observador que examina calmamente o espetáculo que lhe é oferecido. Deve ser desapossado desse controle ilusório, arrastado para o círculo mágico da ação teatral, onde trocará o privilégio de observador racional pelo do ser na posse de suas energias vitais integrais” (Rancière, 2012, p. 10).

O termo “arrastar” mostra que havia uma urgência na ação do espectador e é nesse lugar que a questão política pode ser inserida. Os indivíduos e suas realidades diárias, diante das ações e injustiças sociais, estão agindo como espectadores ou como atores que vão para a ação? Entender o papel do espectador, para aqueles que pensavam um novo teatro, equivale a compreender como esses indivíduos precisavam se dar conta do seu papel na vida. Rancière afirma que desde o romantismo alemão o teatro passou a ser visto como uma coletividade viva, “o teatro mostrou-se como uma forma de constituição estética – da constituição do sensível – da coletividade” (Rancière, 2012, p. 11). Quando o autor remete à coletividade, está, pois, associando as conclusões de seus estudos e observações a espaços compartilhados, no sentido comunitário do termo, ou seja, de ocupar um determinado lugar e um tempo.

Nessa perspectiva, pode-se remeter à *escrevivência* como o sentido de “coletividade viva” mencionado pelo autor, de modo que a recepção da *escrevivência* pelos indivíduos que

leem faz com que se forme uma coletividade não apenas viva, mas mais consciente das suas vivências. Mais ainda porque há pessoas, não necessariamente negras, que permeiam outras camadas das intersecções de violência e que passam a se identificar com as obras e a trocar conhecimentos, ampliando seus discursos em grupos diversos. Assim, a forma como Rancière coloca seu espectador como aquele que pode executar a ação coaduna com a forma como a *escrevivência* se faz presente na vivência daqueles que escrevem e que realizam as leituras. Trata-se de pessoas que vivem suas próprias vidas, trilham seus próprios caminhos e encruzilhadas, como ressalta Leda Maria Martins; lidam com suas dores, suas faltas e seus banzos, mas conseguem compreender quem são e para onde precisam ir, a partir do momento que têm acesso à obra e traduzem, de maneiras particulares, o que recebem, tornando-se o que Rancière chama de espectadores emancipados.

O poder comum aos espectadores não decorre de sua qualidade de membros de um corpo coletivo ou de alguma forma específica de interatividade. É o poder que cada um tem de traduzir à sua maneira o que recebe, relacionar isso com a aventura intelectual singular que o torna semelhante a qualquer outro, à medida que essa aventura não se assemelha a nenhuma outra. Esse poder comum da igualdade das inteligências liga indivíduos, faz que eles intercambiem suas aventuras intelectuais, à medida que os mantém separados uns dos outros, igualmente capazes de utilizar o poder de todos para traçar seu próprio caminho. (Rancière, 2012, p. 20-21)

É possível notar, então, conforme a proposta de Rancière, que esse poder comum não decorre de uma capacidade de viver necessariamente em comunidade ou de uma participação em um poder encarnado, mas justamente o poder comum inerente a cada espectador está na “capacidade dos anônimos, a capacidade que torna cada um igual a qualquer outro” (Rancière, 2012, p. 21). Essa capacidade comum inerente a todos os espectadores é exercida, segundo o autor, a partir de distâncias irredutíveis, do que está no “jogo imprevisível de associações e dissociações” (Rancière, 2012, p. 21). É justamente nesse poder de associar e dissociar que está a emancipação do espectador.

Dessa maneira, o autor não defende necessariamente que, no espetáculo, o espectador tenha de estar a todo custo em uma ação semelhante aos que estão no palco. Rancière (2012) afirma que ser espectador não está necessariamente ligado a uma condição passiva, que deve ser remodelada ou convertida em uma atividade; ser espectador, para ele, é estar em nossa condição normal, no sentido da forma como vivemos. Em nossas vivências, aprendemos, mas também ensinamos, “agimos e conhecemos também como espectadores que relacionam a todo instante o que veem ao que viram e disseram e fizeram e sonharam” (Rancière, 2012, p. 21). Estamos, como espectadores, em pontos de partida que podem, muitas vezes, entrecruzar-se

quando aceitamos aprender algo novo. Por isso, o autor não acredita que se deve transformar o espectador em ator, visto que cada um dos indivíduos na sociedade, como espectador, já é ator de sua própria vivência, de sua própria história.

Análoga à *escrevivência* de Conceição Evaristo, a proposta não pretende mudar quem as pessoas são, do ponto de vista da subjetividade. Foi justamente por compreender que cada indivíduo tem vivências diferentes que Evaristo e tantos escritores negros passaram a se questionar sobre como os indivíduos negros eram, muitas vezes, referenciados nas literaturas, na televisão, nos teatros. Entenderam que as pessoas negras têm caminhos subjetivos e, Conceição Evaristo, por sua vez, desenvolveu o estudo sobre a *escrevivência*, notadamente, para chegar a outras pessoas negras, que também têm suas vivências e subjetividades.

A *escrevivência* acaba, então, por emancipar os espectadores que recebem tais obras, de fato, por meio da palavra, da observação e do viver. Emancipa, assim, cada indivíduo que passa alheio pela própria existência. Essas pessoas são acordadas e emancipadas por meio, também, do olhar que a *escrevivência* propociona a cada um, de maneira ampla e crítica, agindo de dentro para fora da obra. É o que ocorre com os personagens do romance evaristiano, ao final do texto, quando se dão conta das suas vidas, enquanto uma personagem acorda e se vê, enxerga a sociedade a sua volta, sente o chão em que está pisando, lê criticamente sua vivência, envolve-se na relação com seus ancestrais, canta as músicas do passado, viaja do passado para o presente repetidas vezes.

Por meio da leitura e do olhar, o espectador recebe e percebe essas vivências, inerentes às personagens de Conceição Evaristo e, ao perceber a vivência das personagens, o espectador, sem necessariamente estar numa posição de passividade ou de atividade, pode passar a indagar as complexidades existentes em sua vivência subjetiva. Assim, ao observar como a ancestralidade está presente na vida das personagens desenvolvidas no romance evaristiano, a partir do canto em conjunto, da língua usada pelos antigos e que estava prestes a desaparecer da comunidade de Ponciá, da busca pela sabedoria dos mais velhos, da relação com os mortos, é possível investigar as origens desses saberes. As minúcias do saber ancestral, presentes na obra de Conceição Evaristo, estão arraigadas na vivência dos terreiros. Questionar de onde se vem, para onde se vai e qual é a sua real origem e sua herança podem ser elementos essenciais para promover a emancipação dos seus espectadores.

A emancipação, como afirma Rancière (2012), tem início quando a oposição entre o olhar e o agir passam a ser questionados, quando é possível compreender e enxergar as evidências capazes de estruturar as relações do dizer, do fazer e do ver que estão ligadas a uma estrutura de sujeição. O olhar é um importante elemento para a emancipação, porque se trata de

uma ação que tanto transforma quanto questiona as relações e suas respectivas distribuições de posição. Aquele que observa, ou seja, o espectador, também compara, interpreta e relaciona com o que já observou em outros momentos, já viveu ou já viu em outras cenas e em outros lugares em que já esteve. O estudioso considera, ainda, que o espectador “compõe seu próprio poema com os elementos do poema que tem diante de si” (Rancière, 2012, p. 17).

O leitor da obra evaristiana tem esse mesmo “poder”: recebe, lê, interpreta, recria, identifica-se e participa do processo de *escrevivência* a partir dos elementos subjetivos que o compõem. A partir desses elementos, ainda sem saber, está em contato indireto com outros indivíduos que, com vivências e percepções diferentes, também têm suas próprias interpretações. Por conseguinte, a ancestralidade, presente na obra de Evaristo, não é apenas uma voz que chama e convida, mas, por meio da percepção e do olhar, conduz à emancipação, a partir do questionamento daqueles que entram em contato com a obra.

Assim, o espectador leitor da *escrevivência* é emancipado pela via da ancestralidade, visto que ele passa a se questionar criticamente sobre vivências, culturas, passados (inclusive o seu próprio), que sofreram tentativas de silenciamento, apagamento histórico. Do ponto de vista social e até mesmo linguístico, a ancestralidade aparece em uma positividade na obra, dado que propõe sinalizar que, mesmo muitas vezes silenciosa, se faz presente. Isso equivale a dizer que ainda que muitas pessoas não compreendam, carregam consigo, diariamente, aspectos que advêm da ancestralidade, sem necessariamente viverem dentro de templos de religiões de matrizes africanas. Uma criança, por exemplo, aprende a ouvir a um mais velho, porque entende, desde a infância, que são pessoas sábias; as pessoas cotidianamente utilizam em seu vocabulário palavras de origem banto, sem muitas compreender de onde vem, mas o significado de cada uma dança no vocabulário oralizado.

Com efeito, Conceição Evaristo tem razão ao afirmar que *escrevivência* não é apenas a junção de duas palavras, mas seu sentido mais profundo se encontra na ação. Eu, de minha parte, amplio humildemente o conceito ao mencionar que a *escrevivência* é uma ação emancipadora pela via da ancestralidade na sociedade. Apesar de concordar com Rancière, ao compreender que a partir do olhar o espectador também pode ser emancipado, prefiro mencionar, principalmente, não apenas a importância do olhar, mas também a do chamamento para a ação. A *escrevivência* de Conceição Evaristo chama o espectador para, não apenas questionar as suas experiências, mas para buscar a sua ancestralidade, observar de perto e, sobretudo, perceber a vivência das pessoas negras para além da dor, evidenciando a riqueza cultural que envolve cada um até os dias atuais, mas negligenciada, em muitos aspectos.

A escrevivência pode ser pensada como emancipação pela via da ancestralidade porque ela faz buscar e mergulhar no passado, questionar a história, perguntar-se sobre o vazio que desenha a história de tantas pessoas negras que não conhecem a sua origem e acreditam que a vida de seus antecedentes foi iniciada na escravização. E não só a escrevivência pode emancipar pela vereda ancestral, assim como a própria ancestralidade é instrumento capaz de fazer emancipar. É pelo contato com os elementos oferecidos por ela que tantas pessoas se fortalecem na atualidade, é por meio dela que cada indivíduo, ao conhecer de onde veio, saberá para onde está indo e para onde precisa ir. Compreende-se que a ancestralidade, portanto, não precisa ser emancipada, ela é a via da emancipação, e a escrevivência, invariavelmente, conduz para esta vereda.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sou negro
meus avós foram queimados
pelo sol da África
minh'alma recebeu o batismo dos tambores
atabaques, gongôs e agogôs [...]

Solano Trindade

Finalizo este trabalho de dissertação com o trecho deste poema de Solano Trindade, escritor negro que não deixou de lado a força da sua experiência como homem negro na sociedade brasileira, buscando retomar suas origens. A partir do poema de Trindade, é possível observar a presença dos batuques e da cultura afro na caminhada de diversos autores negros, que, por meio de suas ações, buscaram conscientizar a outros sobre o racismo, denunciar, mas também ampliar a percepção do que acontece para mostrá-la aos indivíduos, além de fazer perceber que a existência das pessoas negras não está limitada ao navio negreiro. A beleza dos batuques que nos cercam, até mesmo no Carnaval, nos toques de maracatus, no samba criado, tocado e cantado com tanto fervor pelas escolas de samba; os batuques dos ilus (tambores comuns no candomblé da nação Nagô, no Nordeste do Brasil) e dos atabaques nos terreiros e barracões de candomblé fazem parte da resistência que é ser negro desde o sequestro em massa no século XVI.

A partir do trecho de Solano Trindade, é possível traçar um panorama de considerações para cada capítulo aqui escrito neste trabalho. É possível remontar, por exemplo, ao primeiro capítulo deste texto, que permeia entre a vida de Conceição Evaristo, a obra *Ponciá Vicêncio* e as denúncias nela contidas, a resistência por meio da literatura negra ou afro-brasileira e a escrevivência. Todos esses elementos estão fortemente interligados, visto que a literatura evaristiana resiste por meio do que ela reivindica como a literatura negra, mas ressaltando a afro-brasilidade dos indivíduos. Assim como Solano Trindade, como homem negro, usou sua poesia para resistir, Evaristo, como mulher negra, traçou uma importante história na literatura negra de resistência e ampliação de saberes e conceitos para enriquecer a experiência, tanto de escritores negros de sua geração como de leitores também negros que enxergam suas vivências sendo inscritas por pessoas também negras.

Conceição Evaristo é uma ancestral viva que enriquece a vivência dos antigos e dos mais jovens. A partir de seus saberes e de suas reivindicações como mulher negra na sociedade

brasileira, ela abre portas para que os mais novos consigam também almejar lugares inimaginados. Conceição Evaristo já abriu, sem sombra de dúvidas, uma porta para que outras pessoas negras, posteriormente, também possam passar por ela. Assim como no mestrado, a autora decidiu ousar e criar um termo que hoje se consolidou como conceito importante nos estudos literários, ela também me deu forças para que, nesta experiência acadêmica, eu não apenas realizasse análises, mas fizesse reflexões próprias. Quando uma pessoa negra faz plantio em solos fecundos, ela abre espaço e encoraja outras pessoas negras a fazerem o mesmo. E esse é um dos elementos mais importantes do que se pode concluir sobre o trabalho de Evaristo.

Assim como Conceição Evaristo (2020) mencionou que as obras de Lima Barreto poderiam ser escrevivência, o texto de Solano Trindade também não deixa de ser. Da mesma forma que o autor, Evaristo buscou ao longo de sua escrevivência reavivar a memória dos indivíduos sobre as origens e a força das ancestralidades. Ressalto essa reflexão para que se possa perceber que o conceito de escrevivência pode ser inserido em diversos momentos dos estudos literários, sobretudo, no que se refere às literaturas negras. Evaristo, por sua vez, caminhou e percorreu, através de sua escrita, encruzilhadas, e cada um dos lados levou e leva a caminhos férteis todos aqueles que desejam, não simplesmente colher as flores dessas plantações, mas continuar semeando para que muitas pessoas negras, ainda vítimas do esquecimento perpassado ao longo dos séculos por meio do epistemicídio, possam caminhar e se deleitar. O deleite proporcionado pela escrevivência não é linear, tampouco confortável, até porque se enxergar e questionar as vivências que a sociedade tem ofertado assim como a negação de humanidade não é fácil. Para quem é negro e sofre na pele a dor de abrir os olhos para as próprias dores, invariavelmente, constitui-se um desafio.

Ao longo da minha caminhada nos estudos da escrevivência e das leituras desafiadoras que Evaristo propõe, deparei-me com pessoas que precisam respirar, deixar um pouco a leitura de lado, processar tudo o que estava ali escrito em cada página, para, então, retornar. A escrevivência é uma escrita que arranca lágrimas e sorrisos, mas, sobretudo, faz despertar. O acordar para a realidade, quando muitas vezes somos obrigados a viver no automático de uma sociedade presa ao relógio, ao trabalho, à produtividade, é como ser despertado com um balde de água gelada de um sono, muitas vezes profundo, no qual caminhamos como sonâmbulos, sem entender que o chão pedregoso da realidade está furando os nossos pés.

Sobre isso, podemos remontar à história de Ponciá Vicêncio, que sempre sentiu dentro de si um vazio, a falta de uma história que ela mesma não conhecia, mas sabia que existia, que estava lá na sua existência, como uma memória arrancada. O vazio do banzo contornava-a a tal

ponto que ela não se reconhecia na própria existência. Conhecer a história de nossos ancestrais, suas epistemologias e ter ciência de que muito deles está em nós, é como recobrar uma memória adormecida dentro de cada indivíduo. Embora tenhamos vivências distintas, há um caminho no passado que nos liga. A partir desta reflexão, retomo o questionamento de pesquisa que me fez dar início a este trabalho: pode a ancestralidade ser um caminho de combate contra o racismo estrutural?

Como vimos anteriormente, os ancestrais não são protagonistas do nosso mundo atual, mas podem nos aconselhar, e por meio deles podemos traçar novas caminhadas e novas encruzilhadas. A ancestralidade pode ser um caminho para o combate ao racismo estrutural, pois por meio dela muitos indivíduos podem entender quem são, de onde vieram e aprender a, em conjunto, buscar novos caminhos. Entender quem se é também pode possibilitar novas visões de mundo, reivindicar direitos e, sobretudo, em comunhão, traçar visões e percepções críticas da sociedade para um futuro diferente do que muitos indivíduos negros estão sendo obrigados ou a que estão fadados. Quanto menos pessoas compreendem onde estão, mais ocorre o que Abdias Nascimento (2019) relata: a memória do negro brasileiro sofre apagamentos. Entretanto, é importante compreender que a ancestralidade não age simplesmente sozinha; não é como fazer magia. Ela pode (ou só pode?) agir por meio das pessoas. Quando os *griots* ensinavam por meio da palavra, era a partir deles que outras pessoas aprendiam. Assim como os *griots*, é importante que aprendamos e passemos conhecimentos.

Retornar à questão da importância do lugar de escuta também faz lembrar a importância de pensar a ancestralidade como lugar de enunciação, reflexão realizada durante o segundo capítulo deste trabalho. Essa reflexão nos leva a pensar em algo muito importante: a ancestralidade atua não apenas por e pela linguagem; é a partir dessa percepção que remontamos à importância do que ressalta Bakhtin (2011) sobre a compreensão. Além de ser prene da resposta, ela, por si mesma, já é dialógica. A obra de Conceição Evaristo nos faz lembrar que a ancestralidade é um lugar potente de escuta; ouvir a ancestralidade e ter a sua orientação é o caminho primordial para compreender e viver o agora, numa sociedade que apenas nos impulsiona para o futuro e provoca ansiedades e inseguranças.

A compreensão de que só se vive o agora e de que o passado é o tempo de maior segurança, pois nele já se tem a certeza e a visão de tudo o que ocorreu, permite-nos trilhar nosso presente com segurança. Viver a ancestralidade, seja retomando a história que foi negada devido ao processo de Colonização ou dentro das religiões de matrizes africanas, conversando diretamente com os ancestrais, é estar sempre entre o passado e o presente, entre o passado e o

futuro; apenas assim pode-se ter a ciência de um futuro seguro. A questão é que tudo isso apenas é possível por meio da linguagem, pois assim como nada existe fora dela, a ancestralidade também é força motriz de linguagem e, sobretudo, da oralidade.

Nas religiões de matrizes africanas, as pessoas não aprendem a importância de cada cantoria, de cada batida, de cada palavra e de cada elemento para uma oferenda sozinhas, mas observando outros, ouvindo outros e, para que se possa praticar tudo o que foi observado anteriormente. Por isso, como mencionei anteriormente, a partir das teorias sobre o espectador emancipado de Jacques Rancière, o autor não estava incorreto ao defender que a emancipação também pode ocorrer a partir do olhar. Entretanto, assim como a escrevivência, nas religiões de matrizes africanas, a observação, a escuta e a compreensão conduzem-se com a prática. Portanto, tanto a escrevivência, que traça um caminho de emancipação pela via da ancestralidade, como a própria ancestralidade chamam, sobretudo, para o lugar de escuta e o lugar de ação, assim como da prática. Esta dissertação, por exemplo, sendo uma metaescrevivência, também pode chamar para a prática ao defender, por exemplo, um caminho de emancipação e combate ao racismo por meio da ancestralidade. Ao ser publicada, pode reverberar em diversos trabalhos, novas reflexões, novos posicionamentos. Consequentemente, não se pretende que as discussões estejam fechadas apenas nas academias.

Portanto, faz-se necessário compreender que não é a ancestralidade que vai combater o racismo estrutural, mas as pessoas a partir dela; e a escrevivência pode ser um caminho fecundo para tal. Com isso, para finalizar, convido todos para a ação, mas a ação que advém do conhecimento. Convido todos a observar e a buscar a herança que cada um de nós recebeu. A exemplo da herança que Ponciá recebeu, a nossa é, muitas vezes, simbólica e até espiritual; e esse termo é aqui citado, notadamente, a partir do ponto de vista religioso. A herança, principalmente para as pessoas afrobrasileiras, é compartilhada. Assim como a escrevivência tem seu fim no outro, e a ancestralidade é uma via de emancipação para ela, a escrevivência também pode ser tão compartilhada quanto necessário. A ancestralidade é, pois, uma herança coletiva que pode nos emancipar. Está lançada a proposta e o desafio!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural** Belo Horizonte: Letramento, 2019.

BÂ, Amadou Hampatê et al. A tradição viva. **História geral da África**, v. 1, p. 167-212, 2010.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. Martins fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BERND, Zilá. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e sendo comum**. Tradução: Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Forbes Santiago. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. Tradução: Waltensir Dutra. – 7. ed. – São Paulo: Martins Fontes – Selo Martins, 2019.

EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo 6º homenageada da Olimpíada de Língua Portuguesa. [Entrevista concedida a escrevendoofuturo.org.br] Suzana Camargo. Escrevendo o futuro, maio, 2019. [Conceição Evaristo, homenageada da 6ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa - Portal da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro](#) – Acesso em: 11/12/23.

EVARISTO, Conceição. Nasci rodeada de palavras. [Entrevista concedida a escrevendoofuturo.org.br] Esdras Soares e Tereza Ruiz. Escrevendo o futuro, agosto, 2017. [Nasci rodeada de palavras - Portal da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro](#) – Acesso em: 11/12/23.

EVARISTO, Conceição. Os vinte anos da grande obra de Conceição Evaristo. [Entrevista concedida para o geledes.org] Outras palavras por Eliana Alves Cruz do Suplemento Pernambuco, agosto, 2023. <https://www.geledes.org.br/os-20-anos-da-grande-obra-de-conceicao-evaristo/> - Acesso em: 04/01/2024.

EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo vence troféu Juca Pato de Intelectual do Ano. [Entrevista Concedida para o geledes.org] por Jamil Chade, do Uol, setembro de 2023. <https://www.geledes.org.br/conceicao-evaristo-vence-trofeu-juca-pato-de-intelectual-do-ano/> - Acesso em: 04/01/2024.

EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo: a escrevivência das mulheres negras reconstrói a história brasileira. [Entrevista concedida ao geledes.org], por Morgani Guzzo, da Catarinas. <https://www.geledes.org.br/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-das-mulheres-negras-reconstrui-a-historia-brasileira/> - Acesso em: 04/01/2024.

EVARISTO, Conceição. Biografia disponibilizada pela Literafro [Portal de literatura da Universidade Federal de Minas Gerais], atualizado em dezembro de 2023. <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo> - Acesso em: 04/01/2024.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. 4. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: **Escrevivência; uma escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Org. Constância Lima Duarte; Isabela Rosado Nunes; Goya Lopes. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina comunicação e arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Revista Scripta**, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009.

EVARISTO, Conceição. Da representação à autoapresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. **Revista Palmares**, v. 1, n. 1, p. 52-57, 2005.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Trad. Ligia Fonseca Ferreira, Regina Salgado Campos. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola, 2009.

MARTINS, Leda. Performances da oralitura. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Santa Maria**. Língua e Literatura: Limites e Fronteiras, n. 26, 2003.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: Processo de um racismo mascarado**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo: documentos de uma Militância Pan-Africanista**. 3. ed. rev. São Paulo: Perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

OLIVEIRA, Eduardo. **Cosmovisão africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente**. Editora Apeku, 2021.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira**. Editora Apeku, 2021.

OLIVEIRA, Eduardo David de. Filosofia da Ancestralidade como Filosofia Africana: Educação e cultura afro-brasileira. **Revista Sul Americana de Filosofia e Educação RESAFE**, 2012. <<https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/4456>>. Acesso em: 03/12/2021.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. Buenos Aires: CLASCO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: Editora WMF e Martins Fontes, 2012.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. Trad. Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental org.; Editora, 34, 2009.

RIBEIRO, Ronilda Iyakemi. **Alma Africana no Brasil**. Cidade?: Odudwa, 1996.

SERBENA, Carlos Augusto. Imaginário, ideologia e representação social. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, v. 4, n. 52, p. 2-13, 2003.

SAER, Juan José. **O conceito de ficção**. Trad. Lucas Lazaretti. 1. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2022.

SOMÉ, Sobonfu. **O espírito da intimidade: Ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar**. São Paulo: Odysseus, 2003.

SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré. **Literatura afro-brasileira**. Salvador: Centro de estudos afro-orientais, 2006.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas**. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

WALCZUK, Magdalena. Literatura negra e/ou afro-brasileira: uma tentativa de conceituação. **Studia Romanica Posnaniensia**, v. 46, n. 3, p. 31-44, 2019.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção e leitura**. Tradução: Jerusa Pires Ferreira, Suely Fenerich. São Paulo: Ubu, 2018.